

Racionalismo
Cristão

Edição Internet

ÍNDICE

<u>Introdução.....</u>	<u>1</u>
1. <u>Traços Gerais.....</u>	<u>6</u>
2. <u>Força e Matéria.....</u>	<u>28</u>
3. <u>Grande Foco</u>	<u>34</u>
4. <u>O Espaço.....</u>	<u>46</u>
5. <u>O Espírito.</u>	<u>57</u>
6. <u>Encarnação do Espírito.....</u>	<u>63</u>
7. <u>Desencarnação do Espírito</u>	<u>80</u>
8. <u>O Pensamento.....</u>	<u>98</u>
9. <u>O Livre Arbítrio.....</u>	<u>105</u>
10. <u>A Aura</u>	<u>110</u>
11. <u>A Evolução</u>	<u>114</u>
12. <u>O Valor.....</u>	<u>120</u>
13. <u>O Caráter</u>	<u>126</u>
14. <u>A Família.....</u>	<u>130</u>
15. <u>Educação dos Filhos.....</u>	<u>137</u>
16. <u>Fenômenos Físicos e Psíquicos</u>	<u>142</u>
17. <u>A Mediunidade</u>	<u>147</u>
18. <u>A Obsessão</u>	<u>154</u>
19. <u>A Desobsessão.....</u>	<u>165</u>
20. <u>Síntese dos Princípios Racionais</u>	<u>169</u>
<u>Conclusão.....</u>	<u>172</u>

INTRODUÇÃO

Esta obra – base do Racionalismo Cristão – não é para ser lida como uma historieta qualquer e abandonada, senão esquecida, após a leitura.

Trata-se de trabalho sério de pesquisa e elucidação para estudo e consulta constantes, capaz de abrir novos horizontes ao ser humano com a amplitude da visão panorâmica que coloca diante dos seus olhos perspectivas até agora inimaginadas por ele, que poderão contribuir para imprimir nova orientação, novos rumos à sua vida, e fazer com que ela se modifique, a cada passo, para melhor, alcançando um sentido mais prático, mais amplo, mais profundo, mais objetivo, mais seguro e autêntico.

Todas as pessoas – não há quem não o reconheça – têm necessidade de pautar os seus atos por um regime educacional estruturado em princípios de elevada moral.

Entende-se por moral a conduta subordinada a normas que representem a mais alta expressão da espiritualidade ambiente, capaz de servir de padrão e exemplo no meio em que elas vivem.

Urge que cada um cumpra o seu dever fazendo a parte que lhe compete – com a atenção, os olhos, a alma voltados para o fim principal da encarnação, que é o aprimoramento, a evolução espiritual – sem querer saber se os outros também o estão cumprindo ou não.

* * *

Viver para a matéria é a tendência geral do espírito, depois que encarna. Isto, evidentemente, enquanto não adquirir – à custa de duras provas e penosas experiências em inúmeras encarnações – um certo estado de consciência da vida, a que todos chegarão, mais cedo ou mais tarde, pelo crescimento da espiritualidade.

No estado atual, a humanidade pode ser classificada em dois grandes grupos: o dos espíritos adoradores e o dos independentes, com divisões que correspondem à escala do progresso adquirido no curso de sucessivas encarnações.

O grau de espiritualidade média encontra-se na faixa de transição intermediária que separa o campo dominado pela mentalidade adoratória daquele em que a personalidade se destaca pela firmeza do caráter, independência de atitudes e insubordinação a tudo quanto a sua consciência esclarecida reprove.

Assim encarado o aspecto fundamental da evolução do ser humano, fácil é divisar a linha média da espiritualidade que separa, simbolicamente, as duas camadas ou os dois campos aferidos por uma escala de graduação ascendente, onde se registram e tornam claras as diferenças existentes entre os valores espirituais inferiores e os superiores.

Classificados na camada inferior, estão os silvícolas – uma das primeiras fases da evolução em forma humana – seguindo-se-lhes os que se entregam a práticas esdrúxulas de adoração, dominados por cego fanatismo.

Na faixa de transição, confundem-se os espíritos encarnados ainda presos à idéia subalterna de um deus protetor e paternal, mas já libertos das cadeias mais fortes do fanatismo primário e embrutecedor, com os que, rejeitando as genuflexões contemplativas e as atitudes bajulatórias e subservientes, procuram conduzir-se com retidão e valor.

Nos espíritos integrantes da camada superior refulgem as vocações idealistas, destacando-se não só o alto interesse que nutrem por toda a humanidade, como o domínio das vibrações produzidas pelos conflitos humanos, principalmente na etapa final da evolução terrena, em que a sua espiritualidade se revela acima da mentalidade comum existente no planeta.

Encarnado ou desencarnado, o ser é sempre um espírito – partícula da Inteligência Universal – estando, quando encarnado, sujeito às contingências da vida terrena, algumas das quais escapam inteiramente à sua vontade.

Daí a necessidade de ser encarado com simpatia e elevação de sentimentos o semelhante que se ache em situação desfavorável em qualquer região do planeta, pois toda a humanidade constitui uma única família a habitar, passageiramente, este mundo, para realizar o seu progresso espiritual.

Humanização deve ser o lema comum, e cooperação, colaboração e confraternização representam os elementos capazes de destruir a animosidade entre os homens.

O espírito é um operário que participa com seu esforço, inteligência e operosidade, da evolução geral. Ele trabalha diretamente para o conjunto, e indiretamente para si mesmo. Esta asserção é verdadeira, quer se refira ao encarnado quer ao desencarnado. No trabalho em corpo astral, o conjunto é o Universo; no labor em corpo carnal, esse conjunto é, principalmente, a humanidade.

Por mais agitadas que sejam as conturbações terrenas, cumpre ao espírito encarnado pensar com elevação e proceder com humanidade. Num mundo-escola como é este planeta, não se pode recriminar o aluno do primeiro ano por não saber tanto quanto o do quinto.

Os que aqui estagiam, por pertencerem à mais variada graduação espiritual, agem sob um estado correspondente ao seu grau de evolução e não vão além das suas possibilidades.

Estão errados, pois, os que se julgam perfeitos em matéria de espiritualidade, como acontece com muitos religiosos.

Aos que vivem realmente impregnados de idéias de santidade, é difícil fazer conciliar essas idéias com a classificação das diversas categorias espirituais apontadas nesta obra.

De nada lhes valerá, porém, fecharem os olhos à verdade, porque à custa de novas encarnações, de longas e prolongadas meditações, de estudo, de sofrimento, de trabalho e experiência, terão de conquistar os graus de espiritualidade que lhes faltarem para alcançar o conhecimento da realidade, com a força de convicção resultante da evidência dos fatos.

Espiritualidade e intelectualidade são atributos diferentes que o ser humano aprimora independentemente, podendo avançar mais no desenvolvimento de um ou do outro, no curso de cada encarnação. Indispensáveis, ambas, à evolução do espírito, terão de ser alcançadas com esforço e determinação.

O desenvolvimento espiritual obedece, como o intelectual, a uma complexidade de aptidões, de conhecimentos, de experiências que o espírito só pode obter encarnando, muitas e muitas vezes, em vários lugares.

Todos sabem que os povos diferem uns dos outros, até mesmo de região para região. Essa diferença é mais acentuada, ainda, de país para país, onde se verificam hábitos, costumes, tendências, gostos, inclinações e temperamentos bastante desiguais.

Em cada um desses aglomerados humanos, o espírito conta com determinadas condições para desenvolver faculdades que sente estarem atrasadas, se colocadas em confronto com o desenvolvimento, já adquirido, de outras.

Todos os fatos que parecem incompreensíveis, quando ocorridos numa região do globo onde as tendências não são as mesmas, têm explicação natural, por obedecerem ao plano geral da evolução e estarem enquadrados nas leis da relatividade.

Nenhum indivíduo possui somente defeitos ou qualidades. Ambos os atributos fazem parte da sua personalidade moral. A luta que empreende tem por fim reduzir os defeitos e aumentar as qualidades, desde quando começa a despertar para o lado evolutivo da vida.

Assim como uma soma de indivíduos representa um povo, a sua formação moral indica o resultado parcelado das qualidades e defeitos desse mesmo agrupamento social. Por assim ser é que cada um dá a sua maior ou menor contribuição para a variação do nível moral do povo, em cujo meio deliberou encarnar.

A evolução do espírito é o resultado do seu esforço, da sua vontade, das suas aspirações de progredir. Nela ocorrem, porém, freqüentes pausas, devidas à intolerância e ao comodismo do espírito encarnado, principalmente se ele não se vê muito assediado pelas dificuldades.

Mas quando as atribulações vêm – e não deixam de vir, para sacudir, para despertar – aí, sim, sente-se o indolente perplexo, atordoado pela insegurança que constata no vácuo por ele próprio criado no interior da sua existência.

Chegando a este ponto, deve estar o leitor interessado em saber o que aconselha o Racionalismo Cristão.

Seu interesse vai ser amplamente atendido nas páginas que se seguem, em que verá, pormenorizadamente equacionados, os problemas da vida, numa linguagem franca, simples, desartificial e objetiva, como convém à verdade, e sentirá, através de cada palavra, de cada linha, de cada página, de cada capítulo, o calor da mensagem que o Racionalismo Cristão dirige a toda a humanidade, com que espera contribuir para que a paz entre os homens se estabeleça e o mundo se torne fraterno, cristão e espiritualizado.

1. TRAÇOS GERAIS

Antes da divulgação da matéria tratada nesta obra, julgamos oportuno registrar alguns conceitos espiritualistas de autores que se impuseram à admiração do mundo pelos extraordinários recursos de inteligência e sabedoria de que eram dotados.

A tais conceitos, como se verá, não tem faltado o apoio, desde as mais remotas eras, de grandes valores humanos, seriamente preocupados com o estado geral retardatário da humanidade.

Alguns, de avançada evolução, reencarnaram para lançar a semente da doutrina que o Racionalismo Cristão hoje explana, destinada ao esclarecimento e conseqüente espiritualização dos habitantes deste planeta.

Campeia por toda parte, ainda agora, uma deplorável ignorância a respeito das coisas espirituais, sendo fora de dúvida que a humanidade tem sido, consciente ou inconscientemente, a grande vítima dessa ignorância.

Não são poucos os espertalhões que têm, em todos os tempos, dela tirado proveito. O ser humano precisa, por isso, ser despertado para a luz, para o conhecimento de si mesmo, para a compreensão racional da vida, a fim de poder desempenhar, com mais eficiência, a sua tarefa terrena.

Conhecidos espiritualistas vêm clamando, há muito, contra o erro multissecular de ocultar à humanidade a Verdade, e de conservá-la na mais completa ignorância a respeito dos princípios que explicam a sua própria existência.

“A ignorância da Verdade é um dos maiores males que afligem o mundo”, afirmou Platão.

Jesus secundou-o, quando disse *“que só a verdade poderá libertar a humanidade das garras da ignorância e prepará-la para o cumprimento do dever.”*

Observe-se que a magnífica lição que Descartes dava, mais tarde, sobre a Verdade: *“Distinguir o falso do verdadeiro é o único meio de ver claras as ações e de caminhar, com segurança, nesta vida. Um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode ter é tão necessário para regular os nossos costumes, como o uso dos olhos para guiar-nos os passos. Trabalhar para bem pensar, eis o princípio da moral.”*

O princípio da moral a que se referira Descartes está resumido nestas belas e judiciosas palavras de Cícero, com relação ao homem de bem: *“Observar, pontualmente, todas as regras que podem constituir o homem honrado é o mesmo que satisfazer todas as obrigações e cumprir todos os documentos que respeitam a todas as partes e a todas as ações da vida, somente podendo ser o homem honrado, à medida que as observa.”*

“Tudo o que se pode chamar de honrado reduz-se a quatro princípios: consiste o primeiro na perspicácia do espírito, que nos obriga a buscar e a descobrir a verdade. A esse, chamamos Ponderação.”

“O segundo é aquele que se encaminha a guardar as leis da sociedade humana. É a fé dos contratos, dando a cada um o que é seu. A esse, chamamos Justiça.”

“O terceiro sintetiza-se na grandeza de ânimo que não nos deixando abater, faz-nos capazes das maiores empresas e nos assegura a firmeza contra os mais terríveis acidentes. A esse, chamamos Valor.”

“O quarto resume-se na ordem e nas medidas justas e exatas que devemos guardar em todas as nossa ações e palavras. A esse, chamamos Moderação.”

Para Horácio, homem honrado é o que se vence a si mesmo, aquele a quem a morte, a pobreza e os trabalhos não atemorizam e

que, sabendo reprimir os seus desejos intemperados, despreza as honrarias.

Hoje, como no passado, os que estudam os problemas e os conflitos humanos – e entre esses estudiosos se encontram, destacadamente, os praticantes do Racionalismo Cristão – sabem que somente pela educação espiritual poderá fazer-se de cada criatura um ser pacífico e verdadeiramente honrado.

Para isso, entretanto, há necessidade de varrer do senso comum o mundo de falsidades com que a vida tem sido pintada.

É indispensável o desfazimento das idéias e dos ensinamentos inverídicos sobre a existência humana, que tanta confusão têm produzido no espírito entre aqueles que buscam a Verdade.

Somente estarão em condições de alcançar o ideal da plena honradez os seres que são rigorosamente verdadeiros.

Poderão ser porventura verdadeiros os que ignoram, os que desconhecem, os que nada sabem a respeito da Verdade, do que somos espiritualmente e do que estamos fazendo neste mundo? Claro que não!

Nenhuma ilustração é completa quando não transmite ao ser humano o conhecimento de si mesmo. Esse conhecimento deveria constituir o ABC da vida.

Ora, o ABC – para a aprendizagem de ler e de escrever – é ministrado às crianças tão logo ingressam nos jardins de infância ou nas escolas primárias.

E o ABC para o conhecimento do que é ainda mais importante e fundamental, o próprio Eu – remoto, presente e futuro – de que dependem a saúde, o bem-estar e a felicidade (e com isso um mundo menos agressivo, menos intolerante e mais justo e compreensivo), esse ABC jamais foi dado explicitamente a conhecer à humanidade!

É triste, é lamentável que tal coisa tenha acontecido, uma vez que de posse de tão úteis, tão necessários, tão valiosos e

imprescindíveis conhecimentos, não andaria o ser humano, há muito tempo, a mendigar a proteção e o amparo de supostos deuses paternais, porque teria aprendido a confiar em si próprio e a buscar amparo e proteção no poder imenso da sua vontade e na força invencível dos pensamentos.

A lei da reencarnação – que as organizações religiosas tanto fazem para ocultar aos seus adeptos, num deplorável atentado contra uma verdade tão elementar, que é a evolução – é aqui ampla e minuciosamente explicada.

Mas não se pense que o Racionalismo Cristão está fazendo, com esta divulgação, uma revelação inédita.

Três mil anos antes de Cristo, Krishna já proclamava, na Índia, a existência da Inteligência Universal, sustentando a imortalidade da alma e a sua evolução, através de múltiplas reencarnações.

E esclarecia o grande pensador: *“O corpo é finito, porém a alma que o habita é invisível, imponderável e eterna.”*

Tratando da reencarnação, observava: *“Quando o corpo morre, se o ser foi esclarecido, a alma ascende às regiões dos entes puros que possuem o conhecimento da vida. Mas se a alma, quando encarnada, se deixou dominar pelas paixões, pelos desejos intemperados, é então de novo obrigada a voltar à Terra, para recuperar o tempo perdido.”*

Nessa ordem de idéias, prosseguia: *“Eu e vós outros temos tido múltiplas reencarnações. As minhas só de mim são conhecidas, enquanto que vós não conheceis nem as vossas. Os males com que atormentamos o próximo, perseguem-nos como a sombra ao corpo. As obras, cujo móvel é o amor ao semelhante, devem ser ambicionadas pelo justo, porque são as que concorrem para a evolução espiritual. O homem virtuoso é parecido com as árvores de nossas florestas, cuja sombra benéfica dá às plantas que as rodeiam a frescura da vida.”*

Hermes asseverava no Alto Egito, muitos milênios antes da era cristã:

a) *“que a Inteligência Universal é a única Força Criadora de tudo quanto existe no Universo”;*

b) *“que os seus atributos são a imensidade, a eternidade, a independência, a vontade toda-poderosa e a bondade sem limites.”*

A respeito da alma, da sua imortalidade e reencarnação, ponderava: *“O espírito do homem tem duas fases: cativo na matéria, e ascensão à luz. Durante a encarnação, perde a recordação de sua origem. Cativo da matéria, embriagado pelos prazeres malsãos da vida, precipita-se, como chuva de fogo, com sensações voluptuosas, através das regiões do sofrimento, do amor e da morte, até à prisão terrena, onde a vida real parece um sonho.”*

“As almas pouco evoluídas permanecem amarradas à Terra por múltiplos renascimentos. As almas virtuosas, porém, elevam-se às esferas superiores onde recobram a vista das coisas reais, nas quais se impregnam da luz da consciência, iluminada pela dor, com a energia da vontade adquirida na luta. Elas se fazem luminosas, pois que possuem a luz em si mesmas, e irradiam essa luz com seus atos.”

Vieram, mais tarde, os gregos Pitágoras, Sócrates e Platão, que também fizeram interessantes dissertações a respeito da imortalidade da alma e da sua reencarnação.

* * *

Essas verdades, posto que conhecidas dos sacerdotes dos templos egípcios, foram por eles cuidadosamente ocultadas aos seus fiéis.

O espiritismo científico vem, em todos os tempos, sendo objeto de preocupação de grandes intelectuais que encontram no seu estudo importantes e indispensáveis subsídios para aumentar a sua cultura.

Em *Evolução Anímica*, afirma Gabriel Délanne, baseado em pacientes investigações: *“Com a certeza das vidas sucessivas e da responsabilidade dos atos de cada um, muitas questões se apresentarão sob outros aspectos. As lutas sociais que tomam, em nossa época, um caráter terrível, poderão ser amortecidas pela convicção de que a duração de uma existência é, apenas, um momento na eterna evolução. Com menos orgulho na classe alta e menos inveja nas baixas camadas sociais, uma solidariedade efetiva nascerá.”*

Para que o leitor possa avaliar o esforço desenvolvido por alguns homens da ciência desejosos de colocar a humanidade ao corrente da verdade a respeito da vida espiritual – quando ainda não estava codificado o Racionalismo Cristão – transcrevemos, a seguir, alguns trechos de um ensaio filosófico de autoria do médico Antônio Pinheiro Guedes, em que, criticando o materialismo dominante, apresenta convincentes argumentos sobre a existência da alma.

Veja-se, inicialmente, o que dizia o Dr. Pinheiro Guedes sobre o sono: *“O sono, quer o natural quer o provocado pela hipnose ou pelos anestésicos, assim como os sonhos e as alucinações, não podem ser explicado de modo compreensível, racional e satisfatoriamente, pelos processo fisiológicos comuns e ordinários da escola organicista ou materialista.”*

“O sono é a supressão das funções de relação; é a suspensão da atividade psíquica, a quase cessação da vida animal.”

“Durante o sono, o corpo repousa e a alma se retempera.”

“O sono, como a vigília, é um modo de ser do vivente, ambos afirmando a existência em antítese: pois que a vida é dupla – vegetativa ou orgânica, animal ou de relação.”

“As Escolas materialistas procuram explicar o sono, quer o natural quer o artificial, provocado ou mórbido, por uma espécie de paralisia do cérebro devida à sua compressão, ora por falta, ora pela superabundância de sangue.”

“Incontestavelmente, tanto a anemia como a congestão o acompanham ou se apresentam no sono; dado o sono natural, provocado ou mórbido, o aparelho cefálico se encontra num desses estados; mas indicar o estado ou a condição de um órgão ou aparelho na realização de um fenômeno ou de uma função, explicar o seu mecanismo ou a maneira de se efetuar, não é determinar a sua causa; são fatos diferentes, que não devem ser confundidos.”

“A observação registra que a perda de sangue em quantidade excessiva e, às vezes, até de uma pequena porção, traz, como consequência, o sono, o delíquio, a síncope ou vertigem e, mesmo, a morte, que é um sono do qual não se desperta.”

“Ainda outras manobras provocam o sono: a inalação de anestésicos, os passes magnéticos, a sugestão, o repouso e até o movimento, quando cadenciado, um canto monótono e a ausência de luz. Tudo isso, todas essas manobras são, apenas, condições para o sono; são, quando muito, causas predisponentes.”

“A causa do sono, a única real, verdadeira, aquela que o determina e impõe, é a necessidade da suspensão da atividade psíquica, a supressão das funções de relação; a paralisação temporária da vida animal.”

“O sono é para a vida animal, o que a fome e a sede são para a vida orgânica: pela fome e a sede, o corpo reclama alimentos, pelo sono, a alma pede alento.”

“Os sonhos e as alucinações são fenômenos puramente psíquicos que não podem ser explicados fisiologicamente; por isso, as teorias

que a ciência materialista criou para os explicar são falsas e até irrisórias.”

“Para elas, os sonhos são produzidos por perturbações do aparelho digestivo! ”

“São o produto de uma atividade inconsciente!”

“São o fruto da superexcitação de certos grupos de células cerebrais, quando outros centros estão em repouso, daí a sua incoerência!”

“Não se lembram os criadores de tais teorias esdrúxulas de que há sonhos autênticos registrados, que foram verdadeiras profecias.”

“Passa-se no sonho o mesmo fato que ocorre no sonambulismo lúcido: a alma do magnetizado vê e ouve aquilo que se dá a centenas de léguas: lê no passado e no futuro. Fatos que o corroborem não faltam: encontram-se nos livros religiosos e nos profanos, nos romances e nas páginas da História.”

“Não se pode aceitar, seriamente, como perversão dos sentidos, a alucinação, a audição de palavras, frases e dissertações em língua que o ouvinte não conhece e que ele repete com dificuldade, ou, ainda, a audição de uma peça de música.”

“Assim, também, a descrição exata da figura de um indivíduo falecido ou ausente que o vidente nunca vira antes, descrição minuciosa do seu porte, feições, atitudes e gestos habituais, o que revela a realidade e prova a identidade da pessoa, embora só a ele visível.”

“São numerosos os fatos desta natureza registrados na literatura médica, na dramática e em outras.”

“Portanto, as teorias inventadas pelos materialistas, para explicar o como e porquê dos sonhos e alucinações, são falsas, não passam de meras hipótese sem fundamento, sem as condições das científicas.”

“Fenômenos puramente psíquicos e fatos espirituais, como certas alucinações, verdadeiros casos de mediunidade, não obedecem às leis orgânicas.”

“As nevroses, e entre elas, principalmente, o sonambulismo, a catalepsia e a loucura, não têm explicação satisfatória e racional fora das teorias, princípios e leis provenientes do estudo dos fenômenos espirituais.”

“Os fenômenos hoje estudados e vulgarizados sob o nome de Hipnotismo e de há muito conhecidos por Mesmer, Puysegur, Dupotet e muitos outros, antes e depois deles; a chamada transposição dos sentidos, a penetração ou leitura do pensamento e sua transmissão, assim como a exteriorização da sensibilidade e outros, não podem ter explicação plausível, racional, científica, senão na existência do corpo astral, corpo anímico ou perispírito, que é constituído pelo fluido etéreo ou fluido universal cuja existência foi, há pouco, demonstrada experimentalmente.”

* * *

Esse mesmo estudioso médico-espiritualista, antevendo o desenvolvimento dos conhecimentos psíquicos da época, predisse que a sua marcha seria feita no campo da ciência, assim se externando:

“A ciência é o conhecimento das coisas, dos fatos e dos fenômenos em si mesmos, em sua natureza e nas suas relações entre si e com tudo o que os cerca: o meio, o ambiente.”

“Esse conhecimento só se obtém pelo estudo metódico, observação atenta e análise minuciosa.”

“É, portanto, a ciência fruto da nossa inteligência, resultado do nosso trabalho; ela visa a um fim, satisfaz uma necessidade do nosso espírito.”

“O espírito sente, incessantemente, necessidade de investigar; é ávido de conhecimentos, quer luz, mais luz, sempre luz!”

“O Universo é infinito; a avidez de luz insaciável; a matéria de estudo, inesgotável.”

“A Ciência Espírita tem por fim: esclarecer-nos sobre os outros mundos, sobre a vida de além-túmulo, provar a existência da alma, sua preexistência e sobrevivência ao corpo, satisfazendo assim uma necessidade iniludível da nossa alma, a aspiração incessante de nosso eu.”

“Ela estuda os fatos extraordinários, mas numerosos, numerosíssimos, que constituem uma ordem de fenômenos até há pouco reputados sobrenaturais, e relegados, por isso, como inobserváveis, indignos de estudo, os quais, entretanto, convenientemente pesquisados, provam a existência do espírito, esclarecem-nos sobre a Vida, pondo sob nossos olhos maravilhados, estupefatos, um outro mundo.”

“Os fatos que constituem o objeto da Ciência Espírita não são sobrenaturais, nem mesmo extraordinários, senão porque escapam à observação dos que não os sabem ver; eles são naturais, como tudo quanto existe no Universo; são comuns, ordinários e até freqüentes.”

“Mas, para vê-los, observá-los, aprender a notá-los e a reconhecê-los, quando e onde quer que se apresentem, era preciso descobrir o instrumento capaz de registrá-los, tornando-os evidentes e palpáveis.”

“Esse instrumento é o médium.”

“Achado o instrumento, estudado em suas aptidões, começaram os fatos a ser observados, a princípio os espontâneos, mais tarde os provocados, no intuito de reconhecer a natureza da causa produtora de tais fenômenos.”

“Como resultado dos estudos espíritos, a imortalidade da alma é estatuída em princípio perfeitamente determinado por provas irrefutáveis.”

“A sucessão das existências ou multiplicidade de vidas corpóreas de uma individualidade consciente, o espírito humano, denominada reencarnação, constitui uma lei a que estão sujeitos todos os espíritos, e é condição essencial ao seu progresso.”

“Assim, pois, a Ciência Espírita visa a um fim, estuda uma ordem de fatos, emprega métodos, processos e instrumentos exclusivamente seus; cria teorias, estatui princípios, estabelece leis; satisfaz, assim, e preenche todos os requisitos exigidos pelos foros científicos.”

“O Espiritismo é, portanto, sem a mínima dúvida, uma ciência. Ciência vasta, profunda, eclética, ele constrói a síntese da vida humana, abrange o ciclo das evoluções do espírito, do início ao infinito.”

“Seus princípios, suas leis, têm aplicação universal; são um fanal no meio das trevas que nos cercam, são um farol no mar tempestuoso da vida.”

“São um farol no mar tempestuoso da vida porque fazem ver um porto de abrigo na calma, na resignação, na paciência; refúgios seguros contra as tempestades morais, conseqüências de nossos vícios e erros; frutos do nosso atraso, do nosso orgulho.”

“São um fanal no meio das trevas que nos cercam, porque, desvendando o mistério de como se opera o nosso progresso moral e intelectual pelo processo da reencarnação ou sucessão das vidas corpóreas; demonstrando a preexistência e sobrevivência da alma humana, rarefaz, adelgaça o véu que oculta à nossa vista uma série de vidas, cada qual menos luminosa, menos limpa de erros, faltas, vícios e crimes o que nos faz compreender porque o mundo é uma escola onde devemos aprender a amar ao próximo como a nós mesmos, e como a reencarnação é uma necessidade, pois que a vida corpórea é um meio de reparação, aproximando um do outro, o ofendido e o ofensor, ou reunindo, em uma mesma família, sob o

véu da matéria e graças ao esquecimento do passado, a vítima e o seu algoz!”

“Provamos, pois, e o fizemos por demonstração analítica, que o Espiritismo é ciência, ciência de observação, na qual também se recorre ao método experimental.”

* * *

Prosseguindo nas suas demonstrações científicas da vida espiritual, Antônio Pinheiro Guedes aprofunda-se no exame da ciência psíquica, estabelece associações com a ciência médica, concluindo que esta precisa ser estudada em correlação com aquela, quando diz:

“Provada a existência da alma, ninguém, de certo, porá em dúvida que é ela quem dirige o corpo, quem o anima e domina: ela vai ser o transmissor, o veículo dos vezos e cacoetes, e também das moléstias.”

“O corpo é para a alma o que a roupa é para o corpo: um agasalho, um abrigo contra as intempéries, um véu sobre a nudez.”

“Nem só o rosto, que se diz ser o espelho da alma, com sua feição particular, a fisionomia, mas o corpo todo, no seu conjunto, pela proporcionalidade das suas formas e por sua atitude, nos impressiona; não há quem o não tenha experimentado, e essa impressão é agradável, simpática ou antipática; mas só a temos em presença de um vivente humano ou animal; a emoção que sentimos ante o morto é mui diversa; é antes um abalo, um choque, um sentimento de repulsa instintiva.”

“Assim, pois, a alma domina o corpo, envolve-o todo e até se revela nas mais simples formas físicas.”

“É, porém, sem dúvida, a cabeça que mais e melhor mostra a influência da alma sobre o corpo, com suas bossas e protuberâncias; a face, sede dos músculos da expressão de nossas emoções, tão bem estudada por Darwin e Duchenne de Boulogne; a boca, larga ou estreita, de lábios grossos ou finos, de comissuras levantadas ou

abatidas, cuja forma, finalmente, traduz, exprime uma variedade quase infinita de sentimentos e idéias; a boca forma e emite a palavra, estereotipando esses frementes estados de alma – o pranto e o riso!”

“E os olhos que são, por seu brilho e transparência, como uns globos cristalinos, onde se refletem, em cambiantes infinitas, as emoções da alma! E até o nariz e as orelhas; finalmente, todas as partes componentes do rosto são deladoras das disposições e tendências do espírito.”

“Lavater, com os seus belíssimos e mui interessantes estudos das fisionomias, em que colaborou o grande Moreau de la Sarthe e, antes deles, Adamantius, médico do século IV; Porta (Giambattista), célebre físico, inventor da câmara escura, que publicou um tratado de Humana Fisionomia, em Sorrento, no ano 1586;

“Lachambre, médico de Luís XIV; o célebre pintor Lebrun, e ainda outros; Gall e Spurzheim, médicos, criando a Frenologia, depois cultivada por Broussais, F. Combe, Vimont e outros; todos eles são intérpretes da ação, da influência e domínio da alma sobre o corpo e precursores no estudo das relações do espírito com o corpo.”

“Esse estudo só o Espiritismo pode tornar completo, fazendo conhecer o modo por que se estabelecem essas relações e como se formam ou se criam as ligações entre o espírito e seu corpo, conhecimento impossível sem o concurso, sem o auxílio do instrumento – o médium.”

“Sabe-se, hoje, que o espírito não só assiste, como preside a formação do seu corpo, transfundindo-se, consubstanciando-se nele pelo perispírito, corpo anímico, molécula a molécula, órgão por órgão durante a gestação, até completar a evolução fetal; e dele toma posse inteira, absoluta, à natalidade, assenhoreando-se então

totalmente do barco que aparelhou para navegar no mar tempestuoso da vida material.”

“Sabe-se, ainda, e isso é racional, cala na consciência, sente-se que deve ser assim, que é o próprio espírito quem escolhe, após demorado estudo na vida espiritual, e busca, segundo as suas necessidades de ordem moral e intelectual, o país, a sociedade, a família, os seus genitores, tudo, enfim, quanto deva e possa concorrer para o seu progresso.”

“Assim, é ele o principal, senão o único responsável pelas contingências, pelas vicissitudes e dificuldades que o assoberbam durante a vida corpórea.”

“Por esse modo, admite-se que o espírito possa transmitir, aceita-se, porque é compreensível, que ele imprima em seu corpo, igualmente com o tipo e a forma, a sua feição característica, suas tendências morais e intelectuais, dando mais desenvolvimento ora aos centros afetivos, ora àqueles que servem à inteligência.”

“Os espíritos, ao encarnarem, trazem consigo as suas vocações, a maior ou menor habilidade para as belas-artes ou para as artes mecânicas, e por isso se diz, e é exato, que a criatura nasce poeta, artista, comerciante, soldado, músico ou médico.”

“São sumamente importantes o papel da família na sociedade e a responsabilidade social dos pais a quem incumbe educar a prole, constituindo o fim principal da educação reprimir ou ao menos modificar as tendências perniciosas dos filhos, que cedo se revelam, e acoroçar e desenvolver as benéficas.”

“O Espiritismo é um poderoso foco de luz cujos raios atingem as fronteiras da esfera intelectual e iluminam todo o ciclo da Vida.”

“Ele esclarece e justifica as chamadas ciências ocultas, explicando racionalmente suas deduções e os porquês da vida astral e física.”

“A História Universal, a vida dos povos, sua natureza, seu caráter, recebem dele a mais viva luz, e a que se esparge sobre as

ciências médicas ilumina todo o seu vasto território, devassando os mais profundos recônditos dos seus domínios.”

“Na Antropologia, distinguem-se: a Anatomia, ciência da estrutura e conformação dos órgãos; a Embriologia, ciência da formação e desenvolvimento do feto; a Teratologia, ciência das anomalias dos indivíduos (os monstros) e dos órgãos (as disformidades); o Espiritismo, que revela, desvenda e põe patente, sob os nossos olhos, o porquê desses fenômenos sempre desagradáveis, ora estupendos, muitas vezes repulsivos.”

“Ele nos faz ver e compreender como uma emoção perturba as funções do aparelho digestivo que, até certo ponto, isto é, no seu mecanismo íntimo, nos seus processos físico-químicos são independentes da vontade; e as do aparelho circulatório que também se efetuam fora dessa alçada, e cujo centro, o coração, tem, entretanto, o ritmo perturbado e pode imobilizar-se, determinando a extinção da vida, ao embate de uma emoção violenta e brusca.”

“Essas funções, como todas as que têm por fim nutrir, reparar, conservar os órgãos e são, por isso, denominadas de vida vegetativa, exercem-se e operam sob o influxo direto e imediato de uma inervação que lhes é peculiar – o sistema ganglionar, também chamado o grande simpático – constituído por uma série de gânglios nervosos (reunião, grupo de células nervosas) ligados, entre si, por cordões igualmente nervosos, compostos de 19 a 25 gânglios para cada lado, que se encontram nas cavidades esplâncnicas (região cervical, caixa torácica e ventre), junto à coluna vertebral, desde o atlas até cóccix, circundando-a como um colar ou cadeia sem fim.”

“Posto que autônomo na sua função peculiar, o nervo trisplâncnico ou grande simpático, não só não se acha separado do sistema cérebro-espinhal, mas vive sob a sua influência, é seu subalterno, está ligado a ele pelos nervos aferentes, cordões

nervosos que, partindo dos nervos cranianos e dos raquidianos ou espinhais, penetram – um por um – todos os gânglios do grande simpático, onde se originam os numerosíssimos filetes nervosos que, acompanhando os canais circulatórios sangüíneos e linfáticos, envolvendo-os, como a hera envolve o muro, e penetrando suas paredes, dirigem-se com eles a todos os órgãos e tecidos do corpo humano.”

“Nestas condições, só indiretamente os órgãos e aparelhos da vida de nutrição recebem influxo do sistema nervoso cérebro-espinhal adstrito à vida de relação, pelo que, para explicar a perturbação das funções digestivas e circulatórias por traumatismo moral, sente-se, reconhece-se a necessidade de um outro agente além dos nervos, capaz de fazer compreender os efeitos de uma ação indireta remota e, posto que impalpável, tão enérgica, tão terrível, que pode fulminar como o raio.”

“Esse outro agente é o perispírito, corpo anímico, por cujo intermédio o espírito se liga, se consubstancia, órgão por órgão, molécula a molécula com o seu corpo, a cuja organização, a cuja constituição e feitura ele assiste, preside, semelhante ao pedreiro que amassa o barro, prepara a argamassa, escolhe e afeiçoa o material com que faz o muro e constrói o edifício.”

“Ao embate de uma paixão violenta, o espírito se conturba, se comove, se confrange, fazendo com que o perispírito se contraia, de acordo com a intensidade do choque, e diminua o seu influxo sobre a molécula material, sobre a célula orgânica, sobre o órgão que, por isso mesmo, perde o calor, a energia, a atividade e até a vida.”

“Assim, desse modo, compreende-se como uma emoção brusca e violenta pode não só perturbar funções, que se não exercem sob o influxo dos nervos da vida de relação, mas até aniquilar o vivente.”

“Eis aí como, com um pequeno raio de luz, o Espiritismo ilumina, esclarece pontos obscuros da Anatomia, da Fisiologia, da

Patogênese e da Embriogenia, até hoje imperscrutados e, sem essa luz, imperscrutáveis.”

“Acaba de ver o leitor como a luz que se irradia dos estudos espíritos penetra nos mais fundos recessos das ciências positivas, como são as antropológicas, fazendo achar a solução racional para os intrincados problemas de fisiologia patológica e embriogenia.”

“Supõe, talvez, que pára aí a força iluminativa do farol, que é o Espiritismo?”

“Se assim pensa, engana-se, como vai ver, e para convencer-se do seu engano, basta uma digressão pelo campo da Nosologia, onde se encontram (principalmente no terreno da Etiologia, um dos mais escabrosos) os mais difíceis problemas das ciências médicas.”

“Aqui o auxílio da ciência espírita é inestimável, pelos recursos com que arma o médico para vencer as maiores dificuldades do diagnóstico, e os esclarecimentos que lhe fornece para explicar a origem de certas moléstias e também a resistência admirável do organismo às causas morbigênicas.”

“Em geral, o indivíduo que é metódico, paciente e calmo, que segue uma norma de vida regular e não é atropelado pelo revolutear da sociedade nem solicitada a sua atividade simultaneamente por uma multiplicidade de coisas, as mais disparatadas, esse tal é sadio, tem a vida longa.”

“As estatísticas da mortalidade pelas profissões são disso a melhor prova.”

“Para eles singra em mar sereno o batel da vida.”

“Aqueles, porém, cuja atividade é despertada e instigada, quase incessantemente, por mil objetos diferentes; que vivem contrariados sob a pressão de sentimentos deprimentes; esses são doentios, sua vida é raramente longa, e concorrem com a maior cifra para o obituário.”

“Esses são os pilotos cujas naves, acoçadas pelas tormentas da vida, muitas vezes soçobram em meio da viagem, porque as ondas

enfurecidas, que são as paixões, gastaram, exauriram as forças, e com elas a coragem, o ânimo do timoneiro, que tomba vencido.”

“A maioria das enfermidades tem suas causas predisponentes no enfraquecimento do espírito que, por seu abatimento, por seu desânimo, não comunica, não transmite ao corpo a vitalidade que nasce da energia.”

“A alegria é expansiva. Ela vigora a circulação, dá calor ao corpo, anima e robustece o organismo, mantém a saúde, prolonga a vida.”

“A tristeza, ao contrário, é reconcentrada. Ela retarda a circulação, arrefece, tira calor ao corpo, desanima e enfraquece o organismo, arruína a saúde, encurta a vida.”

“Mas, como os extremos se tocam e todo o excesso é mau, se a deprimente tristeza é funesta à existência, a alegria, quando excessiva, não o é menos, podendo até fulminar.”

“Tendo mostrado e, assim, feito ver que as conturbações da alma, seu abatimento e desânimo, pelas inúmeras e perenes dificuldades que a assoberbam quotidianamente, são causas que predispõem às moléstias somáticas pelo estado de languidez e falta de energia do organismo para reagir sobre o circunfuso; e nesta designação estão incluídos todos os agentes capazes de modificar o organismo ou alterar a saúde e aniquilar o vivente; quer os de ordem material, quer os de ordem moral — os físicos e os sociais ou sociológicos — passo a mostrar, a tornar visível, palpável, aquilo que, entretanto, já de si é evidente, menos, porém, para os organicistas ou materialistas, isto é, que as Nevroses são moléstias ocasionadas por sofrimentos do espírito ou pura e simplesmente provocadas por espíritos.”

“Dá-se o nome de Nevroses, em Medicina, a estados mórbidos que consistem em perturbações funcionais sem lesões materiais nem causas apreciáveis, que se observam, principalmente, não só na vida de relação, mas também na vegetativa.”

“As Nevroses, com sede no aparelho digestivo, no circulatório e no respiratório, raramente são impulsivas, isto é, são capazes de dominar a vontade: a Dispepsia, a Asma e a Angor-Pectoris; aquelas, porém, que afetam a vida de relação e são constituídas por alteração da motilidade, da sensibilidade ou da inteligência, perturbam, suspendem, alienam a vontade, subjagam a consciência; quase reduzem a criatura humana às condições do bruto, da fera.”

“As primeiras têm por causa uma alteração da função dependente, ordinariamente, de vício diatésico: o herpetismo, a sífilis, a escrofulose, etc.”

“As segundas, que afetam a vida animal, não se filiam a causa alguma orgânica apreciável.”

“Destas, umas, como a Nostalgia e a Hipocondria, são mera exteriorização de estado de alma; outras, traduzem uma desordem nas relações da alma com o seu corpo, como a Catalepsia; outras, ainda, como a Histeria, representam estados complexos, mistos de desordens psíquicas e intervenção de uma vontade ou atividade estranha, invisível — um espírito; outras, finalmente, como a Loucura, na maioria dos casos são fenômenos espirituais, são fatos da vida psíquica. O doente, neste caso, é simplesmente um médium obsedado”

“O fenômeno de possessão, que significa a tomada do espírito encarnado pelo desencarnado, o qual se apossa do organismo bruscamente e com violência, ou lenta e sub-repticiamente e, de um ou de outro modo, na Histeria, é o que constitui o chamado desdobramento da personalidade, que é, antes, uma duplicação do indivíduo, porque não podendo a alma separar-se completamente do seu corpo, pois seria a morte, o que de fato se dá é a subjugação do encarnado pelo desencarnado, o predomínio deste sobre aquele que, não obstante, continua ligado ao seu corpo, na posse dele, posto que contrariado, subjugado.”

“Isso é admissível, compreende-se; ao passo que o desdobramento da personalidade, como diz o organicista, materialista disfarçado, é inaceitável, por absurdo; a unidade é indivisível; o homem é uno, a criatura é indivisa.”

“A Loucura é, na maioria dos casos, uma obsessão; às vezes, simples alucinação dos sentidos, outras vezes desordem da inteligência ou perversão do senso moral; outras, ainda, depressão, quase aniquilamento das faculdades psíquicas, verdadeiro embrutecimento.”

“São estados de alma devidos à ação mais ou menos direta de espíritos desencarnados ou mesmo de encarnados, influenciando sobre criaturas de diversos modos: desde a simples sugestão insistente, perene, tenaz, à ação direta, enérgica, violenta, provocando os chamados ataques.”

“O espírito age movido pelo amor ou pelo ódio, e sob o influxo de um desses sentimentos mas, dominando sua paixão, ele procura captar a confiança da sua vítima: sua ação é intencionalmente demorada, mas branda; incessante, mas delicada; se, porém, a paixão o domina, a agressão é violenta e brutal.”

“Assim se compreende e explica o porquê das formas tão variadas, quase infinitas da Histeria, desde a simples tristeza ou alegria sem causa que as justifique, desde a abstração, o enlevo, o embevecimento e o êxtase, até à loucura; desde o estado em que a vítima canta ou dança, grita e chora sem saber porque, até aquele em que rasga furiosamente as vestes, debate-se e cai por terra, convulsa, em contorções medonhas, horrorosas ou lúbricas, as quais, para serem explicadas racional e satisfatoriamente, só podem ser atribuídas à natureza do sentimento que anima, agita e impulsiona o espírito agressor ou obsessivo.”

“Assim, também, se explicam as formas diversas da loucura, que não podem ser atribuídas a enfermidades do órgão da mentalidade; porque a necropsia, praticada em indivíduos falecidos de moléstias

intercorrentes, logo em começo da loucura, nunca revelou a mínima lesão material do cérebro; sendo certo, entretanto, que se encontram profundas alterações nos cérebros daqueles que sucumbem após longo tempo de sofrimento pela loucura, o que torna bem patente que tais lesões são efeitos e não causa das perturbações psíquicas.”

“Esses fatos podem ser observados e analisados por quem quer que seja.”

“E aqueles que o fizerem sem idéias preconcebidas, sem sujeição a escolas ou seitas, livres de quaisquer peias, hão de reconhecer a sua veracidade.”

“No processo de formação, individualização e aperfeiçoamento do espírito, está a razão de ser dos reinos da Natureza; eles são os laboratórios, as oficinas onde se realiza o trabalho ingente e maravilhoso da criação humana.”

“Cada um dos reinos da natureza consta de regiões diferentes, ocupadas por estados (as espécies) mais ou menos independentes, (distintas) ligados, hierarquicamente, dos mais simples aos mais complexos.”

“A hierarquia depende do número de oficinas; a mais ínfima contém uma única; a mais elevada encerra todas, ocupando-se, cada qual, com um trabalho peculiar, cada uma executando o seu, (as ínfimas separadas e sucessivamente) até que, criadas todas e constituído o laboratório, passam a funcionar simultânea e sinergicamente, concorrendo, cada qual, com o seu trabalho e convergindo os seus esforços para o mesmo fim — a criação.”

“Constituído o laboratório (o vivente) com as oficinas necessárias (as partes componentes do corpo), e estas com os seus mecanismos (órgãos), ele entra em atividade e funciona sempre, incessantemente, enquanto as máquinas funcionam regularmente e até que não possam mais ser reparadas, a menos que um acidente venha a interromper o trabalho de transmissão do movimento,

porque então o laboratório emudece, temporária ou definitivamente.
”

“A reprodução, arremedo ou simulacro da estática (formas, atitudes, feição), é uma espécie de memória, memória física, retentividade de formas, a qual se pode, ou antes, se deve considerar como transformação ou melhor, vitalização da força de coesão que é aquela que conserva e torna permanente a configuração dos corpos: é o atavismo orgânico, corpóreo.”

“O mesmo fenômeno de ordem dinâmica (reprodução do caráter, aptidões e tendências afetivas e intelectuais) é do domínio psíquico, o qual se deve reputar como uma espécie de memória não material, mas mecânica e, portanto, ainda retentividade, que chamarei memória perispiritual, pois que é o corpo anímico quem conserva as modalidades de existências passadas.”

O Dr. Pinheiro Guedes refutou, como se vê, as teorias sustentadas pelas correntes materialistas, inclusive da medicina, contrapondo-lhes os seus conhecimentos espiritualistas hauridos em fontes da mais cristalina essência.

Fê-lo com o sincero desejo de servir à classe médica, a que pertencia, por não ignorar que ela poderia prestar ainda maiores benefícios à humanidade, se acrescentasse aos seus valiosos estudos de fisiologia o resultado das pesquisas, não menos importantes, no campo do espiritismo científico.

O médico que puder ministrar tratamento físico, com o conhecimento das causas ou influências psíquicas que incidem sobre a maioria das enfermidades, é duas vezes médico.

Será necessário assinalar ser a presente divulgação, sinceramente, inspirada no desejo de ver a humanidade reerguer-se para empreender, por caminhos seguros, a marcha da sua evolução, sabendo o que faz e por que o faz?

2. FORÇA E MATÉRIA

Muitas tentativas têm sido feitas no setor das ciências filosóficas para explicar o que são Força e Matéria, na sua concepção genérica.

Destituídas, porém, de base, essas explicações — de um modo geral inconvincentes e insatisfatórias — contribuíram, em muitos casos, para aumentar a confusão e a dúvida existentes no espírito humano não esclarecido, a respeito da vida fora da matéria.

Hoje, entretanto, Força e Matéria constituem tema de simples análise, desde que desdobrado, sem grandes reflexões teóricas, na seqüência dos princípios racionais expostos nesta obra, ajustando-se aos moldes de uma invulgar simplicidade, acessível ao raciocínio comum.

Fora do campo da espiritualidade — que é imenso e inesgotável — jamais poderá alguém encontrar solução para os problemas espirituais.

A definição de Força e Matéria situa-se, pois, dentro da lógica dos fenômenos psíquicos amplamente divulgados pelo Racionalismo Cristão.

Enquanto o ser humano não adquirir pleno conhecimento de si mesmo como Força e Matéria, nenhuma indagação filosófica poderá exercer influência decisiva no apuramento da sua conduta individual.

Quanto mais segura, mais nítida e realística for a compreensão da ação do espírito sobre o corpo físico, vale dizer, da Força sobre a Matéria, mais depressa a clarividência do sentido espiritual revelará ao estudioso as funções vitais da natureza universal.

Em Força e Matéria se resume, se sintetiza, se define, se explica toda a Verdade da vida.

Os princípios reunidos nesta obra apenas encerram a parcela de ensinamentos daquela verdade que está ao alcance da compreensão

humana, desde que a criatura se interesse realmente pelo seu estudo, sem se deixar influenciar pelos ultrapassados compêndios sectaristas.

A apuração dos conhecimentos relacionados com a vida reduz os erros em que tantos incidem.

E o que é a vida, senão a ação permanente da Força sobre a Matéria?

A Matéria não possui atributos. Estes são exclusivos da Força, e como tal se exteriorizam e manifestam na consubstanciação dos três reinos da natureza.

Os atributos, que os seres encarnados manifestam, apenas constituem reduzido número daqueles que podem revelar espíritos mais esclarecidos que, em virtude do seu maior grau de evolução, já não estagiam neste planeta.

A Força mantém o Universo regido por leis comuns, naturais e imutáveis. Comuns, porque são inerentes a todos, sem a mínima exceção; naturais, por decorrerem de uma seqüência lógica no processo da evolução; imutáveis, por serem absolutas, e neste sentido não há lugar para o imprevisto, para o acaso ou a dúvida, imperando — só e sempre — a exatidão, a certeza, a perfeição.

As responsabilidades e os deveres do ser humano — que ele precisa compreender bem para convencer-se de que toda vez que infringir as leis naturais retarda, inapelavelmente, a marcha da sua evolução — estão dentro destes Princípios.

Assim, sem conhecer o processo do seu próprio desenvolvimento espiritual, sem se conhecer a si mesma na sua composição astral e física, não pode a criatura conduzir-se com o necessário aproveitamento, daí resultando ter de submeter-se, em obediência àquelas leis (ainda que por livre vontade e em duras experiências) a uma multiplicidade de reencarnações cujo número seria, de outro modo, grandemente reduzido.

O Universo é composto de Força e Matéria. A Força é o agente ativo, inteligente e transformador. A Matéria, o elemento passivo e plasmável. Ambos, na sua forma original, indivisível, fundamental e imponderável, penetram todos os corpos, estendendo-se pelo espaço infinito.

A Força, agindo em obediência às leis evolutivas, utiliza-se da Matéria, no estado primário desta, e com ela forma corpos e realiza fenômenos incontáveis e indescritíveis que escapam à apreciação comum, considerados os limitados recursos deste Planeta.

No Universo não há nada de novo e também nada se perde. Tudo nele está criado. Há, somente, transformação da Matéria e evolução da Força.

Os inumeráveis corpos compostos em combinações múltiplas de partículas da matéria organizada, nada mais exprimem do que essas transformações.

Composição e decomposição, agregação e desagregação de corpos, são o resultado da ação mecânica da vida.

A ciência química, em suas constantes investigações, classificou mais de *uma centena de elementos básicos* da matéria organizada, dando à partícula fundamental e infinitésima desses elementos o nome de átomo.

Os átomos são cientificamente combinados para formar as moléculas que se classificam, por sua vez, como partículas infinitésimas dos corpos compostos.

Tanto os átomos como as moléculas se mantêm agregados uns aos outros enquanto a força exerce sobre eles a sua ação coesiva, e se desagregam, quando essa mesma força deixa de atuar.

A matéria organizada, ainda que representada por um simples átomo, contém uma soma de energia de extraordinário poder, mantendo-se cada núcleo de alta condensação de força perfeitamente equilibrado com os demais na composição do Todo, em completa uniformidade, cada qual dentro da respectiva classe,

sem nenhuma alteração na sua constituição específica. Isto porque o que as leis estabeleceram não pode sofrer modificações, já que não existem imprevistos para a Sabedoria Excelsa que é una, integral, total.

A Força, utilizando-se da matéria, começa a sua evolução na estrutura do átomo, passando, depois, a uma nova ordem de ação construtiva, na composição das moléculas.

Em todo o constante agregar e desagregar dos corpos, a intensidade da força vai aumentando nesses núcleos infinitésimos com maior acentuação das vibrações da vida, fazendo progredir o seu grau de inteligência.

Completado o ciclo iniciado no primeiro dos três grandes reinos da natureza — o mineral — de onde ascenderam para o vegetal e o animal, passam esses núcleos a constituir-se em microorganismos de ínfima espécie.

Desses microorganismos, partindo da espécie ínfima, empreende a partícula de Força a sua evolução através de outras espécies e de outros organismos de maior desenvolvimento, atingindo sempre formas mais elevadas.

Na molécula e suas subdivisões, a Força Inteligente apenas se torna perceptível por sua expressão vibratória ou de movimento intramolecular. Já nos microorganismos, além daquela vibração, revela ação de movimento exterior — a locomoção.

Assim, de mudança em mudança de um corpo para outro imediatamente superior, vai a partícula da Força evoluindo, até atingir condições que lhe permitam, já como espírito, encarnar em corpo humano, em situação de exercer a faculdade do livre arbítrio e assumir as responsabilidades inerentes a essa faculdade.

Como espírito, encarna inumeráveis vezes, adquirindo sempre mais inteligência, mais luz, mais experiência, mais conhecimentos, mais clara concepção da vida e maior capacidade de raciocínio.

O espírito faz a sua trajetória neste planeta em condições apropriadas ao seu estado de adiantamento, passando em cada reencarnação a viver em meio adequado ao progresso já alcançado, até terminar a parte da evolução que corresponde a este mundo.

O globo terrestre é uma esfera de matéria organizada impregnada de forças que atuam diretamente sobre os átomos, constituindo-os, unindo-os e mantendo-os em equilíbrio, na sistemática de uma complexidade de movimentos.

O átomo está em constante vibração produzida pela energia existente no seu interior, e liga-se a outro átomo pela força de coesão para compor a molécula. É também essa mesma força de coesão que une as moléculas entre si.

De um pólo ao outro da Terra, passam linhas de força que as próprias bússolas denunciam.

A força de gravidade exerce poderosa ação sobre cada átomo, atraindo-o para um centro no interior do globo.

Em todos os movimentos que executa, a esfera terrestre é impulsionada pela força que atua no interior dos seus átomos.

O diagrama seguinte dá uma idéia, ainda que elementar, da associação da Força e Matéria no planeta, para a composição dos reinos da natureza.

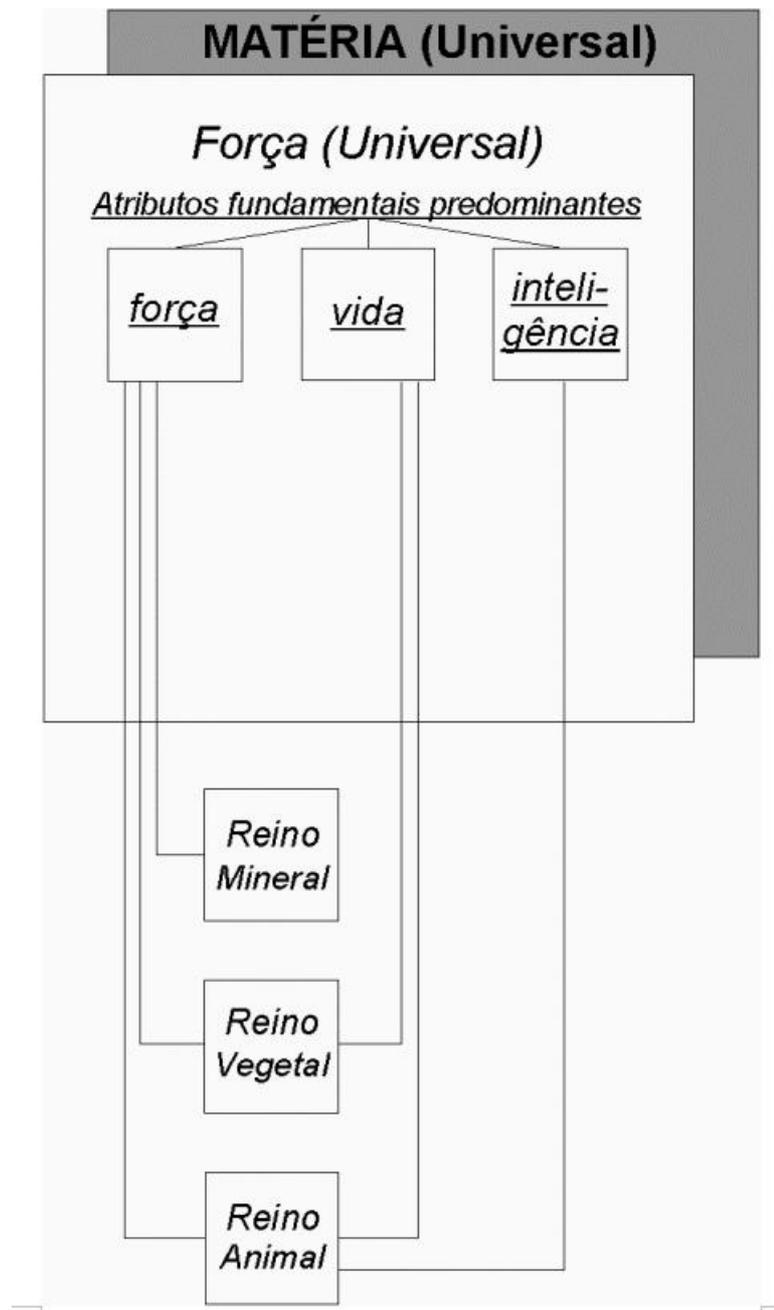
Vê-se, pois, que é a Força o atributo fundamental predominante no reino mineral. No vegetal, a Força e a vida, e finalmente no reino animal — além destes dois últimos atributos — predomina também a inteligência.

Não se deve inferir daí a inexistência de vida no reino mineral nem inteligência no vegetal. Apenas se menciona a predominância dos atributos fundamentais apontados, para facilitar a compreensão do leitor, dada a transcendentalidade do assunto.

O ser humano que quiser demorar-se na investigação deste importante tema encontrará campo aberto para desdobrar o raciocínio, fortalecer as suas convicções e concluir que essas duas

fontes substanciais — Força e Matéria — são o princípio e o fim, são unidades que se tocam nos seus extremos, que correm paralelas e que, na sua incomensurabilidade, abrangem o Infinito e penetram e envolvem o Universo.

As expressões aqui empregadas são relativas, à falta de outras que melhor possam exprimir uma concepção de ordem absoluta.



3. GRANDE FOCO

Deuses e Religiões

Este capítulo é destinado especialmente àqueles que estiverem dispostos a quebrar as algemas sectárias para, pela libertação espiritual, se tornarem capazes de ascender a regiões que o materialismo religioso jamais poderá alcançar.

Compreende-se, perfeitamente, que o índio das selvas não tenha uma concepção da espiritualidade que vá além da mística de adoração ao fogo, ao raio, ao sol ou aos animais inferiores, por lhe faltarem bases de raciocínio para demovê-lo da perplexidade adoratória a que se entrega.

A primeira idéia de deus, repelida pelos mais civilizados e aceita por esses seres primitivos, surge, precisamente, nas condições acima apontadas.

Nenhuma lei natural falha, inclusive a da evolução. No tocante ao espírito, a evolução se processa — como foi explicado — através de incontáveis encarnações, e só por meio delas o raciocínio se vai desenvolvendo no amplo caminho da espiritualidade, sob cuja luz o misticismo perde a forma, o sentido, a significação, para dar lugar somente ao que o bom-senso e a lógica admitem como verdadeiro, com fundamento nas lições aprendidas no volumoso livro da vida.

Tão logo principia a raciocinar, na primeira fase de encarnação em forma humana, o espírito sente, ainda que de maneira vaga e confusa, a existência de uma Inteligência Superior que não é capaz de definir. Nasce, daí, a sua inclinação adorativa, que as condições da ignorância em que vive plenamente justificam.

Ao observador atento não é difícil avaliar o grau de espiritualidade dos seres pela tendência que manifestam para a

adoração, assim como a maior ou menor intensidade dessa tendência.

O modo de adorar e o objeto adorado variam, na medida em que a consciência da vida vai despertando, até chegar ao ponto de poder a criatura repelir o sentimento de adoração.

Adora-se, de um modo geral, para mendigar favores e proteção. A adoração, pois, acusa uma condição de ignorância e inferioridade espiritual.

É no estado primitivo, na condição de selvagem, que o indivíduo sente o primeiro impulso, o primeiro gesto, o primeiro movimento adorativo.

De encarnação em encarnação ascende ele às classes ditas civilizadas conservando esse mesmo sentimento, porém modificado na forma, já que mais polido, mais requintado para satisfazer as condições sociais do meio, mas mantendo, no fundo, o mesmo pensamento e a mesma idéia que o geraram no passado.

As religiões usam sempre aparatos para impressionar os seus adeptos. A maioria deles é destinada a incentivar a adoração.

Deus – Criação Humana

Grupos afins se reúnem para adorar, de um certo modo, um certo deus. Cada povo, cada raça, criou a imagem desse deus à sua própria semelhança.

Um chinês, por exemplo, jamais admitiria um deus com feições ocidentais, assim como um ocidental acharia absurda e até ridícula, a idéia da divindade de rosto asiático.

Os deuses possuem, invariavelmente, os caracteres físicos e mentais dos seres que os conceberam.

Não importa que estes, invertendo a realidade dos fatos, afirmem que foi Deus que criou o homem à sua imagem. A verdade é bem outra, e não é preciso ter grande imaginação para descobrir o logro multissecular de que tem sido vítima a humanidade.

Foi o homem quem imaginou, quem concebeu, quem criou os deuses. Criou-os, mentalmente, com a forma humana e as mesmas qualidades e defeitos que possui.

Nessa criação, estão claramente refletidos os sentimentos dos criadores.

O deus corpóreo figura em todas as religiões. No credo — que é a oração principal de uma delas — aparece com o filho sentado ao seu lado direito, compondo um quadro da vida material comum.

O conceito da divindade, embora variando de raça para raça, não modifica a tendência geral relativamente à concepção do deus-rei todo poderoso, distribuindo prêmios e castigos.

Na Bíblia, no Velho Testamento — livro sagrado e intocável para tantos adoradores — existem várias referências ao deus de temperamento iracundo e vingativo da época.

Esse vergonhoso sentimento, especialmente em um deus, nada mais é do que o reflexo do sentimento do próprio povo que o imaginou.

A indigência de conhecimentos impõe certa condição de dependência. Esta verdade, que se constata na vida terrena, ainda é mais evidente quando envolve questões espirituais.

O que interessa ressaltar, para que fique bem claro, é o modo pelo qual o ser processa a sua marcha evolutiva, em que conquista, passo a passo, a independência espiritual.

Quando a criatura, de evolução em evolução, chegar a compreender que é, como espírito, Força, Inteligência e Poder; quando se convencer de que possui atributos morais para vencer, racionalmente, quaisquer dificuldades; quando adquirir a consciência da sua condição de partícula de um Todo harmônico — dele inseparável — que é o próprio Universo Espiritual, caem por terra, como inautênticas e ridículas, as idéias primitivas do deus protetor ao qual vivia jungida.

As religiões perdurarão enquanto puderem contar com adoradores para protegê-las e sustentá-las. Não importa que os objetos da adoração sejam os astros, as manifestações da natureza, os animais inferiores ou as imagens alegóricas de barro, de madeira ou mesmo de ouro.

A verdade é que os adoradores pertencem todos a uma classe idêntica, embora de diferentes categorias. São candidatos a reencarnações sucessivas neste laboratório psíquico que é o mundo Terra, até que o amadurecimento espiritual os faça compreender a realidade das coisas.

No conhecimento da vida fora da matéria estão os lúcidos elementos de convicção, por meio dos quais o ser humano adquire suficiente valor para libertar-se das falsas concepções que o trazem preso às douradas fantasias dos mistérios, do milagre e do sobrenatural.

Conhecimento Secretos

Já é tempo de a humanidade entender que não existem conhecimentos secretos. Existem, isso sim, interesses secretos, inconfessáveis, e por causa deles a verdade tem sido duramente sacrificada.

É lamentável que, num século de tamanho avanço tecnológico, prevaleça, ainda, arraigada em tantos espíritos a concepção deísta, divinal, de sentido adoratório.

O espírito é Força, é Inteligência, é Poder, com iniciais maiúsculas. Todos, sem exceção, estão sujeitos aos mesmos princípios, às mesmas regras, ao mesmo processo evolutivo. Não há espíritos privilegiados, como seriam os deuses e seus supostos filhos.

A sistemática da evolução enquadra-se no regime das leis naturais e imutáveis que são absolutamente iguais para todos.

Invariavelmente, todos fazem o mesmo curso e percorrem o mesmo ciclo, no que está um alto e meritório princípio de justiça.

Os que hoje rendem culto a um deus abstrato acharão (ao cabo de tantas encarnações quantas precisarem para atingir o necessário esclarecimento) tão tolo esse culto, quanto ridícula os civilizados agora entendem ser a idéia, que também já alimentaram, de adorar deuses representados por elementos da natureza ou animais inferiores.

Para a maioria, deus é uma entidade que se presta a promover castigos, a distribuir graças e a lavar, em caráter eterno ou temporário, condenações ou absolvições.

Grandes espíritos movidos por ideais reformadores baixaram à Terra, encarnando, com enorme sacrifício, para ver se conseguiam a desbrutalização da mente humana que se deixara empolgar pelo sentimento do gozo e dos prazeres apenas materiais.

Esses valorosos espíritos, porém, além de não haverem sido compreendidos, acabaram divinizados pela massa ignara, como aconteceu com Jesus, Buda, Confúcio e Maomé.

Concretizada a idéia da divinização, foram criadas as religiões respectivas que correspondem a várias formas especuladoras de adoração, somando-se, em seguida, os adeptos de cada uma.

Num mundo como este, em que se confundem almas encarnadas de várias classes, e no qual a maioria ainda vive mais para a matéria do que para os valores espirituais, não foi difícil agrupar, sob a flâmula de cada religião, incontáveis legiões de adoradores.

No Brasil e em muitos outros países, adora-se Jesus. Não há, entretanto, qualquer diferença entre tais adoradores e os outros que se voltam para Buda, Confúcio e Maomé.

Por trás das aparências de todos eles, esconde-se a ação subserviente e bajulatória, com a qual esperam receber maiores recompensas presentes ou futuras ou o perdão para as suas faltas.

Essas atitudes constituem uma prática destrutiva de enfraquecimento do próprio caráter.

Se aos seres encarnados, esclarecidos, repugnam as bajulações, os atos de subserviência e os incensos, não é difícil imaginar-se o que isso produziria em espíritos desencarnados altamente evoluídos, se tais sentimentos pudessem chegar a eles.

Os fiéis podem adorar um pedaço de pau talhado com feições humanas, porque o livre arbítrio não lhes nega o direito de satisfazer a sua irracional vontade adorativa.

Nenhum adorador é capaz de dissociar a idéia de adorar da de pedir. A razão é óbvia: adorar e pedir são duas muletas iguais para uma só invalidez mental.

E, note-se: o deus, a quem são dirigidos os pedidos, é de tal maneira desavisado e vive tão alheio, tão arredio, tão indiferente aos problemas humanos, que a sua atenção para esses problemas somente é despertada pelos apelos que recebe.

É preciso que se lhe peça piedade, para que se apiade; que se lhe suplique misericórdia, para tornar-se misericordioso; que se lhe implore a paz, para que pacifique; que se lhe rogue justiça, para que seja justo.

Fanatismo Condenável

Se todo fanatismo é condenável pelo poder que tem de obliterar a razão e impedir que o raciocínio seja exercitado, o religioso é mais nocivo ainda porque, gerando ódios e paixões, é capaz de levar as criaturas a cometerem os atos mais desalmados e os crimes mais abomináveis.

Na história da humanidade, não existem guerras tão bárbaras, tão implacáveis, tão cruentas, tão ferozes, tão brutais, tão espantosamente perversas e desumanas quanto as religiosas.

Jamais o mundo assistiu a ações de tamanha crueldade e vandalismo como as que praticaram os cruzados cujo ódio os levou a despedaçar indefesos e aterrorizados velhos, mulheres e crianças.

A pavorosa noite de S. Bartolomeu e as fogueiras acesas pela Inquisição para queimar vivas, depois de horripelantemente martirizadas e mutiladas, as vítimas do ódio gerado pelo fanatismo religioso no espírito dos próprios sacerdotes-inquisidores, são um exemplo bem ilustrativo dos extremos a que esse fanatismo pode levar o homem.

Na melhor das hipóteses, o fanatismo religioso — e ninguém, por mais que demonstre estar por ele dominado, se considera fanático — enfraquece, aliena e reduz à impotência a vontade humana.

O homem que é, por excelência, um espírito criador, quando influenciado pela falsa idéia do milagre e da ajuda divina, à espera dos quais se detém, inerte, em lugar de esforçar-se para ajudar-se a si mesmo, chega, muitas e muitas vezes, ao fracasso, por não saber utilizar-se de duas forças poderosas que possui e que, se devidamente exercitadas, o teriam conduzido ao triunfo.

Essas forças, que na maioria dos seres jazem ignoradas e adormecidas, se chamam: vontade e pensamento.

Os deuses mitológicos também fizeram milagres, na imaginação fantasista dos adoradores, e daí a autoridade e o prestígio que desfrutaram junto aos seus fiéis.

Não há diferença sensível, por isso, entre os deuses milagreiros da mitologia, e os não menos milagreiros das variadas religiões atuais. Estas apenas progrediram e aperfeiçoaram os métodos de adorar que se tornaram, como já foi dito, mais finos, mais distintos, mais requintados.

Livros Sagrados

As religiões possuem, em regra geral, livros considerados sagrados pelos seus adeptos. Entende-se por sagrado o que é puro,

o que não tem mácula, o que é perfeito e intocável. Dentro desses livros, porém, podem existir os maiores absurdos, a mais clara ofensa ao decoro e ao bom-senso, pode a verdade ser transformada em mentira, o justo em injusto, o honrado em desonrado, pode a lógica sofrer todas as agressões e violências, que nenhuma crítica é admitida.

Lendo tais coisas e observando tantos disparates, o leitor pode estarrecer, mas não tem o direito de falar e, muito menos, de analisar. Na Bíblia, todos sabem, foram alterados diversos textos originais, com o fim de favorecer a um vantajoso sistema capaz de propiciar fundos suficientes para sustento das legiões que o mantêm.

Somente a palavra ‘perdão’, habilmente introduzida naquele livro, tem proporcionado imensa, incalculável renda.

Durante muitos séculos, as religiões propugnaram pela ignorância dos seres. Essa ignorância convinha aos interesses dos orientadores religiosos. Isto porque ricos e ignorantes sempre viveram às mil maravilhas com as seitas religiosas que introduziram na Bíblia este versículo repleto de malícia: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.”

Obsessão Religiosa

A obsessão religiosa tem as suas fontes, suas origens na infância dos seres, quando eles se começam a sentir deslumbrados diante dos quadros que lhes pintam do céu, do inferno, do pai celestial e da coorte dos anjos, arcanjos e querubins.

O que mais os impressiona, sobretudo, são as narrativas dos milagres, das recompensas e dos castigos divinos.

Não é preciso possuir muita imaginação para compreender o que essas fantasias representam no delicado período da formação da personalidade e do caráter do ser humano, e de como elas

contribuem para embotar-lhe o raciocínio e dificultar ou tornar impossível a sua expansão no amplo terreno da espiritualidade.

Dentre os mais graves erros das religiões, ocupa lugar de destacado relevo o perdão para as faltas e, até mesmo, para os crimes cometidos por seus adeptos.

A absolvição dos pecados satisfaz ao rebanho, produzindo grande alívio na consciência deste. A alma fica supostamente livre da culpa. Com essa impunidade que a absolvição lhe assegura, não hesita em cometer novas faltas, novos erros, novos crimes, dos quais sabe que receberá a absolvição quando lhe for dada a extrema-unção, no momento final.

Resgatam-se as dívidas morais com as confissões, como as mercantis com o dinheiro. E o bom pagador tem sempre aberto o crédito para novas operações.

É comum atribuir-se a deus, cujos desígnios afirmam ser impenetráveis, a responsabilidade de grande parte das coisas que acontecem na Terra.

Dessa maneira, se desencarna uma pessoa da família, foi deus quem a levou. Se acontece um desastre, deus assim o quis. Se alguém escapa de ficar sob as rodas de um automóvel, a deus passa a ser creditado o salvamento da quase vítima.

A individualidade fica sempre subordinada à ação de uma terceira entidade, e essa subordinação exerce esmagadora influência negativa sobre o espírito humano.

Por aí se vê quanto as religiões são incapazes de transmitir aos seus adeptos a verdadeira noção da vida espiritual, pela completa ignorância em que se mantêm com relação à existência da vida fora da matéria.

Por que Negar a Reencarnação?

Por que as religiões ocidentais tanto se empenham, tanto se esforçam, tanto se obstinam em negar a reencarnação? Por que tão

intransigentemente a combatem, a despeito das gritantes e insuspeitas provas da sua existência real? Por que persistem no desconhecimento de tantos e tantos fatos que exaustivamente a comprovam, de que está cheia a história da humanidade?

A resposta é fácil: reencarnação e salvação são idéias que se atritam, que se agridem, que se chocam, porque antagônicas e irreduzivelmente inconciliáveis.

Ora, no conceito de salvação – intimamente ligado aos favores do perdão – está precisamente a base em que se apóiam essas religiões.

Se as organizações religiosas revelassem a verdade aos seus adeptos no tocante à fantasia dos perdões, da salvação eterna, da mansão celestial, do divino pai, do inferno, do demônio, do purgatório e de tantas outras invencionices, nenhuma delas se manteria de pé.

Desapareceriam as fontes de renda representadas pela indústria dos santos de madeira e de barro, das relíquias, dos dízimos do ‘senhor’, das esmolas para os ‘santos’, das rezas e de muitas outras práticas artificiosas.

Quando o indivíduo se convencer de que se praticar o mal terá, inapelavelmente, de resgatá-lo, sem possibilidade de perdão; que numa encarnação se prepara para a encarnação seguinte; que esta será mais ou menos penosa consoante o uso que tenha feito do seu livre arbítrio, na prática do bem ou do mal; que as ações boas revertem em seu benefício e as más em seu prejuízo; que não pode contar com o auxílio de ninguém para libertá-lo das conseqüências das faltas que cometer e que terá de resgatar com ações elevadas – qualquer que seja o número de encarnações para isso necessárias – por certo pensará mais detidamente, antes de praticar um ato indigno.

Os que sabem avaliar o peso da responsabilidade que arrastam com os próprios atos fazem todo o possível para firmar-se nos

ensinamentos reais que transmitem o conhecimento da Verdade, rompendo com as entorpecentes mentiras religiosas.

Despertar para a Realidade

O Racionalismo Cristão – sem outra idéia, outro intuito, outro interesse que não seja o de fazer a humanidade despertar para a realidade da Vida – propõe-se a revelar-lhe os esclarecimentos de que ela necessita para sair da obscuridade espiritual em que ainda se encontra, tão danosa, tão prejudicial à sua evolução.

Por não ser religião, mas escola espiritualizadora, não possui esta doutrina deuses nem adoradores.

Almas libertas da escravidão sectária, os estudiosos do Racionalismo Cristão aprenderam a confiar em si mesmos, na sua capacidade espiritual e no poder da vontade para lutar e vencer.

Não são, por isso, adoradores, nem pedinchões, nem lamuriosos, nem farrapos mentais. Todos sabem que são grandes os obstáculos que surgem a cada passo, no caminho da vida, mas que os poderão vencer com os próprios recursos morais de que dispõem.

Em toda esta obra se ensina que o espírito é uma minúscula fração da Inteligência Universal, evoluindo. Nela também se demonstra ser o Universo constituído de Força e Matéria, enchendo a Força, que incita e movimenta todos os corpos, o Espaço Infinito.

É ela apresentada, nesta obra, sob uma denominação comum: Força, Inteligência Universal ou, ainda, Grande Foco.

Força é a expressão empregada quando a sua associação com a Matéria, e Grande Foco quando se quer exprimir o Agente Universal, na sua concepção infinita. São, porém, termos sinônimos, de igual sentido.

Ninguém, por mais sofista que seja, poderá apontar em qualquer dessas duas expressões a mais ligeira afinidade com o vocábulo ‘deus’, já tão desmoralizado pelo sentido mesquinho e materialista que lhe emprestam os adoradores de todas as religiões.

Não se pode expressar a grandeza infinita de um valor absoluto, com palavras de sentido relativo, como são as da linguagem comum.

As palavras Grande Foco ou Força, ainda quando não exprimam toda a realidade do seu sentido, são adotadas por falta de termos mais expressivos.

Grande Foco dá a idéia de luz e também de intensidade de brilho.

Esse Grande, com ‘G’ maiúsculo, quer dizer Total. É, sem dúvida, uma expressão bastante acessível àqueles que ainda não podem penetrar mais profundamente nas questões demasiadamente abstratas.

Os que se interessarem, realmente, por este estudo de transcendental relevância, encontrarão no Capítulo “Força e Matéria” os elementos de que necessitam para um julgamento perfeito.

4. O ESPAÇO

Por mais que o ser humano dê expansão aos seus conhecimentos, por mais que os analise e neles se aprofunde, não poderá penetrar, partindo da limitada posição que ocupa neste planeta, toda a extensão infinita do Espaço.

A mente, embora possa avançar até um certo ponto, fica sempre sem atingir a meta extrema, que se encontra sob o domínio de valores absolutos.

Perdem tempo os que se preocupam, em demasia, com a definição integral do problema do Espaço para abranger a sua concepção total, porque somente a Inteligência Universal é detentora de tão completo saber.

Antes de chegar aos problemas máximos do Universo, a criatura apenas precisa adquirir os conhecimentos necessários à sua evolução, esforçando-se por aprender as inumeráveis lições que ainda não absorveu e que precedem, de muito, aquelas que envolvem as transcendentais concepções do Espírito.

O que a respeito do Espaço a inteligência humana já pode compreender, vem sendo revelado pela ciência que enfeixa tais conhecimentos.

Este planeta – que serve, a um só tempo, de escola e cadinho depurador a bilhões de seres encarnados – é, como miríades de outros planetas, semelhantes a uma partícula de pó, em relação ao Espaço Infinito.

Ele pertence a modesto sistema solar de uma grande família estelar que se chama Galáxia.

O sistema solar, do qual faz parte a Terra, compõe-se de reduzido número de planetas girando em torno do Sol.

Nenhum desses planetas tem luz própria. Esta provém dos raios solares que neles resplandecem, com acontece com a Lua cujo brilho resulta da luz solar refletida em sua metade iluminada.

Excluídos os planetas, as outras estrelas que brilham no firmamento são sóis e, portanto, centros de sistemas solares. Há sistemas solares menores do que o que contém o nosso planeta como também os há muito maiores.

Existem, ainda, outros bastante complexos, com vários sóis, e estes, de cores diferentes, produzem cambiantes de luz de diversas tonalidades, em combinações que se revezam com o pôr e o nascer de cada sol.

A luz emitida pelos corpos solares – idênticas à de qualquer corpo material – não pode ser confundida com a Luz Astral que representa a Força Inteligente e enche o Espaço Infinito, por ser ela de constituição inteiramente diversa.

As trevas da noite nada significam para o espírito, pois este vê através da Luz Astral que penetra todos os corpos, até ao mais ínfimo lugar no Espaço. Dia e noite expressam períodos apenas relacionados com a vida material.

Vários são os movimentos da Terra no Espaço, salientando-se o de rotação em volta do seu próprio eixo, o de translação em redor do Sol, o que é feito, como todo o sistema solar, em torno do eixo da galáxia, e o que resulta do movimento da própria galáxia.

Todos estes movimentos são perfeitamente conjugados em velocidades uniformes e rigorosamente ajustadas.

A medida usada para avaliar as distâncias astronômicas é a extensão que a luz percorre no Espaço em um ano, tomando-se por base a sua velocidade, que é de cerca de trezentos mil quilômetros por segundo.

Com essa altíssima velocidade, ela vai de um pólo ao outro da Terra numa insignificante fração de segundo.

A distância do Sol à Terra é atravessada em oito minutos, aproximadamente. Para atravessar, porém, a galáxia do nosso sistema solar de um extremo a outro mais afastado, leva milhares de anos.

E é bom não perder de vista que existem galáxias incomparavelmente maiores, como também há sóis na galáxia a que pertence o pequeno planeta em que vivemos, dezenas de milhões de vezes maiores do que o nosso, apesar de ser este tão grande em relação à Terra, que chega a conter bem mais de um milhão de vezes o seu volume.

Universo de Galáxias

Uma galáxia é uma imensa família de sistemas solares que se contam aos milhões. A de que o nosso planeta faz parte tem a forma aproximada de uma lente biconvexa ou ovo frito, situando-se o nosso sistema solar na galáxia, mais ou menos, a um terço da distância radial que vai do eixo à sua periferia extrema.

Tudo quanto os olhos desarmados do corpo humano podem ver no firmamento é parte integrante desta galáxia, da qual a Via-Láctea representa o aro exterior.

A distância de uma galáxia a outra mais próxima é de tal magnitude que ultrapassa a capacidade de apreciação do espírito encarnado, de percepção normal.

Apesar disso, uma galáxia, com seus milhares ou milhões de sistemas solares, não representa mais – em comparação com a extensão infinita do Espaço – do que uma insignificante ilha no oceano ou, menos ainda, do que um ponto no Universo.

Essa relação de grandezas convida a meditar na magnificência do Universo e na modestíssima participação do nosso planeta na composição do Todo.

E se o planeta é de composição modesta, de igual modo são o seus habitantes, modestos no saber, na inteligência, na espiritualidade e na evolução.

Se todos vivessem compenetrados dessa realidade, não haveria lugar para vaidades e tolas presunções que apenas refletem um

estado próprio da Terra, pondo em evidência a ignorância e a inferioridade espiritual dos seus habitantes.

Para fazer-se idéia, ainda que imprecisa, de quantos bilhões vezes bilhões de espíritos estão em evolução em cada galáxia, basta levar em conta os milhões de sistemas solares de cada uma e considerar que em torno de cada sistema solar gira incontável número de planetas.

Se neste mundo, que é dos menores, evoluem cerca de cinco bilhões de espíritos, logicamente nos outros planetas, em média proporcional, esse número não pode ser inferior.

A Inteligência Universal, de que o pensamento emana – na sua expressão máxima – tem poder ilimitado. Nada existe no Universo sem razão de ser. Nenhuma criação foi obra do acaso, já que tudo obedeceu a uma determinação rigorosamente preestabelecida, mesmo nos mais insignificantes pormenores.

O sentido da criação aqui empregado indica transformação da matéria pela ação da Força Inteligente. A idealização dos mundos corresponde às exigências da evolução.

Assim, de encarnação em encarnação, promove o espírito a sua evolução neste planeta até determinado limite. Daí por diante prossegue noutro meio, em que as condições psíquicas e físicas obedecem a sistematização diferente.

Desenvolvendo uma velocidade no Espaço de cerca de trinta quilômetros por segundo, descreve a Terra a sua órbita em torno do Sol, com precisão matemática, num período de tempo absolutamente certo.

Arrastando, por sua vez, os componentes de seu próprio sistema, numa órbita que tem por foco um ponto no eixo da galáxia, com velocidade semelhantemente elevada, o Sol completa, de igual modo, a trajetória em tempo rigorosamente exato.

Também a galáxia, transportando, com perfeita uniformidade, todos os sistemas solares de que é composta, numa velocidade do

mesmo modo grande, fecha a sua órbita em um período não menos regular.

Toda essa revolvente disposição de movimentos precisos e inalteráveis é obra da Inteligência Universal, com um só fim: proporcionar meios às partículas do Todo para poderem progredir e galgar, uma a uma, os extensos degraus da evolução.

Não há qualquer exagero em afirmar que uma única dessas partículas é tão importante quanto o próprio Todo, porque este não poderia existir sem ela, nem ela sem ele.

A obra da natureza não contém erros nem imperfeições. Suas leis são imutáveis, os movimentos matematicamente exatos, e os acontecimentos mais surpreendentes, que possam ocorrer em incursões variantes, não passam de consequência lógica do desdobramento da própria vida cheia de ações e reações, de causas e efeitos, mas sempre em busca do equilíbrio final.

Assim como os satélites têm os seus movimentos combinados com os dos planetas, estes com os dos sóis de cada sistema e o dos sistemas solares com todos os movimentos dos outros sistemas de cada galáxia, também os espíritos agem e evoluem coordenados uns com os outros, em fiel observância a um regime regulador de todas as funções.

O Espaço está repleto de Força e Matéria. Nada perde nem ganha. Do que tem não sobra nada nem possui de menos. O equilíbrio das leis se revela tanto no macro como no microcosmo, tanto no incomensuravelmente grande como no incomensuravelmente pequeno.

Fora do alcance visual do corpo humano, no infinito como no infinitesimal, a Vida se estende ininterrupta, integral, harmonizante com a manifestação das mais variadas vibrações.

Espaço e Tempo

Para o espírito, todas as grandezas se confundem, porque ele está em toda parte e em qualquer tempo.

Espaço e Tempo, aliás, com iniciais minúsculas, são duas relatividades que só interessam aos meios físicos. Com letras maiúsculas, no entanto, representam concepções absolutas que a linguagem humana é demasiado pobre para definir, diante da grandeza do Infinito.

Para a Inteligência Universal há – com respeito a Espaço e Tempo – somente uma espécie de Presente Eterno, idéia que não pode ser bem compreendida neste mundo de tamanhas limitações.

Assim, por mais altas que sejam as velocidades não passam de expressões relativas igualmente subordinadas ao meio físico, pois no campo espiritual outros princípios, outras leis regem a vida.

Em sua essência primordial, apenas como Força, o espírito poderá fazer-se presente, instantaneamente, tanto num mundo como noutra, dentro do seu raio de ação, utilizando-se, tão-somente, do campo imantado afim da Força Infinita, componente do Todo.

Essa Força, penetrando e envolvendo todos os corpos do Universo, enche literalmente o Espaço.

Quedando-se o homem na contemplação do Universo, em meditação sobre as incomensuráveis grandezas do Infinito, a perscrutar o sentido criador da vida e o poder ilimitado da Inteligência Universal, há de perceber – se não estiver demasiadamente dominado pelas emoções terrenas – que não passa de um ser de reduzidíssimas dimensões diante da grandiosidade do Universo, e se compenetrará, então, da grande, da imensa caminhada que terá de fazer na longa, na interminável estrada da evolução.

Nem Pais nem Filhos

Os grandes espíritos que encarnaram neste mundo para auxiliar o progresso da grei humana, fizeram-no movidos pela ação consciente do dever. Nunca para atender à vontade de quem quer que seja, e muito menos de um suposto pai celestial.

Na esfera espiritual não há pais nem filhos. O que há, o que existe, em verdade, é uma enorme comunhão de espíritos numa infinita graduação evolutiva, em que todos os seres – todos, sem exceção – têm uma origem comum: a Força Criadora ou Inteligência Universal.

Nos mundos dispersos pelo Espaço, encontram-se – usando de reduzidos números para facilitar a compreensão humana – milhões e milhões de espíritos em cada plano de evolução.

Aqui mesmo na Terra têm encarnado, embora raramente, espíritos de evolução superior ao meio para auxiliarem a humanidade a progredir, sendo que inúmeros outros, do mesmo grau de evolução, estão desenvolvendo atividades espirituais em outras regiões do Universo.

Quanto mais adiantado o espírito, tanto maior o desejo que sente de auxiliar a evoluir o semelhante.

Daí a razão de submeter-se, voluntariamente, ao sacrifício de encarnar em mundos da espécie deste, quando a vida, nos planos correspondentes ao seu adiantamento, embora sempre trabalhosa, decorre num ambiente de incomparável bem-estar comum.

Negarem a Jesus o valor, o mérito de haver conquistado a sua evolução espiritual à custa de grandes lutas, de trabalhos, de sofrimentos, de desencarnações e reencarnações, atribuírem as qualidades, a nobreza, os altos atributos que possui esse grande espírito ao privilégio de uma suposta filiação divina, é erro grave que cometem, além de demonstração de lamentável ignorância relativamente à vida espiritual.

Quem demonstra maior valor, o líder que ascendeu ao posto com esforço e merecimento próprios, depois de haver vencido todas as etapas que o levaram à plenitude da experiência e do saber, ou o que foi singularmente colocado nessa posição, com fundamento na hierarquia de antepassados?

Os adoradores de Jesus classificam-no, obcecadamente, nesta segunda posição, influenciados pela concepção deísta. Para esses, o valor de tão admirável e evoluído espírito está mais na filiação ao hipotético deus-pai, do que nos seus próprios méritos, quando, na verdade, deve exclusivamente a si mesmo tudo quanto adquiriu e continua a adquirir para aumentar, mais ainda, os seus valiosos atributos espirituais.

Dezessete Classes

Os espíritos que fazem a sua evolução neste planeta pertencem às primeiras dezessete classes, de uma série de trinta e três.

Essas classes e essas séries são aqui mencionadas apenas – tal a importância da matéria – para facilitar a compreensão do leitor.

Acima da classe décima-sétima, só eventualmente um ou outro espírito encarna neste mundo, não por exigência da sua evolução, mas para auxiliar a humanidade a levantar-se espiritualmente, numa bela e espontânea manifestação de abnegação e desprendimento.

Milhões de outros, de igual categoria, embora não encarnando, se dedicam (principalmente por intermédio das Casas Racionalistas Cristãs) a auxiliar astralmente o progresso dos seus semelhantes menos evoluídos, encarnados neste planeta.

Distribuídos na série de trinta e três classes, de acordo com o grau de desenvolvimento de cada um, os espíritos fazem a sua evolução partindo da seguinte ordem de mundos:

- a) mundos materializados – espíritos da 1^a à 5^a classes
- b) mundos opacos – espíritos da 6^a à 11^a classes
- c) mundos brancos – espíritos da 12^a à 17^a classes

- d) mundos diáfanos – espíritos da 18^a à 25^a classes
- e) mundos de luz puríssima – espíritos da 26^a à 33^a classes

Os mundos dividem-se, ainda, em duas grandes categorias: mundos de estágio e mundos de escolaridade.

Para os primeiros, vão os espíritos que desencarnam e deixam a atmosfera da Terra, cada um ascendendo ao mundo correspondente à sua própria classe, pois neles não estagiam espíritos de classes diferentes.

Mundos de Escolaridade

Os mundos de escolaridade são de natureza idêntica ao nosso planeta. A eles chegam, por tal razão, espíritos de várias classes para promover, entre si, o intercâmbio de conhecimentos intelectuais, morais e espirituais.

A Terra é um mundo de escolaridade em que as dezessete primeiras classes da série de trinta e três promovem a sua evolução, partindo da primeira e chegando à décima-sétima, em períodos que variam muito, de espírito para espírito, mas que se elevam, sempre, a milhares e milhares de anos.

Para a ascensão de uma classe a outra imediatamente superior, não existem privilégios nem proteções. O princípio de justiça funda-se na lei da igualdade. Todos têm de enfrentar idênticas dificuldades e chegar ao triunfo pelo próprio esforço.

O mau aproveitamento de uma encarnação resulta, inapelavelmente, na necessidade de repeti-la, tendo o espírito de passar pelas mesmas atribulações até conseguir dominar os vícios e as fraquezas e recuperar o tempo que perdeu.

Conforme está explicado no Capítulo 6 desta obra, quando no mundo que lhe é próprio tem o espírito conhecimento do que se passa nos mundos das classes inferiores à sua, mas ignora o que ocorre nas superiores.

Constatando, porém, as enormes vantagens da ascensão a classes mais elevadas, vive sob o incontido desejo de passar para a frente, a fim de alcançar novos conhecimentos e conquistar mais amplos atributos espirituais.

No mundo correspondente à sua classe, o espírito traça os planos para a nova encarnação que deseja, ardentemente, aproveitar ao máximo. Sua maior esperança é não perder tempo na Terra, não fracassar, não tornar inútil o sacrifício de encarnar.

Os espíritos das classes inferiores, especialmente os da primeira, encarnam sob a orientação de outros mais evoluídos. Esses espíritos são como as crianças que precisam de quem as acompanhe ao Jardim de Infância.

Nos mundos de escolaridade, as emoções fazem parte da vida cotidiana. Essas emoções são experimentadas, indistintamente, por todos os seus habitantes. Quando o homem se torna superior às sensações da pobreza e da fortuna que completam o quadro das referidas emoções, aí sim, o sentido da vida espiritual começa nele a despertar.

À medida que evolui, vai o espírito se tornando conhecedor das coisas do Espaço. Se na Terra tanto há que aprender, muito mais, ainda, no Universo. A este, oferece campo o Espaço. O Universo, porém, representa a evolução em marcha.

Prendem-se umas às outras – como elos de uma só corrente – estas três expressões: Espaço, Universo e Evolução. Pesquisar o Espaço, por isso, é estudar o Universo e reconhecer a Evolução.

Há um dever que a todos atinge por igual: Trabalhar para evoluir. Cada qual precisa ocupar o seu lugar e esforçar-se por dar conta das suas atribuições, certo de que tem no Espaço uma posição definida e insubstituível.

Milhões de espíritos encarnados no planeta sentem-se apreensivos por falta de uma bússola norteadora.

Se a que Jesus trouxe, há cerca de vinte séculos, não tivesse sido parcialmente desimantada pela ganância especuladora, muitos e muitos milhões de seres ainda encarnados teriam, há muito, concluído o curso na Terra, e estariam a exercer as suas atividades noutras regiões do Espaço. Tempo perdido não se recupera. É como as águas passadas que não movem moinhos. Ao Racionalismo Cristão cabe uma grande e sublime missão, ainda que bem árdua e por muitos não compreendida: restabelecer a Verdade e reimplantar os magníficos ensinamentos de Jesus na Terra.

5. O ESPÍRITO

O espírito é luz, é inteligência, é vida, é poder criador e realizador. Nele não há matéria em nenhum dos seus estados. É, portanto, imaterial. Partícula individualizada, assim se conserva em toda a trajetória que faz no processo da sua evolução.

Ele é indestrutível, indivisível, eterno, e evolui para o aperfeiçoamento cada vez maior. Como partícula do Todo, é inseparável dele e subsiste a qualquer transformação, nada havendo que o possa destruir.

No Capítulo ‘Força e Matéria’, ficou evidenciada a evolução das partículas da Força, desde o seu estado primário, inicial, até quando adquirem suficiente desenvolvimento para incitar e movimentar um corpo humano.

Dá-se à partícula da Força, desde que inicia o processo evolutivo em corpo humano, a denominação de espírito, denominação que mantém, daí para diante, em sua longa caminhada evolucionária.

No espaço indimensionável do Universo, em que a Inteligência vibra, sem interrupção, acusando permanente ação consciente e constantes demonstrações de vida, agita o espírito a sua força intranuclear que se exprime, em todas as atividades, por movimentos vibratórios.

São esses movimentos irradiados de um núcleo de Força, que é o espírito, no oceano de uma essência idêntica, que é o Todo, assinalando o poder atrativo que faz com que atributos desse Todo convirjam para o núcleo, desenvolvendo-o e dando-lhe maior potencialidade.

São atributos do espírito, inerentes ao Todo:

- a) a força de vontade
- b) a consciência de si mesmo
- c) a capacidade de percepção
- d) a inteligência

- e) o poder do raciocínio
- f) a faculdade de concepção
- g) o equilíbrio mental
- h) a lógica
- i) o domínio de si próprio
- j) a sensibilidade
- l) a firmeza de caráter

Força de Vontade e Consciência de Si Mesmo

A força de vontade é a mais poderosa alavanca de que dispõe o espírito para chegar ao triunfo, não existindo dificuldade ou obstáculo – dentro, naturalmente, das limitações humanas – que não seja capaz de superar.

Ela não conhece a timidez nem permite o desânimo ou o enfraquecimento, e tem o poder de subjugar todas as fraquezas, todas as paixões, todos os vícios, todos os desejos intemperados, quando o ser humano sabe utilizar-se, conscientemente, desse superior atributo.

É comum confundirem os seres a vontade com o desejo, apesar de serem, na verdade, coisas completamente antagônicas.

Quando o espírito encarnado é assaltado por um desejo inferior e possui a vontade suficientemente exercitada, esta intervém, dominadoramente, vencendo esse desejo.

Chama interior que conduz à vitória os que a sabem alimentar, mesmo nas pelejas mais árduas e difíceis da vida, a força de vontade é o resultado de uma série de sucessos alcançados, com esforço e decisão, nas encarnações anteriores e, como expressão de valor, uma fortaleza inexpugnável para o espírito.

A consciência de si mesmo faz com que o espírito não ultrapasse as suas possibilidades, dispersando, em pura perda, as energias que possui.

Ela significa, pois, a auto-apreciação no seu real, no seu verdadeiro sentido, não dando lugar à exaltação da vaidade nem à falsa modéstia, já que a magnitude e o valor espiritual são encarados sempre dentro de uma rigorosa visualização normal.

De posse da consciência de si mesmo, procede o espírito com simplicidade, equanimidade e respeito ao seu semelhante, por saber que todos têm uma origem comum e fazem, sem distinção, o mesmo curso evolutivo.

Capacidade de Percepção e Inteligência

Na capacidade de percepção pesam determinados fatores psicológicos que a linguagem comum não pode definir, embora representem valores reais e facilmente reconhecíveis. Dela são fortes componentes os recursos da intuição e da inspiração que possuem importância destacada entre os demais atributos espirituais e as próprias ações humanas.

A capacidade de percepção que está intimamente ligada ao poder de penetração do espírito, à sua agudez, perspicácia e sensibilidade, exerce, além disso, notável influência no terreno da observação, revelando-lhe aquilo que as conveniências tantas vezes escondem.

Quando a prudência intervém, cautelosa, nas disposições do ser humano, é ainda a capacidade de percepção quem lhe fornece os elementos de decisão.

A inteligência, como faculdade mestra do espírito, interfere nas demais, apurando-as e contribuindo para torná-las melhores e mais eficientes.

Da inteligência dependem os outros atributos espirituais que se criam, expandem, crescem, ampliam e aprimoram, de acordo com a evolução do espírito.

Grande aliada da perfeição, faz a inteligência com que o espírito reconheça as suas falhas e procure corrigi-las.

Ela está atrás do raciocínio, provendo-o dos meios necessários ao seu desdobramento.

Faculdade iluminativa por excelência, a inteligência dá alcance ao horizonte do espírito e é o instrumento capaz de dissipar as trevas e destruir a ignorância, onde quer que elas se encontrem.

Poder do Raciocínio e Faculdade de Concepção

O poder do raciocínio constitui valioso atributo de que dispõe o espírito para analisar os fatos da vida e tirar dos acontecimentos as lições que lhe puderem ser úteis.

O raciocínio é como que uma luz projetada sobre os problemas difíceis da existência para torná-los claros e compreensíveis.

Além de nortear o espírito no curso da sua evolução, ele representa, ainda, uma poderosa arma de defesa contra o fanatismo, contra o convencionalismo mundano, contra as crenças místicas que produzem a cegueira da fé e outras subordinações indicativas de formas agudas ou amenas de avassalamento.

Na faculdade de concepção estão o gênio inventivo, as criações do pensamento e a engenhosa força realizadora de todas as transformações e melhoramentos.

Essencialmente construtiva, a ela se deve, como elemento propulsor, o desenvolvimento progressivo da evolução universal.

Tanto nas artes como nas ciências e letras, ocupa posição de inconfundível relevo.

A formação das riquezas lhe é devida, assim como as abnegações, os desprendimentos e as renúncias, por ser ela cultivada, via de regra, em benefício da coletividade.

O Equilíbrio Mental e a Lógica

O equilíbrio mental provém da apuração dos sentidos, do temperamento bem ajustado às realidades da vida, da serenidade,

da compreensão exata das possibilidades e da justa apreciação dos fatos.

A calma, a serenidade, a moderação, as atitudes ponderadas, a reflexão, o critério e o bom-senso são qualidades reveladoras de equilíbrio mental, por meio do qual o espírito, no torvelinho da existência terrena, procede com maior segurança e se abstém da prática dos erros comuns.

Deve a lapidação dessa faculdade, pois, ser objeto de constantes cuidados e interesse do espírito encarnado, por desempenhar ela um papel da mais alta significação no processo da sua evolução.

A lógica é um atributo que dá a cada um coerência em suas atitudes, congruência na condensação das idéias e ordenação nos pensamentos.

Sem educação, sem aprimoramento espiritual, a lógica é de todo impossível.

Ela é, por excelência, um atributo resultante da educação e do aprimoramento do espírito, possibilitando a este a formulação das suas conjecturas em bases firmes, certas, objetivas e reais.

Assim, nenhuma afirmação poderá ter bases sólidas se não for firmemente apoiada nesse importante atributo.

Domínio de Si Mesmo e Sensibilidade

O domínio de si mesmo assegura ao espírito humano o controle íntimo, evitando os atos impulsivos e as atitudes impensadas que o possam levar a cometer desatinos, muitos dos quais irreparáveis, de que se vem a arrepender, mais tarde, como acontece na maioria das vezes.

O ser humano precisa estar sempre alerta e vigilante, consciente de que é uma força que trabalha incessantemente, vibrando, atraindo e repelindo. Correntes favoráveis e desfavoráveis ao seu progresso e bem-estar enchem o espaço, cruzando-se em todas as direções.

Daí a necessidade do domínio próprio para não se deixar influenciar pelas irradiações adversas, procedendo, unicamente de acordo com a sua vontade.

A sensibilidade é a faculdade de que dispõe o espírito para sentir as correntes vibratórias do meio ambiente e, por trás do invólucro das aparências, a verdade.

É pela sensibilidade que se percebe o sentimento afim que congrega, que une, que irmana os seres de idênticos ideais e de iguais aspirações.

É a sensibilidade, ainda, o instrumento da alegria e da dor – dor que faz, não poucas vezes, o espírito desatento, indiferente e transviado, concentrar-se em si mesmo, despertar e voltar-se para a realidade da vida.

Firmeza de Caráter

A firmeza de caráter, como tantos outros atributos, patenteia, inequivocamente, a evolução espiritual do ser humano.

Os que a possuem dão sempre os melhores, os mais nobres, os mais admiráveis exemplos de retidão em todos os atos da vida.

Como resultado da sua combinação harmônica com os demais atributos já mencionados, revela suficiente amadurecimento espiritual e efetivas condições para a ascensão a classe evolutiva mais elevada.

São inumeráveis os atributos do espírito que aumentam e se desdobram na razão direta do seu crescimento como ser evolucionário.

6. ENCARNAÇÃO DO ESPÍRITO

O planeta Terra não é habitação permanente de nenhum espírito. É um mundo-escola, um laboratório depurador, uma oficina de aprendizagem, de trabalho, onde ele se instrui, se aperfeiçoa, se desenvolve em tempo mais ou menos longo e em ambiente adequado a produzir a sua evolução.

Conforme esclarece o Capítulo 4 desta obra, os espíritos estão distribuídos em mundos próprios, por classes, de acordo com a evolução de cada um.

Os espíritos que evoluem neste planeta pertencem às primeiras dezessete classes, separadas umas das outras, no espaço, na ordem da sua importância.

Ao encarnarem, porém, eles se misturam, intensamente, para a formação de povos de estrutura heterogênea, como convém a um mundo-escola. Os que sabem mais, os que dispõem de maior tirocínio, de maior lastro de experiência, ensinam aos que sabem menos aquilo que, por seu turno, aprenderam de outros. Exatamente por esse fato é que se vêem, com frequência, seres de espiritualidade bastante diferente em uma mesma família.

Para bem aprenderem as lições da vida, precisam as criaturas encontrar no seu semelhante qualidades e conhecimentos que ainda não possuem.

O espírito é imaterial. Material é o seu corpo astral, também conhecido como perispírito ou corpo anímico, composto de fluido quintessenciado – mas matéria – da mesma natureza da substância fluídica do mundo em que estagia no intervalo das encarnações.

Semelhantemente, o seu corpo carnal corresponde à matéria componente deste planeta. Quanto mais adiantados forem os mundos de estágio, mais diáfana é a matéria quintessenciada de que são compostos os corpos astrais.

Isso explica a razão de serem os corpos astrais – embora de substância idêntica – mais diafanizados uns do que outros.

Nenhum fato, nenhum acontecimento da vida humana pode ser ocultado aos planos espirituais. É que tudo o que pensamos ou fazemos produz movimentos vibratórios que se cruzam em todas as direções.

Por isso é que tão logo se opera uma fecundação, ela é imediatamente constatada nesses planos, e um espírito acorre a cumprir uma das mais importantes determinações das leis naturais – a reencarnação – dentre os que aguardam, sem temor ou relutância, a sua vez, compenetrados dos deveres que lhes cumprem.

Determinado a reencarnar, e identificada aquela que lhe vai servir de mãe, o espírito assiste e acompanha a formação do seu corpo físico durante a gestação, até completar a evolução fetal, quando dele toma posse inteira, absoluta, à natalidade, ficando unido, ligado ao mesmo por cordões fluídicos.

O corpo carnal em formação vai sendo envolvido, molécula a molécula, pelo corpo fluídico do espírito que sobre ele irradia, postado do lado de fora do corpo da gestante, até o momento de vir à luz, quando então dele se apossa, inteiramente.

Consumada a encarnação, fica o espírito apoiado no seu corpo astral justaposto ao corpo da criança, do lado esquerdo.

Logo que o espírito encarna, passa a criatura a ser constituída de três corpos:

- 1 – corpo mental (espírito)
- 2 – corpo astral (matéria fluídica)
- 3 – corpo carnal (matéria organizada composta)

Com essa constituição terá de exercer as suas funções terrenas e viver, distintamente, as duas vidas: a material e a espiritual.

O corpo mental, para o qual estão voltadas as atenções dos estudiosos, é o agente vivo e inteligente que governa os outros dois

corpos – o astral e o material – sendo, portanto, responsável por todas as manifestações da vida.

A lei de transformação da matéria, a que estão sujeitos os dois últimos corpos, jamais o atinge. Eterno e imutável, na sua essência, ele oferece, à medida que evolui, admiráveis demonstrações de potencialidade e valor.

O corpo astral é o liame, a ligadura entre os corpos mental e carnal. Ele está preso, partícula por partícula, ao corpo mental, em virtude da vibração permanente deste, e envolve todo o corpo carnal, ao qual está unido por cordões fluídicos.

Durante o sono, o espírito se afasta com o corpo astral (do qual não se aparta nunca), sem interromper, contudo, a união com o corpo carnal, ao qual continua a transmitir o calor e a vida através dos cordões fluídicos já mencionados.

Por maiores, mais extensas que sejam as distâncias que separem o espírito do seu instrumento corpóreo, jamais a ligação entre eles se interrompe, não só porque tal interrupção significaria a desencarnação, como pela natureza dos cordões fluídicos que se distendem sem limites.

Deste modo, somente após a desencarnação os corpos mental e astral deixam definitivamente o carnal.

O corpo carnal é uma admirável máquina concebida pela Inteligência Universal para proporcionar ao maquinista – o espírito – os recursos, os elementos, os meios com os quais leva a efeito no planeta Terra um curso de aperfeiçoamento em múltiplas, em inumeráveis encarnações indispensáveis à sua ascensão a ambiente de maior espiritualidade, num plano mais alto de evolução.

Toda ciência médica dele se ocupa, estudando-o em seus mínimos detalhes. E não é pequeno o número de cientistas que já admite serem as desordens do espírito – nas quais se incluem, com destaque, as perturbações emocionais – a causa de grande parte dos

desarranjos físicos, formando todo um quadro de anormalidades e doenças cuja etiologia não constitui mais segredo para eles.

Definido por traços normais, o corpo carnal pode ser apresentado como uma perfeita e acabada peça escultural.

O espírito, quando encarna, isola-se do seu passado, esquecendo-se por completo das anteriores encarnações, apenas retendo em seu subconsciente a experiência das provas pelas quais passou e as tendências resultantes do uso que fez do livre arbítrio.

Isso representa um grande bem para ele. Primeiro, porque a cortina da matéria, impedindo que se reconheçam desafetos de outras encarnações, possibilita a reconciliação destes, aproximando-os sem ressentimentos ou malquerenças. Segundo, sem a visão temporária dos erros do passado que tantas vezes humilham, envergonham e até subjagam, alienando a vontade, o espírito encarnado como que se inicia em uma nova existência, em cada passagem terrena.

Assim têm feito e continuam a fazer bilhões deles em sua trajetória por este mundo, numa longa série de encarnações.

Tudo quando de bom adquiriu com esforço e trabalho conserva para sempre, e essa conquista, esses bens, esse patrimônio lhe prestam valiosa colaboração em cada encarnação, facilitando a aquisição de novos conhecimentos, de novas qualidades e de melhor apuração de seus atributos.

Deveres do Espírito após a Encarnação

O espírito, quando encarnado, passa por fases distintas, em cada uma das quais poderá colher valiosos ensinamentos.

Essas fases são: a infância, a mocidade, a maturidade e a velhice. Em todas elas tem deveres a cumprir, trabalhos a realizar, obrigações a satisfazer.

A dinâmica da vida exige ação permanente. Mas ação dignificante, proveitosa e construtiva, em benefício próprio e do semelhante.

As quatro fases mencionadas só possuem sentido no plano físico. Elas se relacionam, unicamente, com o desenvolvimento e duração da máquina humana, servindo para estabelecer a diversidade de experiências e ensinamentos no curso de uma encarnação.

Infância, Mocidade e Madureza

Dá-se o nome de infância ao período que se estende do nascimento à puberdade. Nela se constrói, por assim dizer, toda a base, todo o suporte que terá de sustentar o edifício da encarnação.

São de importância fundamental, por isso, os ensinamentos que forem ministrados ao ser humano nessa delicadíssima fase da vida, através de lições do mais alto sentido moral e, sobretudo, de exemplos repletos de valor, para que sejam bem assimilados e contribuam para a formação de uma valorosa e nobre personalidade.

Seguem-se à infância os anos da mocidade que se situam entre o que geralmente se concebe por menor e por adulto.

A mocidade começa na puberdade, alongando-se até a madureza. É a idade da razão em que estão presentes, de um modo geral, as mais altas aspirações e os grandes ideais da vida. E a essas aspirações, a esses ideais, não é estranho o sentimento de espiritualização, desde que na infância tenha tido o ser humano a felicidade de receber princípios educativos elevados.

Uma nação será sempre grande na medida em que puder confiar na sua juventude, para a qual se voltam, permanentemente, as esperanças dos mais velhos.

À mocidade sucede a madureza em que o ser humano tem, a seu favor, a experiência alcançada nos períodos anteriores da vida. Ele

poderá ser, nessa fase, um timoneiro seguro e competente, muito lhe valendo a soma de conhecimentos adquiridos.

Na madureza, atinge a criatura o apogeu. Suas células orgânicas – notadamente as cerebrais – alcançaram a vitalidade máxima, permitindo ao espírito transmitir a plenitude da sua capacidade construtiva.

Velhice

Já a velhice representa, em cada encarnação, a última fase da vida. E isto é compreensível: o corpo físico não é mais do que a máquina a serviço da Força, também denominada espírito, de quem recebe o calor, a ação, o movimento e a vida. Essa máquina – como todas as máquinas – está sujeita à ação do tempo, aos desarranjos e desgastes que são maiores ou menores, de acordo com o trato que lhe dispensar o maquinista – o espírito.

E, convenhamos, não faltam os desatentos, os indiferentes e os desleixados. Não são poucos os que se atolam nos vícios, com que produzem no corpo carnal danos não raro irreparáveis, acarretando a sua ruína.

A vida bem vivida conduz a uma velhice sadia e feliz. Nessa fase, porém, ainda que plenamente lúcido, não pode o espírito, como é compreensível, manifestar a mesma fortaleza da juventude e o vigor e o dinamismo revelados nos períodos anteriores. E isto pela natural decadência do seu instrumento corpóreo.

Felizes os espíritos que sabem dar ao mundo em cada passagem pela Terra, inequívocos exemplos de valor e honradez.

O interesse pelo bem-estar geral, o comportamento familiar, a preocupação constantemente voltada para a educação da prole, a disciplina e o amor ao trabalho são alguns desses exemplos.

Moral Social e Auto-Educação

As atividades neste mundo são diversas e muitos os meios pelos quais se processa a evolução.

Nem todos os seres humanos, no entanto, contam com iguais possibilidades, mas o que importa, acima de tudo, é enobrecer o sentido da vida, ainda que nos trabalhos mais rudes e humildes.

A moral social se define pela formação espiritualista, pela intransigente defesa dos bons costumes e a prática efetiva de hábitos salutareos.

Cada povo possui uma concepção própria da vida. Mas quanto mais se caminha, quanto mais se avança no terreno da civilização, mais patentes, mais seguros, mais fortes se evidenciam os preceitos da moral e da honra, principalmente no que diz respeito ao lar, cuja formação constitui – como se esclarece no Capítulo 14 deste livro, que trata da Família – um indeclinável dever de todo cidadão.

A educação dos seres humanos não se limita, não se restringe, não se circunscreve ao período da infância, em que mais atuam os pais.

Preparados para dirigir-se por si mesmos, já adultos, devem ir recolhendo o maior lastro de experiência que lhes for possível alcançar, através da observação e do testemunho das coisas que ocorrem à sua volta ou de que tiverem tomado conhecimento.

O êxito ou o fracasso dos outros, as causas, as razões, os motivos das alegrias ou dos sofrimentos destes, constituem valiosos ensinamentos dos quais se devem aproveitar todas as pessoas para não incidirem nos erros que causaram a dor e o prejuízo alheios e para tomarem os mesmos caminhos que levaram o semelhante ao triunfo e ao bem-estar.

Se a criatura se inferioriza diante do próximo quando pratica ações condenáveis, reveladoras de indigência de princípios morais e educativos, mais se sentiria inferiorizada e com vergonha de si

mesma, se tivesse a consciência espiritual vigilante e desperta para apreciá-las e analisá-las.

Os vários níveis sociais que existem na Terra se justificam, em parte, não só por tratar-se de mundo-escola, como também pelas falhas que se observam na educação dos seres humanos que a habitam.

O indivíduo mal educado restringe o seu campo de ação ao próprio nível em que vive, tornando-se indesejável nos planos superiores de educação, e daí a necessidade que tem o espírito encarnado de não poupar esforços no sentido de melhorar as suas condições sociais, contribuindo para a elevação dos índices de moralização no planeta.

Exemplos de Honradez e de Dedicção ao Trabalho

Os exemplos de honradez constituem a mais alta contribuição que os seres humanos podem dar à sociedade.

A honradez não se limita à pontualidade nos pagamentos, à exatidão nas transações e à fidelidade nos ajustes. Ela exige, acima de tudo, firmeza de caráter, intransigente lealdade e indesviável retidão no cumprimento do dever.

Os que não possuem elevação de sentimentos, desprendimento e valor, não podem ter a pretensão de se considerar honrados, por serem esses importantes atributos inseparáveis da honradez.

Os exemplos de dedicação ao trabalho são dos mais úteis à causa da humanidade.

O Universo, considerado se si mesmo, é todo movimento e ação. Os grandes artífices do progresso do mundo foram trabalhadores incansáveis.

Os que vivem na ociosidade não passam de parasitas sociais e aproveitadores do trabalho alheio, ainda mesmo quando disponham de fortuna e se julguem grandes personagens.

Tanto se enobrece e dignifica o ser humano no trabalho braçal quanto no intelectual, artístico ou científico.

O que dá proveito ao espírito não é a natureza do trabalho, mas o seu valor moral e a satisfação com que é realizado.

Devem, pois, todos procurar o trabalho que corresponda à sua vocação para executá-lo com alegria e entusiasmo, considerando-o não um castigo, mas um prêmio, uma vez que sem ele jamais dariam um passo no caminho da evolução.

Ações Meritórias e Erros Voluntários e Involuntários

As obras culturais que se escrevem, as escolas que se instalam, as bibliotecas que se fundam, as organizações científicas que se estabelecem e os trabalhos que se realizam com a finalidade de instituir e incrementar, em todas as latitudes, o intercâmbio intelectual, espiritual e material entre os seres, são ações meritórias do mais alto interesse humano.

Sob este aspecto, incluem-se também as iniciativas destinadas a fomentar a produção industrial, mineral e agrícola para elevar o padrão de vida da coletividade.

Todos os habitantes deste mundo-escola são imperfeitos. Uns, evidentemente, mais do que os outros. Não há, pois, quem não esteja sujeito a erros. Muitos desses erros são involuntários. Outros resultam do mau uso do livre arbítrio.

Diz-se que errar é humano. Nada mais certo. Uma vez, porém, advertida e convencida do erro, cumpre à criatura honestamente reconhecê-lo e esforçar-se para não voltar a errar.

Esconder os erros em lugar de combatê-los é prática comum, mas altamente prejudicial ao aperfeiçoamento do espírito.

A maioria dos indivíduos raramente procede com isenção e justiça no julgamento íntimo dos seus atos. Mesmo os que encaram com severidade as más ações alheias, para as quais têm sempre palavras de censura e condenação, não fogem à tendência geral com

relação à próprias faltas, que é da justificativa ampla, indulgente e absolutória.

Com esse procedimento acabam os erros por incorporar-se aos hábitos e costumes humanos, perdendo a criatura o respeito que deve a si mesma e corrompendo o caráter e a dignidade.

O que todos devem e precisam fazer é encarar, corajosamente, as faltas cometidas e dispor-se a eliminá-las com o poder da sua vontade.

O Aperfeiçoamento e o Mal da Ignorância

O aperfeiçoamento deve constituir a principal preocupação do ser humano em todos os ramos da sua atividade.

Todo indivíduo tem necessidade de esmerar-se no desempenho das suas obrigações, procurando executar o trabalho com o devotamento de que for capaz.

Sem atenção, interesse, conhecimento, esforço, dedicação, alegria, bom-humor e inabalável disposição de alcançar resultados positivos, não se caminha para o aperfeiçoamento, e este, indissolavelmente ligado à evolução, é a razão principal da vinda do espírito à Terra. Não há possibilidade de progresso espiritual fora do campo do aperfeiçoamento.

Ninguém se deve poupar no combate à ignorância, por ser ela a causa da maioria dos males que assoberbam a humanidade. A ignorância é uma força inteiramente negativa. Faz sempre mal e, se não puxa para trás, dificulta, no terreno da evolução, a dar uma passo à frente. Evolução significa luz, luz que quanto mais clareia, quanto mais esplende, quanto mais refulge mais afugenta as trevas da ignorância.

É a ignorância, por isso mesmo, a grande, a poderosa, a irreconciliável inimiga do espírito encarnado. Combatê-la, em todas as oportunidades e por todos os meios, é dever que se impõe aos que desejam realmente progredir, aproveitando bem a encarnação.

Estes, como não têm tempo a perder, procuram aprender hoje o que ainda ontem não sabiam, conscientes de que cada conhecimento novo representa mais um bem, mais um valor que se incorpora ao patrimônio espiritual.

Aos que não tiveram a felicidade de freqüentar escolas, devemos lembrar que o próprio mundo Terra é uma Escola onde poderão aprender as mais variadas lições, pois ensinamentos bons não faltam.

Muitas são as matérias de que se compõe o curso que compete ao espírito fazer neste mundo, nas inumeráveis reencarnações. Os alunos desleixados, desatentos e relapsos estão sempre a repetir as lições.

Se a humanidade se compenetrasse do que representa na vida do espírito uma encarnação bem aproveitada, não se constatariam tantas falências e tamanho descaso na Terra pelos valores espirituais.

Quanto mais adiantado o ser humano, mais reconhece a longa, a interminável distância que o separa do saber absoluto que exige uma eternidade de estudos. Os verdadeiros sábios não perdem a consciência das suas limitações, porque se esforçam por aprender sempre mais e mais. São, de um modo geral, modestos e despretensiosos, ao contrário dos medíocres que andam sempre preocupados em exhibir-se e se fazerem passar por criaturas de grande talento e importância.

Muitos não se apercebem do ridículo a que se expõem quando fazem de si mesmos – da sua inteligência, da sua bondade, do seu valor – o objeto da conversa.

Esse alarde de atributos hipotéticos ou reais não fica bem a ninguém. Por isso há necessidade de comedimento, de moderação em todos os gestos e atitudes que deverão constituir um sadio hábito na vida do ser humano, para poder conduzir-se sempre com exemplar dignidade.

Princípio de Autoridade

Indissociável da fidelidade aos ditames da moral, da moderação e da justiça, o princípio de autoridade jamais deverá ser exercido com despotismo e intolerância.

Embora muitas pessoas se imponham pelo temor que os seus atos infundem, a verdadeira autoridade, a mais autêntica, a mais legítima é magnânima e justa, e por isso se torna querida e respeitada.

Isto não quer dizer que abdique ela do direito – e até do dever – de usar de energia e severidade quando se tornarem necessárias. O que não deve, nunca, é exceder-se o indivíduo que a detenha e tornar-se prepotente e arbitrário.

A autoridade precisa refletir bastante antes de tomar qualquer medida, para reduzir ao mínimo a possibilidade de incorrer em erro e praticar injustiças.

Economia

Sempre que os recursos o permitirem, a economia não deve afetar a boa apresentação nem a plena suficiência na vida material, moral e intelectual do ser humano.

Tão condenável é a dissipação quanto a mesquinhez e a miserabilidade. Todos devem abster-se do supérfluo, repelir os vícios, opor-se ao desperdício e ao esbanjamento, mas sem se privarem do necessário.

É preciso que se compreenda que os bens materiais pertencem à Terra e nela ficarão, não sendo os seres humanos mais que administradores ou depositários temporários desses bens.

Proceder egoisticamente, escravizar-se aos valores puramente materiais na falsa suposição de que deles depende a felicidade, é erro, e dos mais graves, em que incorre um grande número de seres.

O patrimônio que o espírito acumula, ao longo de cada jornada terrena, é representado, exclusivamente, pelas ações meritórias que pratica.

Esses são, na verdade, os únicos bens que leva consigo ao desencarnar – bens que o vão encher de alegria e felicidade no plano espiritual.

O Medo, a Eficiência e o Respeito

O medo é um dos perniciosos males que mais inquietam, angustiam e martirizam a humanidade. As suas raízes profundas começam a crescer na primeira infância, quando tantas coisas erradas são incutidas no espírito das crianças.

Certas historietas ridículas que lhes são contadas, em que entram bichos-papões, fantasmas, lobisomens e tantas invenções, respondem pelo complexo de temor que se vai apoderando das crianças e pela nefasta influência que tal complexo passa a exercer durante toda a sua vida.

Combater, no processo de educação das crianças, tudo quanto possa contribuir para torná-las tímidas e medrosas evitando, necessariamente, os caminhos extremos que conduzem à imprevidência e à temeridade, é dever que se impõe a todos os que tiverem uma parcela de responsabilidade para com elas.

Viver com eficiência quer dizer viver plenamente, no bom sentido, isto é, cuidar da saúde moral e física, participar ativamente do esforço comum da humanidade para melhorar as condições do mundo e proceder sempre com disciplina, método e ordem.

Os seres devem respeitar-se a si mesmos e ao próximo, já que não é concebível uma existência terrena digna e bem ajustada ao interesse comum, sem respeito.

O respeito deve existir entre pais e filhos, entre marido e mulher, entre irmãos e, de um modo geral, de indivíduo para indivíduo. Não há germe mais pernicioso, mais contaminador, mais destruidor do

sentimento de amizade, do que a falta de respeito. A intimidade não dispensa, de maneira nenhuma, o tratamento respeitoso.

Tratar sem respeito o semelhante é revelar carência de princípios educativos e cometer uma indignidade passível de toda a condenação. Mas, para que seja respeitado e tratado com consideração, precisa o ser humano proceder corretamente em todos os atos da vida.

O Zelo e o Trabalho

O desempenho de qualquer função exige zelo, dedicação e interesse por alcançar o melhor resultado possível. Os exemplos, porém, devem partir de cima, uma vez que só tem autoridade para exigir aquele que sabe cumprir os seus deveres.

A falta de zelo no desempenho de qualquer função fere o caráter, deslustra o indivíduo e inferioriza a conduta, errando contra si mesma a criatura cuja atividade se caracterize pelo descuido, pelo desleixo e pelo relaxamento.

O trabalho humano, ainda quando pareça isolado, é de coordenação, nele estando diretamente interessados todos os seres encarnados. Os que executam mal a sua parte por falta de zelo e dedicação revelam qualidades negativas e indigência do senso de responsabilidade.

Para ser bem aproveitado o tempo, deve cada um organizar um plano inteligente de trabalho de maneira que cada compromisso seja executado na sua hora própria. Trabalhar, recrear e descansar são três necessidades igualmente imperiosas para produzirem um mesmo resultado, que é o bem-estar físico e espiritual.

Cada qual deve escolher o horário que melhor atenda às suas conveniências e às exigências do trabalho, mas sem negligenciar o repouso e o recreio.

Somente assim encontrará prazer no trabalho, proveito no descanso e alegria no divertimento – fatores que contribuirão para a sua saúde e bem-estar.

Integridade

A integridade deverá constituir permanente preocupação do espírito encarnado, que muito lucrará se em cada existência neste mundo conseguir brunir, pelo menos, uma das muitas facetas desse precioso tesouro moral.

Ninguém pode chegar ao fim das encarnações terrenas enquanto não tiver alcançado o mais alto nível de integridade.

Não faltam expedientes neste mundo astuciosamente criados para proporcionar situações vantajosas, mas desonestas.

Os fracos, diante deles, sempre capitulam. Os fortes resistem, os que resistem vencem, e as vitórias fortalecem. Pois é da soma dessas vitórias que se forma a criatura verdadeiramente íntegra. Mas, entenda-se: não se apura a conduta moral apenas porque não se vende a consciência. É preciso mais, é necessário sentir a vida em toda a sua grandeza e plenitude, para reconhecer que só é perfeitamente íntegro quem – além da honra – está sempre disposto a contribuir para o bem geral, e é justiceiro, digno, leal e valoroso.

O Raciocínio

Se tantas coisas erradas se fazem na Terra é porque os seres humanos não se dão ao trabalho de raciocinar demoradamente antes de praticar qualquer ato, para poderem prever as suas conseqüências. O raciocínio, quanto mais exercitado, mais se desenvolve.

Por comodismo, por indolência, por preguiça mental muitos atribuem aos outros a tarefa de pensar por eles e passam a aceitar, como próprias, as idéias alheias.

Nascem daí os movimentos sectários com numerosos rebanhos, estes sempre propensos a acreditar no que os outros acreditam ou fingem acreditar, por mais absurdo que seja o objeto da crença, principalmente no terreno amplo e escorregadio do misticismo, em que a investigação espiritualista para a apuração da verdade não é admitida.

Com o poder penetrante de pesquisa que o raciocínio possui, não é difícil distinguir o racional do absurdo, o lógico do ilógico, o certo do errado, e divisar o caminho que levará a criatura convictamente à Verdade.

Atrair o Bem, Repelir o Mal e Cumprir o Dever

Todos os seres humanos são dotados, dentre outras, da faculdade de intuição – faculdade mais receptiva e mais sensível em uns do que em outros.

Por meio dela, espíritos desencarnados que perambulam na atmosfera da Terra, em estado de perturbação, (nesta obra genericamente mencionados pela designação de astral inferior) interferem na vida e nos pensamentos dos seres encarnados, levando-os – quando estes não reagem por meio do pensamento acionado pela vontade consciente – a cometer as piores ações, fazendo-os chegar, freqüentemente, à obsessão.

Contra essas influências são perfeitamente inúteis os apelos a hipotéticos deuses e santos, geralmente formulados pelos que desconhecem estes princípios básicos e fundamentais da Vida Universal: a atração e repulsão, ação e reação, causa e efeito.

Precisam os seres, por isso mesmo, conhecer a ação do pensamento, o poder da vontade, a força psíquica de atração que tanto poderá ser exercitada para o bem como para o mal, conforme a natureza dos pensamentos que a dinamizarem e, conseqüentemente, os recursos, os meios, os elementos que todos indistintamente possuem para atrair o bem e repelir o mal.

Só os ignorantes poderão preferir em lugar da verdade espiritualizadora (tão claramente consubstanciada nos princípios racionais desta obra), o materialismo religioso ou não, que a tantos e tantos fracassos e falências tem conduzido os seres humanos.

Os deveres materiais e morais precisam estar sempre presentes na consciência de cada um.

A vida reclama de todo indivíduo, a cada passo, uma atitude, um movimento, um gesto, uma palavra que traduzam o cumprimento do dever.

Cumprir o dever significa ser honrado, respeitar-se a si próprio e agir com dignidade, elevação e consciência esclarecida.

Cada dever cumprido representa um resgate de obrigação, um impulso para a frente, a marcação de mais um ponto no quadro da evolução.

Cabe ao espírito encarnado manter-se sempre vigilante, sempre alerta, sempre atento aos seus deveres, convencido de que se deixar de cumpri-los numa encarnação, os estará infalivelmente acumulando para as encarnações subseqüentes.

7. DESENCARNAÇÃO DO ESPÍRITO

A vida humana está de tal maneira organizada que os acontecimentos ocorrem em época própria, assim considerada quando não são contrariadas, no decorrer da existência, as leis naturais.

É a violação dessas leis a causa freqüente de perturbações e desequilíbrios que, alterando o ritmo natural da vida, acarretam para o espírito profundos sofrimentos.

A evolução requer tempo, trabalho e sacrifício. Normalmente, a desencarnação deverá ocorrer na velhice. Mas, para que isto aconteça, é preciso cuidar da saúde física e mental.

Muitos fatores na Terra, tais como as mudanças bruscas de temperatura, os abalos sísmicos, a poluição do ar, a insalubridade de certas regiões, os surtos epidêmicos, os abundantes meios de contaminação, os vícios e ainda a influência perniciosa dos espíritos do astral inferior, contribuem para a desencarnação prematura das criaturas.

Há a considerar, ainda, determinados fenômenos sociais geradores de conflitos e guerras de extermínio.

De qualquer modo, a desencarnação, antes da época própria, representa sempre um lapso na evolução, e só encontra um meio de ser reparada: a reencarnação.

Mas esta reencarnação não é problema fácil. Os candidatos a reencarnar são numerosíssimos, ultrapassando as possibilidades existentes. Daí, a necessidade de espera.

Para não perderem tempo, muitos espíritos decidem encarnar em meios desfavoráveis, dispostos a enfrentar quaisquer dificuldades.

A constatação de que outros, da mesma classe, porque se esforçaram mais e souberam melhor aproveitar o tempo na vida terrena, ascenderam a classe superior, não deixa de causar-lhes sofrimento, não propriamente por essa ascensão, mas pelo fato de

não os poderem acompanhar e deles terem de distanciar-se na jornada evolutiva.

O espírito de uma determinada classe pode observar o que se passa com outros espíritos da sua e das classes inferiores. Não o pode fazer, entretanto, no que se relacione com as classes superiores.

Os que ficam, os que estacionam, perdem o contato com velhos e queridos amigos, companheiros de longas jornadas em muitas e muitas encarnações e sofrem, por isso, a dor igual à que sentem os que vêm na Terra desencarnar os entes queridos.

Esse contato, entretanto – sabem-no os seres nos planos espirituais – poderá ser restabelecido. Mas, de que maneira? A resposta é óbvia. Se uma pessoa anda mais devagar que outra que caminha mais depressa, logo se distanciam ambas. E se a que vai na frente não está disposta a reduzir os passos, a que lhe leva desvantagem terá que aumentá-los, se quiser alcançá-la.

Pois é precisamente isso que fazem muitos espíritos quando tomam a decisão de encarnar, decididos a enfrentar todos os sofrimentos da vida terrena, que sabem ser passageiros, para se enriquecerem de conhecimentos e valores morais que os habilitem a ascender à classe imediata.

Com ânimo forte e redobrado esforço, conseguem recuperar o tempo que perderam e reaproximar-se, fraternalmente, dos que lhes haviam passado à frente.

A desencarnação deverá ocorrer, normalmente, na velhice. O corpo humano é como a flor ou o fruto: nasce, cresce, viça e fenece. Quanto fenece, deixa de ter qualquer utilidade para o espírito. Impõe-se, pois, uma solução natural, espontânea e sábia, que é a desencarnação.

Só em casos excepcionais a desencarnação poderá ter lugar antes do ser encarnado haver completado as quatro fases da existência terrena, sem prejuízo para ele. É quando, por exemplo, o

espírito pertence a classe superior à décima-sétima e baixa à Terra em missão especial de fazer despertar a humanidade ou contribuir para transformações morais que possam acelerar o ritmo da evolução no planeta.

O que é, afinal, a desencarnação? Em que consiste? Como se processa?

Desencarnação, Fenômeno Natural

A desencarnação é um fenômeno natural na vida dos seres humanos. Ela significa o oposto à encarnação. O espírito encarna na ocasião em que se apossa do corpo, à natalidade, e desencarna no exato momento em que abandona definitivamente esse corpo.

Quando isso acontece, o espírito faz com que se desprendam os laços fluídicos que transmitiam a vida ao corpo físico, e dele se afasta com o seu corpo astral.

Não percamos de vista, no entanto, que a denominação de espírito só é dada à partícula da Força que haja adquirido condições evolutivas para encarnar em corpo humano.

Uma vez abandonado pelo espírito, o corpo físico nada mais é que um composto de matéria. A sua fonte de vida já não existe. Cessada esta, pelo afastamento do espírito, cai no domínio das leis químicas, desintegra-se e suas moléculas passam a compor outras forma de vida e a constituir outros organismos.

É natural o sentimento dos que ficam, diante da ausência dos que partem. O sentimento, sim, o desespero, não. A saudade é compreensível e se admite. A mortificação, jamais.

O esclarecimento a respeito de como se processa a evolução é um grande bem, por ser o único meio capaz de levar a criatura a encarar, com naturalidade, a desencarnação, pelo reconhecimento de tratar-se de acontecimento tão normal quanto a encarnação no desdobramento da vida.

Por não perder de vista os seus amigos encarnados, o espírito desencarnado não sente, como estes, a separação. Ele não pode, é verdade, conversar, como o fazia antes. Dispõe, entretanto, do sentido telepático, por meio do qual é capaz de transmitir pensamentos ao espírito dos seres encarnados que os recebem como se fossem os seus próprios pensamentos.

E, o que é pior: não transmite, enquanto preso a influências terrenas, apenas pensamentos. Também sentimentos, muitos doentios, perniciosos, obcecantes.

Precisam, pois, os seres encarnados auxiliar com pensamentos elevados os entes queridos a ascenderem aos seus mundos onde a vida é sentida realisticamente, sem as influências perturbadoras do plano terrestre.

Crença Infundada

Já é tempo de abandonar a crença de que os espíritos desencarnados necessitam de rezas, de preces ou orações. Isso não é verdade. No campo espiritual, onde as influências perturbadoras não existem, a vida é sentida com inteira realidade. A lucidez do espírito é completa. Este tem plena consciência da eternidade da vida e do processo da sua evolução.

Céus beatíficos e paradisíacos, purgatórios estagiários e infernos ou demônios e caldeiras incandescentes são imaginosas criações humanas que o próprio bom-senso repele. O mesmo acontece com relação a um suposto julgamento divino. É pura invenção. Não existem deuses para julgar os que desencarnam.

Deixada a atmosfera terrestre – e com ela todos os fatores de confusão e perturbação – os espíritos vêm, com alegria, o que fizeram de bem, e com profundo pesar as ações condenáveis.

Os cemitérios e as igrejas onde se fazem mentalmente evocações de seres desencarnados, constituem pontos de atração de espíritos do astral inferior, pelas correntes fluídicas afins que os pensamentos

de encarnados e desencarnados formam nesses locais. Por isso, sempre que o ser humano tiver de penetrar em tais meios, deve fazê-lo com a consciência esclarecida, para não tomar parte na vibração dessas correntes.

Quanto estiver, por exemplo, na obrigação moral de acompanhar os restos materiais de uma existência humana, deve desviar o pensamento da comunhão enfraquecida e erguê-lo sereno, claro, límpido, consciencioso ao Astral Superior, que é a meta para onde se dirigem todos os espíritos libertos de suas ligações com a matéria e das influências fluídicas originárias das emoções inferiores de que este planeta está saturado.

Estacionamento na Atmosfera da Terra

Já sabemos como se opera a desencarnação do espírito. Ao abandonar, definitivamente, o corpo carnal, retira-se com o corpo astral que é formado de matéria fluídica, imponderável aos sentidos comuns.

Quando o ser desencarna, se não possui, como acontece com a maioria, esclarecimento a respeito da vida espiritual, são as coisas intimamente relacionadas com a matéria que mais o influenciam nos momentos que antecedem e sucedem à desencarnação, da qual comumente não se apercebe.

Essa influência é mais forte, mais dominadora ainda quando o espírito viveu enchafurdado nos vícios, com o pensamento voltado para os prazeres materiais.

Em tal estado – e porque o corpo astral lhe dá a impressão do carnal – vagueia pela superfície da Terra andando como qualquer transeunte, aborrecido com a falta de atenção dos encarnados que não se apercebe, é claro, da sua presença. Não lhe faltam, porém, oportunidades para fazer relações com outros espíritos desencarnados, em situação idêntica.

Os movimentos na superfície terrestre dos espíritos desencarnados obedecem às condições dos seus corpos astrais. Se estes estão impregnados de elementos grosseiros pela conduta viciosa que tiveram aqueles, locomovem-se, a passo, como o fazem os seres encarnados.

Os que levaram, no entanto, uma existência terrena menos materializada, deslizam na atmosfera, de acordo com a densidade de seus corpos astrais, impelidos pela ação do pensamento.

Apesar desses espíritos compreenderem, com relativa facilidade, o fenômeno da desencarnação, seus pensamentos se fixam, em demasia, nos acontecimentos da vida terrena com o desejo de continuarem a sentir as emoções e os prazeres dessa mesma vida, passando então a atuar sobre as criaturas encarnadas, e essa atuação, quando persistente, acaba por tornar-se obsessiva. É esse o desejo que os leva a permanecer na atmosfera da Terra, numa atividade semelhante à que tiveram como encarnados.

Os que foram médicos, por exemplo, procuram exercer as suas atividades onde encontram mediunidade desenvolvida e desprotegida da disciplina racionalista cristã.

Acontece, porém, que não dispendo os espíritos na atmosfera da Terra de meios para ampliar os seus conhecimentos, não podem evitar as mistificações nem se livrar das influências deletérias do ambiente em que vivem,

São, por isso, sempre prejudiciais as suas atuações, enquanto se mantiverem na atmosfera da Terra, qualquer que seja o grau de evolução que tenham alcançado.

Astral Inferior

A camada atmosférica que envolve o planeta Terra denomina-se astral inferior. Nessa camada estão espíritos que pertenceram a todas as classes sociais e que na sua vida de encarnados se deixaram empolgar pelas emoções materiais.

Essas emoções não faltam no astral inferior, que é também ambiente impregnado de misticismo religioso.

Inúmeros daqueles que iludiram o semelhante com promessas do céu e ameaças do inferno, ali também se acham presentes. É o paraíso de todos os materialões e gozadores.

Nenhum espírito encarna tendo como ponto de partida o astral inferior. Ele passa do astral inferior para o mundo correspondente à sua classe, e somente desse mundo poderá vir a encarnar.

No astral inferior os conhecimentos do espírito são limitados aos que teve na Terra. Os que foram materialistas, mais ainda se apegam a essa idéia, já que o meio não é favorável à mudança de opinião.

Ali constata-se que não há deus, nem demônio, nem santos, nem céu, nem inferno, e riem-se dos adoradores que estão ainda entorpecidos pela influência das suas crenças.

Os religiosos educados no regime do temor acovardam-se, inicialmente, ao penetrar no astral inferior, pensando no purgatório e no inferno.

Observando, a seguir, que foram enganados, perturbam-se, perdem a noção do seu estado, numa situação de completa perplexidade e acodem, desorientados, às igrejas, como que em busca de um roteiro, de um guia, de uma tábua de salvação.

Com o correr do tempo vão-se familiarizando com o ambiente e travando conhecimento com outros desencarnados, em situação idêntica.

Não é sem decepção e sofrimento que muitos vêm ruir e desfazer-se o castelo de fantasias que construíram na mente com o abundante material sugestivo da mística religiosa.

Mesmo assim, é tal o apego a santos e aos deuses e tão grande, tão profundamente enraizado o temor de serem castigados, que nem mesmo nesse estado de semiconsciência espiritual são capazes de

fazer funcionar o atrofiado raciocínio para a libertação que tantos benefícios lhes proporcionaria.

É relativamente pequena a transformação que o desencarnado observa, ao penetrar no astral inferior: vê que possui um corpo igual ao carnal e enxerga o quadro da vida material terrena como sempre o conheceu.

Expressando-se, como os demais desencarnados, pela ação do pensamento, como se estivesse falando, pode mesmo ouvir o timbre do som que lhe dá a idéia de ser da sua própria voz.

Esse fenômeno é perfeitamente compreensível: os pensamentos possuem diferente densidade e, em decorrência, um som especial, característico e individual.

Todos esses fatos contribuem para que o desencarnado se acomode no astral inferior, na ignorância dos males que lhe advêm dessa permanência num meio em que a evolução é paralisada, com a agravante de armazenar, para resgate futuro, ônus mais ou menos pesados, conforme a atividade a que se entregou nesse setor de baixa espiritualidade.

Expansão aos Vícios e Contato Perigoso

Os espíritos desencarnados dão, no astral inferior, expansão aos vícios que alimentaram em corpo humano. Assim, se têm vontade de fumar, encostam-se ao encarnado que está fumando e experimentam, por indução, o mesmo prazer que este sente.

De igual modo procedem com relação aos demais desejos daí se podendo concluir que todos os espíritos encarnados possuidores de vícios se entregam, como instrumentos inconscientes, à satisfação dos que alimentam os espíritos do astral inferior.

Há, ainda, um ponto a esclarecer: nem sempre os desejos viciosos partem das criaturas encarnadas. Muitas vezes são os obsessores viciados que as acompanham que os despertam e as intuem para saciá-los.

O perigo do contato com os espíritos do astral inferior não está somente em sujeitar-se o ser humano às más influências intuitivas que resultam em desatinos, em obsessões, em conflitos domésticos, em ressentimentos infundados, em desentendimento com a família, em prevaricações e infidelidades.

Há também o risco de acidentes e desastres motivado pelo estado de perturbação a que eles podem fazer chegar os seres humanos. A esses males, acrescentam-se as moléstias infecciosas que os espíritos do astral inferior geralmente ocasionam ou agravam, levando a criatura à desencarnação.

O processo é relativamente simples para eles: colhem nos focos de matéria pútrida os miasmas contaminadores e os depositam no corpo da vítima, aproveitando-se das lesões ou ferimentos expostos, da debilidade do paciente e de todos os elementos favoráveis à propagação ou desenvolvimento do mal.

Perversidade sem Limites

A perversidade com que podem agir os espíritos do astral inferior é quase ilimitada. À ação deletéria desses espíritos são devidas muitas e muitas desgraças.

Maiores seriam elas, no entanto, se os espíritos do Astral Superior não dispusessem de correntes mais fortes formadas pelas vibrações do pensamento de seres encarnados e esclarecidos a respeito dos seus deveres espirituais que podem conservar a mente limpa e manter-se em condições de reagir contra qualquer influência maléfica.

Como os espíritos do astral inferior não ignoram que todos os seres possuem mediunidade intuitiva, dela se aproveitam para incutir no mental dos mesmos idéias absurdas e disparatadas.

Daí a razão de andarem certos indivíduos com mania de perseguição, de verem outros as coisas sempre pelo lado negro e de muitos se suporem vítimas de doenças diversas.

Cumpra acentuar – e este detalhe é da maior importância – que nem todos os males de que é vítima a humanidade são produzidos pela ação dos espíritos do astral inferior. Cada indivíduo possui tendências, temperamento, modo particular de sentir e ver as coisas, livre arbítrio para tomar decisões e individualidade própria. A ele cabe, por conseguinte, a responsabilidade direta pelos sucessos ou fracassos que tiver na vida.

Se é verdade que as forças do astral inferior são atraídas por pensamentos afins e intervêm na vida dos seres humanos causando diversos males ou agravando os já existentes, não é menos verdade que eles se podem defender perfeitamente dessas forças inferiores, com as poderosas armas do pensamento e da vontade.

Formação de Falanges

Existem na Terra indivíduos que governam e outros que são governados. Se esses indivíduos não forem capazes de imprimir às atividades terrenas a que se entregam um sentido espiritualista, ingressam, quando desencarnam, no astral inferior, conservando as mesmas inclinações de mando e de obediência.

Formam-se, assim, as falanges sempre dirigidas por um chefe. Se o seu comandante é perverso, também o são os comandados, pois o que os une é, precisamente, a afinidade de sentimentos.

Essas falanges coordenam as suas atividades perniciosas com as dos encarnados que se entregam à prática da magia negra e de suas numerosas derivações.

O grau de perversidade de cada falange depende da inferioridade espiritual dos seus membros. As que se dispõem a colaborar nos mais requintados atos de selvageria, assistem aos indivíduos encarnados mais violentos e perversos, do mesmo modo que outras, de instintos menos agressivos, intuem os médiuns de sentimentos idênticos: os macumbeiros, os adivinhadores, os trapaceiros, os oráculos, os arrumadores de negócios, as

cartomantes e todos os intrujões que mercadejam com a credulidade e a ignorância alheia.

A grande maioria dos suicídios, dos casos de loucura, das desavenças, das arruaças, dos conflitos, das agressões, das discussões, das desordens, das intrigas e das convulsões por paixão política, é provocada pela interferência das forças do astral inferior.

Os espíritos que ali estagiam estão todos envolvidos em fluidos densos e grosseiros impregnados de correntes vibratórias malsãs, como a inveja, o ciúme, a corrupção, o ódio, a mentira, a ingratidão, a hipocrisia, a traição, a falsidade e outros sentimentos equivalentes.

Esses espíritos agem, freqüentemente, com manha e brandura, exteriorizando nos centros em que atuam (que não devem ser confundidos com as Casas Racionalistas Cristãs), os mais puros e nobres sentimentos e as mais doces e melodiosas expressões de amor ao próximo.

Espíritos bem Intencionados

Não se pense que no astral inferior impera somente a maldade. No mesmo ambiente de almas pervertidas estagiam outras que tiveram a intenção de ser boas, quando encarnadas, mas que falharam nesse propósito, por haverem conservado adormecido o raciocínio, na lamentável inconsciência do que representa, no curso da vida, o sentimento de justiça e a prática efetiva (e não somente em pensamentos) do bem.

É bom insistir em que nada podem fazer as forças do astral inferior de útil à humanidade, apesar de se encontrarem nesse meio espíritos bem intencionados.

A razão facilmente se compreende: as melhores intenções desses espíritos são neutralizadas pela ação fluídica do ambiente, acabando por produzir males cuja intensidade varia de acordo com o seu grau de espiritualidade.

Somente no mundo relativo à classe a que pertencem, para onde terão de seguir antes de voltarem a encarnar, é que os espíritos – livres de toda perturbação e em plena lucidez – reconhecem o grande atraso que traz à evolução do ser humano a desencarnação prematura.

Na atmosfera da Terra, de um modo geral, consideram melhor a vida que levam, sob certos aspectos, do que a dos encarnados. Por isso deseja, muitas vezes, que os amigos que deixaram na Terra também desencarnem, para fazer-lhes companhia, e passam a trabalhar astralmente para isso, sem que estejam movidos por qualquer sentimento de animosidade.

Ascensão aos Mundos a que Pertencem

É erro supor que todos os espíritos que desencarnam estagiam no astral inferior. Muitos ascendem imediatamente aos mundos de sua classe, sem um só instante se deterem na atmosfera da Terra.

Esses são os que sabem viver espiritual e materialmente, os que vêm no trabalho honrado uma das sérias razões da vida, os que mantêm puros, limpos e incontaminados os pensamentos.

Os que assim vivem e pensam atraem, freqüentemente, as Forças Superiores que os assistem, principalmente no momento da desencarnação, auxiliando-os a trasladar-se para os seus mundos.

Já vimos que o Astral Superior conta, para a sua obra de saneamento do planeta, com vários pontos de apoio na Terra, pois sem tal apoio o seu trabalho seria mais difícil ou mesmo impossível.

Onde quer que se encontre uma criatura a irradiar pensamentos de alto valor, aí está um pólo de atração, um instrumento de apoio à ação das Forças Superiores. A limpeza psíquica, que as Casas Racionalistas Cristãs realizam, não tem outra finalidade.

Com o auxílio das correntes fluídicas nelas formadas, penetram os espíritos do Astral Superior na atmosfera da Terra, arrebatando obsessores de toda espécie, dos mais pacatos aos mais agressivos.

Contam-se entre os espíritos arrebatados pela corrente fluídica organizada por essas Forças do Bem (cuja luz esplendente ilumina e desperta as consciências, mesmo as mais empedernidas) inumeráveis perturbadores do equilíbrio da vida terrena, uns de grande inteligência, outros de enorme obtusão, outros, ainda, de intelectualidade incipiente, mas todos atolados no mais fundo materialismo: escamoteadores contumazes, magistrados venais, audazes mistificadores, impenitentes charlatães, ministros envaidecidos, presidentes impatriotas, reis megalomaniacos, papas adoradores e de mental obscurecido pelos dogmas, etc.

O primeiro dever do espírito, depois que desencarna, é ascender ao mundo a que pertence, sem se deter na atmosfera da Terra.

Como, porém, ninguém pode cumprir o dever sem estar para isso preparado, os espíritos desencarnam em sua maioria envoltos na névoa embriagadora das sensações materiais agravada pelas fantasias criadas pelas místicas religiosas, e passam, assistidos por obsessores, a engrossar as hostes dos que estagiam na atmosfera da Terra.

Somente os que não se esquecem, quando encarnados, dos deveres espirituais e a eles condicionam toda a grandeza da vida, estão preparados para a ascensão aos mundos a que pertencem, sem resvalar pelas correntes impuras do astral inferior.

Se a humanidade pudesse compreender que todos os acontecimentos ocorrem dentro de condições naturais, de acordo com o estado de alma ou sujeitos ao desenvolvimento espiritual de cada indivíduo, não se mortificaria nem se deixaria abater pelo desespero e as amarguras a que constantemente se entrega.

Todos os espíritos dos Astral Superior têm essa nítida consciência. E porque a possuem, observam, com o entendimento

esclarecido, as desgraças que se lamentam no planeta, sem que elas produzam qualquer alteração nos seus sentimentos e atividades.

Vida é Ação

Vida é ação. Onde há ação, está o cumprimento do dever. Como a vida é dinâmica e sem interrupções, os deveres que recaem sobre o espírito estão sempre presentes, e o seu cumprimento representa uma imposição inadiável que no Astral Superior é cumprida rigorosamente.

Ali não se conhecem o cansaço, a preguiça, a indolência ou a displicência, nem se deixa para depois o que deve ser feito no momento exato. A fadiga resulta de trabalhos materiais que não atingem o espírito.

No Espaço Superior inexistem o dia e a noite. A luz que o ilumina e satura permanentemente é a Força Inteligente em ação no oceano infinito do Universo.

Os espíritos estagiados no astral inferior encontram-se fora da lei impedidos de cumprir os deveres que lhes são afetos, por ser aquele um meio criado pelo erro, pelo abandono das obrigações, pela submissão aos vícios, pela atrofia e embrutecimento do sentido espiritualista e pela expansão das tendências inferiores vindas de encarnações passadas, que não se interessaram por extinguir.

Em tal ambiente, os espíritos estão completamente iludidos a respeito da vida, na dependência de serem despertados para ela. E esse despertar não é fácil, se levarmos em conta a influência dos fluidos perturbadores que os envolvem.

Sem a lucidez indispensável ao clareamento do embotado senso do dever, vegetam numa situação inferior à que mantinham quando encarnados, por não disporem no astral inferior de nenhuma possibilidade de melhorar o seu estado espiritual.

Enganosos aspectos da vida material podem enleiar o espírito, mas apenas enquanto encarnado ou na atmosfera terrestre. No seu

mundo, livre de todas as influências terrenas, a vida real se apresenta com a limpidez da verdade. Nele os deveres têm uma só interpretação, não havendo, por isso, sofismas, modos de ver alternativos, situações dúbias, vacilações, dúvidas ou incertezas. Dever firmado e dever cumprido são princípios que se confundem numa só consumação.

No mundo correspondente à sua classe não podem – como esta obra esclarece – o espírito evoluir. Essa impossibilidade resulta de todos ali possuírem o mesmo nível intelectual e, pois, idêntico grau de desenvolvimento. Nada têm, assim, para ensinar uns aos outros.

Mas este planeta está – como já foi dito – preparado para receber espíritos de dezessete classes diferentes que aqui se misturam, se auxiliam, se confraternizam, trocando conhecimentos. Não é necessário salientar, mais uma vez, o papel que essa desigualdade de valores representa no processo evolutivo da humanidade. Ela é tão importante, tão valiosa, tão necessária, que até os membros de uma mesma família são, em regra, de espiritualidade diferente.

Visão do Passado

Às faculdades dos espíritos, não escapa nenhum detalhe, nenhum movimento, nenhum fato referente à sua vida pregressa. Têm eles gravadas em matéria fluídica, pela ação vibratória do pensamento – e com a mais absoluta fidelidade – toda a vida pretérita, desde a sua origem, e a continuam gravando eternamente.

É difícil fazer idéia do que significa o registro nessa imensa, nessa interminável esteira fluídica de todos os atos da vida de cada ser humano, estando nela perfeitamente focalizados como se fossem filmes cinematográficos cujas cenas podem ser vistas em qualquer época e a qualquer momento.

Tão logo alcança o mundo a que pertence, o espírito revê toda a sua vida passada. Examina-a, detida e minuciosamente, faz

confrontos, observa as encarnações perdidas, calcula o tempo que desperdiçou nas parcialmente aproveitadas, raciocina, analisa e estuda a posição em que se encontra, com o fim de estabelecer um novo plano para a encarnação seguinte.

Se verifica que estacionou no astral inferior deplora, intimamente, não haver utilizado melhor os seus próprios recursos espirituais, com os quais teria adicionado outros valores ao seu patrimônio moral.

Pólos de Atração

Já sabemos – porque isto foi explicado nas páginas anteriores – que os espíritos realizam o seu progresso reencarnando neste mundo até alcançarem o décimo-sétimo grau de evolução.

Daí para cima a evolução é processada no Espaço que – como também foi dito – é denominado Astral Superior.

Entre outros muitos deveres, têm os espíritos do Astral Superior o de contribuir para o progresso dos seres encarnados, respeitando, em regra geral, o livre arbítrio destes.

Sem o estabelecimento de pólos de atração suficientemente fortes, seria impossível aos espíritos do Astral Superior alcançarem a Terra. Para isso, além dos seres esclarecidos que neste planeta lhes servem de instrumentos, contam com o concurso dos espíritos dos mundos opacos que estão ao seu serviço.

Esses espíritos deviam fazer a sua evolução reencarnando, como geralmente acontece. Tantas foram, porém, as encarnações perdidas e tamanhos os sofrimentos por que passaram, sem proveito, que se decidiram a trabalhar no Espaço, sabendo embora que ali o seu progresso espiritual é bastante lento.

Entretanto, milita a favor desse processo a circunstância de não haver perda de tempo, como acontece na Terra, onde milhões e milhões de encarnados se atolam nas baixas paixões mundanas e se deixam dominar pelos falsos prazeres da vida material.

Os espíritos classificados nos mundos opacos são da sexta à décima-primeira classe. Seus corpos astrais compõem-se de matéria fluídica mais ou menos densa, e com eles se podem locomover, facilmente, na superfície deste planeta. Rigorosamente disciplinados pelas Forças Superiores, sua atividade é valiosa, já que podem penetrar em quaisquer ambientes, por piores que sejam.

Oferecem, ainda, os espíritos dos mundos opacos estreita colaboração aos encarnados, quando em desdobramento no regime doutrinário explanado nesta obra, para que as Forças Superiores possam promover grandes limpezas psíquicas no astral inferior, dele arrebatando terríveis obsessores. No Astral Superior dispõem os espíritos dos mais amplos recursos para o cumprimento dos seus deveres.

Espaço e Tempo

Espaço e tempo são duas relatividades terrenas desconhecidas no Astral Superior. O campo de vista do ser humano é restrito às três dimensões.

Quando a ciência terrena registra a velocidade da luz, nada pode informar a respeito da velocidade com que os Espíritos Superiores – que de igual modo são Luz – se locomovem no Espaço. E nada pode informar porque no presente estado de evolução da humanidade, esse conhecimento ainda não faz falta.

Espaço e tempo – abstraídas as condições da relatividade – são duas expressões que se confundem numa só.

Quando o intelecto humano estiver em condições de exercitar a sua faculdade dedutiva, imaginativa e analítica, na órbita dessa compreensão, então o aspecto do Universo mudará por completo, e o problema das grandezas imensuráveis passará a ter nova significação.

É justamente sob tal modalidade de vida que se movimentam os espíritos do Astral Superior, que têm por campo de ação extensões

que escapam aos limites de compreensão existentes no horizonte do mental humano, e por deveres, decorrentemente, atribuições que não se assemelham às do viver terreno.

As minudências da vida do Astral Superior apenas interessam aos que se encontram naquele plano. Ao espírito encarnado nenhuma contribuição poderão, por enquanto, oferecer.

8. O PENSAMENTO

O pensamento é vibração do espírito, manifestação da inteligência, poder espiritual.

Ao atingir determinada fase evolutiva, sente o espírito necessidade de dar expansão aos seus conhecimentos, alargar os horizontes da inteligência e, cada vez mais, fortalecer os princípios morais que for aperfeiçoando de encarnação em encarnação, na rota da existência.

Pensar é raciocinar, é criar imagens, conceber idéias, construir para o presente e o futuro. É pelo pensamento que a criatura resolve, soluciona, descobre e esclarece os problemas da vida.

O espírito imprime ao pensamento a própria força de que é dotado. Como o som e a luz, ele também faz todo o seu percurso em ondas vibratórias que ficam registradas no oceano infinito da matéria de que é provido o Universo e, com facilidade, pode tornar-se conhecido de todos os espíritos, desde o instante em que é emitido. Daí a impossibilidade de ser alterada a verdade na vida espiritual.

Todo processo da evolução está fielmente impresso no Livro da Vida. As boas e as más ações, os pensamentos inferiores, como os elevados, ali se encontram gravados indelevelmente. Os pensamentos antecedem as ações. Assim, tudo o que é feito, todos os atos dignos ou indignos são o resultado de pensamentos também dignos ou indignos. “Quem mal faz para si o faz” – dizem as leis espirituais – e com que razão o dizem!

Os pensamentos ficam ligados à sua fonte de origem enquanto permanecer o sentimento que os gerou. Eles estabelecem verdadeiros climas ambientais proporcionadores de saúde ou de enfermidades, de alegria ou de tristeza, de triunfo ou de fracasso, de bem ou mal-estar.

Formando correntes que se cruzam em todas as direções, têm como fonte alimentadora os próprios seres encarnados e desencarnados que os emitem.

Muitas dessas correntes são, além de doentias, terrivelmente avassaladoras. Elas chegam mesmo a exercer acentuada predominância sobre as benéficas, pela grande inferioridade espiritual de que está saturada a atmosfera deste planeta.

Pensando mal o ser humano não só transmite, mas também capta na mesma intensidade, queira ou não, pensamentos afins e os efeitos desses pensamentos maléficos. Essas correntes produzem os mais sérios danos em distúrbios físicos e psíquicos.

A educação e o fortalecimento da vontade têm importância fundamental na ação de governar os pensamentos. Aprendendo a fortalecer-se com sentimentos repletos de valor, o ser humano criará em torno de si uma barreira fluídica de tamanha rigidez que os pensamentos maléficos dos espíritos obsessores não terão força para quebrar.

Ânimo resoluto para pensar e deliberar é condição que se impõe. Temores e indecisões conduzem ao fracasso. O pensamento racionalmente otimista deve prevalecer, sempre e sempre, porque – quando aliado à ação – se constitui numa força capaz de demolir os mais sérios obstáculos.

Pensamentos de valor e de coragem, de firmeza e decisão, atraem vibrações de outros pensamentos de formação idêntica, produzindo um ambiente de confiança capaz de conduzir ao sucesso.

Reveses

Jamais o espírito se deverá deixar abater. Um revés não significa mais que um incidente passageiro. Ele deve servir para chamar a atenção para algo que foi negligenciado ou que era desconhecido. Muitas vezes chega até a ser útil.

De qualquer modo, sempre há de haver uma experiência a colher e uma lição a guardar de cada insucesso que ocorre.

Na vida nada acontece por acaso. Tudo tem a sua explicação, o seu motivo, a sua causa, a sua razão de ser. Ninguém pode aprender somente com o êxito, pois também se aprende, e muito, com o insucesso. A felicidade, a saúde e o bem-estar não seriam tão desejados, se fossem desconhecidas a desgraça, a doença e a miséria.

Diante disso, ninguém deve esmorecer. O lema é sentir o mal para evitá-lo, para combatê-lo, para destruí-lo, e conceber o bem para conquistá-lo, para atraí-lo, para integrá-lo nos hábitos e costumes de todos os dias.

Nessa conduta reflete a ação soberana do pensamento que sobressai, por representar uma força motriz de prodigiosa capacidade para derrotar os obstáculos.

Essa força do pensamento varia com a educação da vontade. A vontade fraca anima o pensamento débil; a vontade forte, o pensamento vigoroso.

Não é, pois, dando acolhimento às vibrações enfermigas do pessimismo, do desânimo, da malquerença, da inveja, da ingratidão, do ódio, da vingança, da perversidade e da indolência que o indivíduo se fortalece e resolve os seus problemas. Antes entorpece a mente e se arruína com essas vibrações.

Saber Pensar

O pensamento se cultiva, se aperfeiçoa, se aprimora e fortalece pelo poder consciente da vontade. Pensamentos fortes são claros, refletidos e bem definidos.

Com maior facilidade se concretiza um ideal quando se sabe pensar firmemente e se põe em ação uma vontade repleta de energia.

Saber concentrar-se em determinado assunto dando asas à imaginação com o propósito e o empenho de estudá-lo bem, de descobrir todas as suas nuances, toda a multiplicidade de aspectos, todas as diferentes formas de interpretação e até mesmo as suas modalidades sofisticadas, constitui exercício de excepcional importância para chegar ao domínio absoluto do objeto desse estudo.

Em todos os casos, porém, precisa o estudioso exercer severo controle sobre si mesmo, para não colocar na apreciação dos fatos em exame as suas simpatias, interesses egoísticos ou mesmo a influência da presunção e do convencimento de que se ache possuído, pois estes oferecem, invariavelmente, uma visão deformada das coisas e acabam por levá-lo a conclusões falsas.

Para ser construtivo, progressista, realizador e útil ao Todo, o pensamento precisa ser límpido, cristalino e escoimado das deformidades espirituais ocasionadas pelo viver desmetodizado, pela egolatria e pela pressuposta infalibilidade das opiniões que conduzem ao fanatismo das idéias fixas.

É comum ouvir-se dizer que a união faz a força. Nada mais exato, tanto no sentido material como no espiritual. A influência do meio é da maior importância para o bem-estar do espírito. Vários indivíduos de má índole e inferior educação, ligados uns aos outros e a terceiros por pensamentos afins, produzem vibrações muito mais perniciosas do que as emitidas apenas por um deles.

Por esse exemplo, se vê que todo indivíduo deve saber preparar-se mentalmente, sempre que tiver de penetrar em qualquer mau ambiente. Esse preparo consiste no pensamento vibrado com sabedoria, elevação, consciência e confiança em si mesmo.

O vigor do pensamento emitido por criatura mentalmente sã e esclarecida cresce na medida das necessidades do momento, amplia-se, expande-se e supera qualquer corrente de pensamentos

inferiores, pela atração que exerce da Força afim, universal, cujo poder é infinito.

Força do Pensamento

A força do pensamento tem como medida o grau de evolução do ser humano, e como limite a capacidade que este possuir de utilizar-se do seus atributos espirituais.

Ela deverá ser sempre desenvolvida com o objetivo de favorecer ao bem comum. Desde que o ser humano cresça na consciência de si mesmo e se identifique com as suas poderosas faculdades latentes, encontrará na força do pensamento o instrumento seguro e eficaz para a realização de todos os seus anseios e aspirações e a proteção da sua saúde física e mental.

A história da medicina registra inumeráveis casos de doenças graves cujas curas, por muitos consideradas milagrosas, apenas se deveram à reação espiritual dos próprios enfermos e à atração que souberam exercer das Forças Superiores.

A sublimação do pensamento traduz um estado de consciência sensível à evolução do espírito e propício à conquista da felicidade interior e do bem-estar proporcionado por essa felicidade.

O espírito cria a imagem pelo pensamento e só depois a materializa para determinado fim. Vejam-se as maravilhas da pintura universal. Observe-se a riqueza, a magnificência da obra que consagrou e imortalizou tantos e tantos artistas, através dos tempos. Pois nenhuma delas foi lançada na tela sem que o pintor a tivesse mentalmente concebido em todos os seus detalhes.

O mesmo acontece com o engenheiro. Antes de desenhar o edifício, a máquina, o aparelho, o instrumento, a peça, ele os estuda e examina nos seus mínimos pormenores.

Com o pensamento em ação, engendra primeiro o esboço, corrige depois as prováveis falhas até que a imagem do que vai exteriorizar e materializar no papel esteja mais ou menos perfeita.

De toda a obra humana – toda, sem exceção – criou o espírito a imagem pela ação do pensamento, e só depois a materializou. E se assim ocorre na Terra, muito mais no Espaço onde o poder do pensamento criador é incomparavelmente maior.

Evolução significa, acima de tudo, poder criador. Quanto mais evoluído o espírito, mais poderoso se torna o seu pensamento e a sua capacidade de criar.

Um homem atrasado, por mais nefasta que seja a sua atividade, não pode ultrapassar certos limites impostos pela indigência do raciocínio e pela pobreza mental de que é dotado. Um espírito evoluído, um cientista, por exemplo, se fosse utilizar os recursos de sua inteligência para o mal, poderia causar uma obra verdadeiramente devastadora.

E se isto é possível num mundo tão modesto, de tão reduzida evolução espiritual, imagine-se a imensa força criadora, o extraordinário poder de realização dos espíritos altamente evoluídos cujas atividades são exercidas em planos mais elevados.

O pensamento vigoroso emana do espírito forte, adestrado, experiente. Em cada encarnação bem aproveitada, trabalha ele conscientemente, para melhorar, ainda mais, a sua personalidade psíquica.

E é na ordem deste progresso que crescem o poder do pensamento e a capacidade de conceber, de criar, de realizar obras, cada qual mais importante.

O grande repositório da sabedoria não está na Terra, mas no Espaço Superior. Os progressos avançados da moderna tecnologia não seriam ainda conhecidos, se muitas das suas parcelas não tivessem sido transmitidas aos seres humanos pela via da intuição, vale dizer pela força do pensamento, diante da qual todas as distâncias se anulam.

Das riquezas espirituais que a criatura tem forçosamente de conquistar neste planeta, assume papel de excepcional relevo a

faculdade do pensamento, de cujo poder concentrado e abrangente depende a racional solução de todos os problemas da vida.

9. O LIVRE ARBÍTRIO

O livre arbítrio é uma faculdade espiritual controlada pela vontade e, quando bem usada, orientada pelo raciocínio.

Quanto maior for o poder de raciocinar, tanto mais fácil se torna o governo do livre arbítrio. Livre arbítrio quer dizer liberdade plena de ação, tanto para o bem, quanto para o mal.

Praticam o bem os que trabalham para o aperfeiçoamento de hábitos e costumes, promovendo a sua evolução. Os que, por ações ou pensamentos, fazem retardar essa evolução, incidem no mal que acabará, cedo ou tarde, por atingi-los, com maior ou menor dureza.

A faculdade do livre arbítrio começa a despontar quando a partícula inteligente ascende à fase evolutiva que lhe dá condições de encarnar em corpo humano. Nessa fase, como é compreensível, o desconhecimento da verdade a respeito do processo da evolução é completo. A criatura, porém, já possui a consciência do bem e do mal.

O mau uso do livre arbítrio resulta da curta capacidade de raciocinar, da aquisição de vícios e maus costumes e do cultivo de sentimentos inferiores entre os quais tem papel de destacado relevo a perversidade.

Sob a influência dessas perniciosas aquisições inimigas da saúde e da evolução espiritual, a pessoa fica saturada de vibrações animalizadas que a fazem perder o respeito por si mesma, levando-a a cometer desatinos reprováveis. Todo mal cresce de vulto quando praticado conscientemente, e os que assim procedem terão, sem nenhuma dúvida, um triste e doloroso despertar.

Usar o livre arbítrio como arma contra o semelhante, utilizar-se dele para injuriar, intrigar, escarnecer, caluniar e desmoralizar o próximo, constitui crime da mais alta condenação.

Fujam os seres, o quanto possam, da justiça terrena, tantas e tantas vezes falha na apreciação dos feitos humanos, mas jamais

escaparão às sanções espirituais que os farão colher, no devido tempo, o fruto das sementes que houverem lançado sobre a Terra.

Não é um tribunal astral, como se poderá supor, que vai impor ao delinqüente a justiça espiritual. É o próprio espírito que a ela voluntariamente se submete, no momento em que – livre de todas as influências deste mundo – procede a devido exame de seus atos, quando nem um só escapa à sua apreciação e julgamento.

O remorso, nessa ocasião, lhe queima a consciência, como se sobre ela tivesse sido posto um ferro em brasa. Dominado pelo arrependimento, anseia por nova encarnação, disposto a dar o máximo de si para recuperar, o mais possível, o tempo que perdeu na Terra.

É a queimadura de alto grau produzida pelo atrito da luta íntima entre a constatação do mal praticado e a consciência do dever deixado de cumprir que faz trabalhar o raciocínio, exercitando-o e desenvolvendo-o.

A perversidade é uma demonstração inequívoca de inferioridade espiritual. Ela significa não estar o espírito ainda convenientemente lapidado e torna claro que as suas vibrações são idênticas às das camadas espirituais de baixo desenvolvimento da espécie humana.

O livre arbítrio, em tais circunstâncias, reflete, no desacerto da orientação, o estado de ignorância do próprio espírito.

O espírito é luz e, como tal, brilha com a intensidade correspondente ao seu grau de progresso. Intensidade de luz quer dizer intensidade de vibração. Quanto maior for essa intensidade, mais acentuado é o conhecimento da vida, mais evidente a ação dinâmica espiritual, mais seguro o controle dos atos humanos e mais apurado o uso do livre arbítrio.

À medida que cresce a intensidade da vibração do espírito, vai diminuindo a possibilidade de deixar-se ele empolgar pelas correntes vibratórias de inferior espécie e de praticar ações que a sua consciência reprove.

A evolução – nunca é demais repetir – é regida por leis naturais que jamais se alteram no Tempo e no Espaço. Às suas normas imperativas ninguém se pode subtrair.

Essas leis colocam todos no mesmo rigoroso pé de igualdade no tocante aos meios que cada qual dispõe para fazer uso, com toda a liberdade, do patrimônio espiritual que for conquistando, de maneira mais rápida ou mais lenta, conforme a direção que tenha dado ao livre arbítrio.

Construir o Próprio Futuro

A evolução não só pode ser retardada, como até paralisada pela indolência, displicência ou negligência do ser humano. Essa situação de indiferença, de relaxamento e abandono dos deveres que a vida impõe, é muitas vezes atribuída a uma suposta predestinação ou ao jugo de um destino inexorável e cruel, contra os quais muitos pensam que seria inútil lutar.

Esse modo falso de encarar coisas tão sérias é de conseqüências desastrosas. O espírito encarnado tem suficiente poder para mudar, em qualquer tempo, os rumos da vida, manejando, corretamente, o livre arbítrio. Do seu futuro bom ou mau, do triunfo ou do insucesso, é ele o artífice.

O homem esclarecido prepara hoje o dia de amanhã. Isso significa que o futuro será o que estiver sendo projetado e trabalhado no presente.

Como há muito o que fazer, cumpre-lhe estar sempre atento aos seus deveres, procurando utilizar o livre arbítrio em lances que protejam o seu futuro e lhe facilitem a jornada.

A dor moral – se acompanhada de desorientação – produz vibrações suscetíveis de atrair e reter influências e fluidos deletérios.

No entanto, desde que a criatura possua algum conhecimento da vida e perceba as associações existentes entre o corpo e o espírito –

sem perder de vista a precariedade e transitoriedade dos valores terrenos – compreenderá a necessidade de opor reação imediata ao sofrimento, para não se deixar dominar por ele, assim como aos pensamentos de fraqueza que o poderão conduzir à depressão espiritual e física, causa de tantos avassalamentos.

A ninguém é solicitado mais do que pode dar. O bom uso do livre arbítrio está dentro da capacidade de cada um. Por que, então, cometer erros que fazem da vida um tormento? Por que se deixarem tantos absorver pelas esfuziantes emoções dos sentidos materiais, tão precárias quanto enganadoras?

É, pois, do máximo interesse humano o conhecimento da responsabilidade que cada um tem no governo da sua faculdade arbitral. Essa responsabilidade faz parte integrante da vida sendo, por isso, irrecusável e intransferível. É inútil negá-la, como é inútil a tentativa de escapar às suas conseqüências.

A mística do perdão para os crimes, falcatruas e prevaricações não tem qualquer sentido na vida espiritual.

O que se impõe, acima de tudo, é a necessidade imperiosa e inadiável de cada criatura enfrentar com coragem, determinação e valor os problemas e as responsabilidades da vida.

O perigo precisa ser conhecido para poder ser evitado. São incalculáveis os males resultantes da ignorância do que representa o livre arbítrio na existência humana, pois com essa faculdade bem conduzida, não teríamos tantas encarnações perdidas.

É longo, sem dúvida, o jornadaar do espírito pela Terra, em sucessivas etapas. Todas elas, porém, poderão ser galgadas sem inúteis repetições, se os princípios racionalistas cristãos forem rigorosamente observados, e deles faz parte destacada o importante tema deste capítulo.

Grande parte da humanidade pouco sabe a respeito do livre arbítrio. Muitos desconhecem, até mesmo, a sua existência. Para essa ignorância tem contribuído, decisivamente, o erro multissecular

de limitar-se a vida a uma única encarnação – erro pelo qual os seres humanos têm pago um altíssimo preço.

Quando se decidirá a humanidade a despertar para a realidade da vida? Quando se sentirá com forças para romper as cadeias que a prendem, como escrava, a concepções falsas?

Isto terá que acontecer um dia. Quando, não importa.

10. A AURA

A aura, que envolve todos os corpos vivos dos três reinos da natureza, é uma emanção da Força Inteligente, podendo ser observada pelas pessoas que tiverem desenvolvida a faculdade mediúnica da vidência.

Mais densa junto à periferia do corpo, ela se diafaniza, gradativamente, daí para a sua própria periferia externa.

A visão astral, quando principia a desenvolver-se, apenas distingue a porção de maior densidade da aura. A sua observação mais profunda, porém, é somente possível aos que possuem a vidência suficientemente apurada.

A coloração da aura dos corpos minerais apresenta-se, de certo modo, constante. Nos corpos vegetais a vida já demonstra ação evolutiva mais avançada e variável. As plantas, no viço da existência, e as madeiras, na sua utilização industrial, apresentam auras diferentes que correspondem à transformação operada nestas.

Nos animais inferiores aumenta a variação das cores áuricas, que se alteram de acordo com as suas condições de saúde, o estado de calma ou de irritabilidade, de coragem ou de temor, de boa ou má nutrição e, ainda, com a idade viril ou de senilidade.

É a aura humana que, pela grande variação de cores, apresenta maior complexidade de análise pois, além de revelar o estado de evolução de cada indivíduo, retrata a suas tendências, a índole, o grau de inteligência, a capacidade de raciocínio, a sensibilidade de consciência e, finalmente, a natureza dos seus pensamentos.

Ainda que pareça uma única, são três, na realidade, as auras humanas: a do espírito, a do corpo fluídico e a do corpo físico, cada uma das quais correspondendo à natureza do corpo de que emana.

A aura do corpo físico, que é a emanção de todas as partículas da matéria organizada nele contidas, pode ser observada durante o

sono sem a interferência das outras duas, quando o espírito e o corpo fluídico dele se afastam.

Verifica-se, então, ser ela esbranquiçada e transparente (como se constituída de fios de cabelos esticados) se o corpo estiver são, e curvos e caídos, se enfermo.

A aura do corpo fluídico, de tenuidade inferior à dos outros corpos, é quase invariável. Nenhuma, porém, se compara com a do espírito que, por sua intensidade e a variedade de cores, define, com fidelidade, a natureza das suas vibrações.

Os dois extremos opostos, na gama dos sentimentos alimentados pelo espírito, são identificados na aura pelas cores preta e branca.

A branca, límpida, cristalina, sem manchas, exterioriza a forma mais alta do desenvolvimento espiritual. A negra, os mais baixos e animalizados sentimentos.

Entre as auras preta e branca existe, de um extremo ao outro, imensa variedade de cores, cada qual definindo um estado, uma emoção, um sentimento, imperfeitos, já se vê, porque a meta a ser alcançada é a perfeição, traduzida pelo branco.

A visão física apenas pode distinguir as cores do espectro solar e suas associações. Existem, no entanto, inumeráveis outras que, embora escapando aos olhos físicos, fazem parte da seriação das cores áuricas do espírito.

A aura humana varia de cor, de acordo com o pensamento das criaturas. Em estado de calma e tranqüilidade, ela se manifesta por uma coloração própria, reveladora do grau de evolução do espírito.

Como, entretanto, essa evolução se processa com a eliminação progressiva dos sentimentos inferiores, a cor áurica, representativa do estado de evolução, é composta de numerosas outras cores combinadas, cada uma significando a presença de determinado sentimento, emoção ou paixão.

Na ordem evolutiva, cada indivíduo bem intencionado procura despojar-se dos defeitos que vai notando em sua própria

personalidade, mas conserva os que lhe escapam. Esse procedimento, assim mesmo, varia de pessoa para pessoa.

Uns, enquanto procuram dar combate à vaidade, esquecem-se da avareza; outros, esforçando-se por dominar a inveja, deixam-se levar pela luxúria, e assim por diante.

Disso resulta modificar-se de indivíduo para indivíduo a cor habitual ou própria da aura. E essa cor habitual ou própria vai mudando, paulatinamente, à medida que o caráter vai melhorando.

Ela está sujeita, ainda, a mutações repentinas e passageiras. Basta deixar-se o ser assaltar por uma emoção qualquer, para que a sua aura tome, imediatamente, a cor que essa emoção traduz. É que a emoção produz uma vibração correspondente, e esta, dominando o campo da aura, se impõe com a sua cor própria, característica e latente.

As cores habituais da aura definem, de um modo geral, o caráter do indivíduo, ao passo que as cores passageiras expressam as paixões ainda não sopitadas e destruídas.

A leitura da aura só poderá ser feita com exatidão por espíritos evoluídos conhecedores de toda a sutileza da alternância e combinação de cores, já que numa mesma cor cada tonalidade possui uma expressão ou significado particular, e cada combinação de duas ou mais cores ou tonalidades exige novas definições.

Os componentes do Astral Superior têm a aura invariavelmente branca porque, depois de atingir aquele estado, sua natureza passa a ser inviolável.

Muito embora esteja a aura oculta, em parte, à visão humana, precisa a criatura habituar-se a ser honesta, leal, verdadeira, não por medo de que os outros descubram a inferioridade da sua personalidade interior, mas por dever de consciência, por dignidade própria, pelo respeito que deve a si mesma e pelo esclarecimento relacionado com a vida.

Só assim o caráter do ser humano se lapida, se brune, se aperfeiçoa, se solidifica, sob condições estruturais indestrutíveis, de maneira que, em qualquer situação, as atitudes que pratica revelem sempre a alta qualidade dos seus atributos morais.

11. A EVOLUÇÃO

O princípio fundamental da vida no Universo é a evolução. Nela reside a base do entendimento de tudo quanto se passa dentro e fora do alcance visual humano.

Não há explicação lógica nem racional para a existência quando a evolução não é devidamente considerada.

Neguem-na por ignorância uns, por pirronismo outros, por interesse sectarista tantos, empreguem, para reforçar essa negativa, todos os sofismas, todos os floreios, todos os artifícios de linguagem de que forem capazes, e ela estará sempre presente, sempre viva, sempre atuante em todas as manifestações da vida, desde quando esta começa a despontar.

Por que tanto se interessam determinadas seitas em negar a evolução? Por que tão intransigentemente se opõem a ela? Por que não se curvam diante dela e a admitem e aceitam? O motivo não é difícil encontrar se considerarmos que o reconhecimento da evolução reduz a frangalhos a mística da salvação.

A aceitação, pois, de tal verdade implicaria na destruição de um sistema de que participam, direta ou indiretamente, milhões de indivíduos cujas conveniências pessoais são colocadas acima dos superiores interesses da humanidade.

Nem todos os adversários da evolução estão convencidos da sua inexistência. Não é pequeno o número dos que, mesmo combatendo-a, intimamente a admitem. Alguns a negam por não lhes ser profissionalmente conveniente a verdade. Outros por subordinação a dogmas que os tornaram fanáticos e obscurantistas.

Martelando a idéia da ‘salvação’ na mente da criança, vai-se essa fantasia impregnando no seu perispírito, até criar raízes profundas. Mais tarde, quando adulta, repete, maquinalmente, o que se habituara a ouvir, sem querer submeter o caso ao raciocínio por sentir um desagradável choque entre o falso, por tanto tempo

armazenado no subconsciente, e o verdadeiro, latente no sentido consciente.

Falsas Idéias

Além de absurdo, é o dogma da ‘salvação’ um estímulo ao comodismo. O trabalho, a luta que o ser humano precisa travar, o esforço a que não se pode deixar de entregar para conseguir a evolução espiritual e o progresso material, não são entendidos pelos sectaristas que melhor confiam na ‘graça’, nos ‘favores’, na proteção da suposta divindade, do que em tudo mais.

Ainda mesmo que se trate de vadios, parasitas e malandros, isso não modifica a sua imunidade celestial se vieram ao mundo como eleitos de ‘deus’ e a salvo, portanto, das conseqüências dos pecados terrenos. De qualquer maneira, não estão aí os representantes da divindade para conceder aos delinqüentes as absolvições e, com elas, o passaporte para o céu?

Os mais fundos desentendimentos humanos que tantas tragédias, tantos males, tantas desgraças geraram no mundo – sem excluir o ódio, as guerras e mesmo a miséria e a fome – têm suas origens, próximas ou remotas, na soma das falsas idéias que as inumeráveis seitas incutem nas criaturas.

Vítima inconsciente desses males, a humanidade vem sendo impelida para a dor, numa seqüência, quase interminável, de encarnações perdidas.

Uma coisa, porém, é certa: a evolução tem que ser operada, a qualquer custo. Assim o impõem as leis naturais e imutáveis que regem o Universo. E estas são indiferentes ao tolo pretensionismo dos que pensam poder iludi-las ou anulá-las.

Deve, por isso, todo indivíduo imprimir uma superior orientação à vida para encurtar o processo de sua evolução, esforçando-se por ser operoso e progressista e ter a atenção voltada para o aprimoramento da própria personalidade.

A evolução faz-se sentir em tudo: na semente que brota para transformar-se numa flor; na árvore que se agiganta e frutifica na trajetória de um ciclo; no ser humano que penetra na escola analfabeto e dela sai cientista; no desenvolvimento das artes, das letras, das ciências, da música, dos laboratórios, das indústrias, das invenções e das utilidades sociais.

Os átomos existem desde os primórdios da vida. E por que só há pouco os cientistas foram capazes de identificá-los e desintegrá-los? Por que não o fizeram antes? Mesmo no terreno biológico, por que, sendo o homem, na escala animal, o ser mais evoluído, seu aparecimento na Terra não precedeu ao dos demais animais?

A resposta é óbvia: o homem surgiu neste mundo como resultado da evolução dos animais que o precederam. E, apesar do adiantamento atual do planeta, a marcha evolutiva nos três reinos da natureza prossegue sem qualquer interrupção ou alteração. Apenas os que agora iniciam o seu progresso em corpo humano, encontram, na época presente, condições mais favoráveis ao seu desenvolvimento mental.

Embora possam essas criaturas primitivas ser consideradas bastante evoluídas em relação aos animais de categoria inferior pelos quais já passaram, são tão pobres, tão indigentes de inteligência, que mais se deixam orientar pelo instinto do que pela razão.

Trajectoria Evolutiva

A história da humanidade está assinalada por inumeráveis marcos indicativos da sua longa, de sua imensa trajetória evolutiva. E porque é impossível percorrer todo esse extenso caminho numa só existência física, os que se apegam ao tradicionalismo religioso negam-se a admitir a evolução para não serem forçados a reconhecer o elemento pelo qual ela se processa, na fase animal ou humana, – a reencarnação.

Basta raciocinar para compreender-se que nenhuma oposição séria pode ser feita à lei da evolução. Sem ela todos os seres possuiriam o mesmo grau de inteligência, adiantamento e espiritualidade.

Não é admissível que o ‘deus’, que as seitas ensinam a adorar, fosse criar um espírito mais atrasado do que o outro e fizesse, conscientemente, o imbecil e o sábio, numa arbitrária, defeituosa e injusta maneira de proceder.

Quando os sectaristas puderem divisar esse absurdo na consumação das práticas divinas, não mais repelirão o que é racional, lógico e intuitivo, pois encontrarão na evolução do espírito – que parte de uma origem comum, muito remota – a explicação de todos os fenômenos da vida.

Essa origem – convém insistir – é uma só. Ao iniciar-se o processo evolutivo, cada partícula da Inteligência Universal conta com as mesmas possibilidades, os mesmos recursos, encontra-se em idênticas condições e possui iguais valores latentes.

Por isso se desenvolve na mesma proporção até alcançar a denominação de espírito, quando passa a dispor do livre arbítrio para conduzir-se por sua conta e risco. Já vimos, no Capítulo 9 desta obra, como o mau uso do livre arbítrio retarda a evolução espiritual.

O observador que quiser enxergar tem diante dos olhos o quadro da evolução do espírito na vida terrena. Não existem dois indivíduos iguais, embora os haja semelhantes. Cada um está promovendo o seu progresso a seu modo e à sua custa, de acordo com o procedimento que tem adotado no transcurso das encarnações passadas, num período de milhares de anos.

Os que usaram melhor o livre arbítrio – é evidente – conseguiram evoluir mais do que outros menos cuidadosos, no mesmo número de encarnações.

Aí está uma das razões que explicam a grande heterogeneidade de mentalidades, disparidade de sentimentos e divergências de conceitos que se observam no meio do povo.

É que o número de encarnações realizadas varia de indivíduo para indivíduo, como varia também o aproveitamento que cada qual adquiriu e o esforço despendido por cada um.

Pode haver quem tenha perdido duzentas encarnações em conseqüência de uma vida desregrada, e quem, em igual período, tenha perdido, apenas, vinte. Este, sem dúvida, está muito mais evoluído do que aquele.

Revelação Simples e Desartificiosa

Veja-se como esta revelação da vida, transmitida ao conhecimento humano, é diferente da que os sectaristas apresentam, cheia de incoerências, absurdos e contradições, porque baseada nas sandices bíblicas em parte inspiradas por espíritos galhofeiros do astral inferior, conhecidos como ‘profetas’, que se serviram, não raro, de médiuns confabuladores, iguais aos muitos que por aí andam a explorar o imenso filão da credice, do qual auferem grandes lucros em pretensas ciências.

Quando foram escritos, há milhares de anos, os livros que ainda hoje, no século das luzes, embevecem e atrofiam o raciocínio de milhões de adoradores, estava este mundo em condições bem inferiores às atuais.

Quem faz evoluir o planeta são os elementos que nele vivem. Os seus habitantes, naquela época, possuíam um grau de evolução bastante abaixo do atual, e nada sabiam a respeito da mediunidade e de seus efeitos e conseqüências. O fenômeno mediúnico, corriqueiro nos dias de hoje, era tido como dom divinatório e sobrenatural.

A compreensão e o conhecimento das coisas são frutos da evolução do espírito, e muitos dos que hoje estão encarnados já

consideram a vida sob um aspecto que se aproxima, cada vez mais, da verdade.

Não se pense que os fanáticos vão admitir, como reais, as verdades aqui proclamadas. O fanatismo tolda a inteligência e não deixa raciocinar. Para o fanático, há livros sagrados ditados por ‘deus’, dos quais ele não pode nem deve duvidar, sob pena de cometer grande pecado e pôr em risco a sua ‘salvação’.

Eis, na realidade, o que se passa. Mas nem tudo está perdido. O crente tem o direito de reencarnar tantas vezes quantas forem necessárias à aquisição na vida terrena dos conhecimentos e da experiência que o levem a aceitar, de plena consciência, a verdade antes recusada.

Ninguém pode passar a um mundo mais evoluído enquanto neste se mantiver saturado de enganosas idéias sobre a vida e proceda, erroneamente, de acordo com elas.

É lamentável que o ser humano transforme, por ignorância, a larga estrada da evolução num estreito, áspero e sinuoso caminho repleto de obstáculos difíceis de transpor.

Todos terão de compreender, cedo ou tarde, que a humanidade caminha numa mesma direção e para alcançar um idêntico fim – que é o aperfeiçoamento – só atingível pelo esforço próprio bem orientado, pelo trabalho individual disciplinado e pela conquista do saber à custa de atividade intensa e permanente.

Deve o indivíduo procurar-se a si mesmo, e em si mesmo aprender a confiar, consciente de serem imensos e inavaliáveis os recursos que possui para levar a bom termo cada existência física.

Com este pensamento ficará sincronizado com a corrente da evolução por onde fará a sua ascensão espiritual, sem grandes tropeços e sem maiores sacrifícios.

12. O VALOR

O valor, que todos os espíritos possuem em maiores ou menores dimensões, é um dos ângulos marcantes da personalidade humana.

Quanto mais o caráter se consolida nas rudes asperezas do trabalho cotidiano e na luta pela conquista do bem, mais sente o espírito a necessidade de pôr à prova esse grande atributo, a fim de que os resultados correspondam aos esforços empregados.

Sempre que o ser humano, ao definir-se por uma conduta, tiver de apelar para o próprio valor e dele se socorrer para traçar a diretriz a seguir, ganha o seu acervo espiritual mais um reforço, mais um estímulo, mais uma parcela de enriquecimento.

E não há quem não tenha a oportunidade de externá-lo, a cada passo, por algum feito, por repousar nele o verdadeiro bem-estar íntimo que satisfaz a consciência, alegra o semblante e, como recompensa maior, transmite à criatura o agradável sentimento do dever cumprido.

Todas as faculdades tendem a estiolar-se, quando não são regularmente exercitadas. O exercício fortalece e revigora. Ele é tão necessário à mente, quanto ao corpo. O exercício da mente consiste na prática habitual de atos e pensamentos de valor, que precisam ser estimulados desde a infância.

Esses atos e esses pensamentos podem ser revelados no lar quando o adolescente assume a responsabilidade das suas faltas, quando se solidariza com as dificuldades e os sofrimentos dos seus pais e irmãos e quando é capaz de um gesto de desprendimento e renúncia em favor do próximo.

Revelam-se também na escola, quando o estudante sabe ganhar e perder nas pelejas esportivas, quando procede com dignidade no estudo e nos exames, quando reconhece os esforços dos pais e tudo faz para tornar-se merecedor do sacrifício destes.

Exercitados pelo adolescente esses altos atributos espirituais, entrará ele na segunda fase da juventude com um preparo moral em que se refletirão, nitidamente, os traços de valor de que é dotado.

Isso o habilitará a resistir às tentações mundanas próprias da idade, a viver com método e disciplina, a encarar o trabalho como um prêmio e a exigir para si o mesmo respeito que dispensa ao semelhante.

Na idade madura, em que – como esclarece o Capítulo 6 – as células do organismo atingem a máxima vitalidade e o espírito conserva o precioso tesouro representado pelos ensinamentos colhidos na adolescência e na juventude, precisa o ser humano contar com esse bom cabedal para não ser influenciado pelos erros e vícios que predominam no meio ambiente.

Atitudes de valor acima de tudo desassombradas, quando preciso, arrojadas, se o momento o exigir – mas sempre serenas e tranqüilas, ponderadas e justas, inflexíveis e retas – eis a característica principal desse notável atributo.

Todo indivíduo que vive sob os ditames da honra e do dever, que molda os seus hábitos e costumes com a argamassa dos princípios cristalinos da moral cristã e se mantém sob o dinâmico estímulo das vibrações do bem, está permanentemente envolto numa couraça impenetrável às arremetidas do mal.

Essa couraça, ainda que invisível, conserva toda a sua rigidez enquanto o ser humano se mantiver vigilante. Um descuido pode pôr tudo a perder. Mas os fortes, apoiados no esclarecimento, fazem por não se descuidar, e a finalidade do Racionalismo Cristão é, precisamente, orientar e esclarecer os fortes para que não se descuidem, e os fracos para se tornarem fortes.

O valor do indivíduo principia onde começa o domínio de si mesmo. A qualidade essencial, necessária ao desenvolvimento do valor, consiste em saber ele controlar os nervos e os pensamentos,

subjugando os ímpetos e as inclinações condenáveis para que o raciocínio possa apontar-lhe as melhores soluções.

A criatura que tiver de exercer cargos de direção precisa, antes, aprender a dirigir-se a si mesma e a dar exemplos de serenidade, de coragem, de honra e valor, contendo-se diante dos quadros emotivos que a vida lhe oferece, para não se descontrolar nem causar prejuízo aos seus subalternos.

Atos de Justiça

Os atos de justiça são praticados, em regra, quando o espírito procede com serenidade, imparcialidade e interesse pela verdade. O mundo carece tanto de justiça quanto de homens de valor e de honra.

Por isso, ser justo, valoroso e honrado deve constituir a mais séria aspiração do espírito humano. Mas, entenda-se: ninguém pode ser justo sem ser tolerante e moderado, sem compreender a vida na sua complexidade, na sua feição espiritual e conteúdo realista.

A compreensão clara e verdadeira da vida habilita o ser a acelerar o desenvolvimento e a apuração de suas qualidades espirituais para diminuir o número de reencarnações neste mundo-escola de ambiência sofredora, onde a ignorância gerou o materialismo em que a humanidade se afunda e , com ele, a degradação moral infiltrada em todas as camadas sociais.

Essa compreensão dá ao indivíduo um sentimento prático de renúncia às coisas terrenas, pela certeza da transitoriedade da sua permanência neste planeta e de que são de uso provisório as riquezas materiais, com as quais somente poderá conseguir alguns objetivos de limitado alcance.

As riquezas materiais não pertencem ao indivíduo, mas ao mundo que as empresta aos seus habitantes para as administrar e delas fazerem bom uso, como efêmera recompensa pelos seus esforços e realizações.

O espírito de renúncia, de desprendimento, de abnegação, de sacrifício e de solidariedade humana é, pois, o resultado da superior compreensão da vida que aproxima fraternalmente os seres uns dos outros, como partículas irmãs de um único Todo.

Não se confunda, porém, esse elevado sentimento espiritual com o desinteresse pelas coisas, originado nos desenganos e desilusões que fazem os indivíduos apáticos, céticos, solitários, boêmios, exóticos ou sectaristas fanáticos.

O espírito esclarecido e, por isso mesmo, forte, não se deixa abater por desilusões ou desenganos. Compreende as causas das fraquezas e da maldade das criaturas, não confia em perfeições, que sabe não existirem, e aceita os acontecimentos com racional entendimento.

Verdadeiro, leal, honesto e equilibrado, não se esquece, nos momentos de perigo, que a sua integridade moral deve pairar acima de todas as considerações e interesses, e não teme as conseqüências da sua posição inflexível contra a corrupção.

Cavar o Próprio Abismo

As forças do mal – tenha-se isto sempre em mente – jamais prevalecerão sobre as do bem. Estas, no final de todas as convulsões, são as únicas que permanecerão eternamente. Aquelas agem transitoriamente, num período de tempo que marca a sua própria destruição. Todos os maus atos danificam gravemente o caráter de quem os pratica, e deixam na personalidade espiritual marcas difíceis de apagar.

Fortalecer, pois, os atributos de valor para resistir aos procedimentos indignos, é uma necessidade imperiosa e inabalável.

Não são poucos os egoístas e inescrupulosos que, com falsas aparências, vivem a enganar o próximo, procurando tirar proveito de todas as situações. Indiferentes à desgraça alheia, só se

comprazem com a satisfação dos seus interesses, por mais vis que sejam.

Com esse indigno procedimento, entretanto, cavam, sem se aperceberem, o próprio abismo, para cujo fundo estão caminhando e do qual somente poderão sair à custa de indizíveis sofrimentos.

Os gestos de grandeza espiritual em que reluzem os índices testificadores do valor são os que mais enobrecem as criaturas e lhes proporcionam a almejada felicidade. O valor está para a luz como a fraqueza para as trevas. Ambos mutuamente se repelem.

Nenhum ser consciente poderá preferir a ação negativa à positiva, o nada ao todo, o atraso ao progresso, a dúvida à certeza, o fracasso ao êxito, o medo à coragem, e a escuridão à luz.

Os que fazem a troca do belo pelo horrendo, no simbolismo dessas comparações, são seres obliterados que puseram de lado o bom-senso e estão ao sabor de uma consciência apática, inteiramente deformada na apreciação dos valores autênticos.

Em todas as suas obras, o Racionalismo Cristão propugna pela transformação desse infeliz estado de consciência da humanidade, em parte motivado por seu abandono a um sectarismo obscurantista que desconhece o processo evolucionário da vida e os deveres espirituais das criaturas.

As ações boas ou más, além de nunca se perderem, acarretam conseqüências correspondentes, por força das leis naturais que regem o Universo.

A conseqüência da paralisação do coração é a desencarnação: da explosão de uma bomba, a destruição; da rotação da Terra em torno do seu próprio eixo, o dia e a noite.

Assim – e irrevogavelmente – as boas ou más ações determinam para o seu agente, como conseqüência, um resultado que corresponde, invariavelmente, à natureza dos pensamentos que as geraram.

Enganam-se, portanto, aqueles que pensam poder escapar aos efeitos dos seus atos através do perdão ou de outros expedientes. Não existem perdões no plano espiritual nem deuses para perdoar.

Urge raciocinar para bem viver. Urge proceder com independência, valendo-se, cada qual, dos próprios recursos morais e espirituais de que dispuser. Quem fizer o mal terá que resgatá-lo, inapelavelmente, mais cedo ou mais tarde.

Somente os atos de valor engrandecem a personalidade e enobrecem o caráter. Os que os praticam tornam-se colaboradores eficazes na obra de pacificação e espiritualização das massas humanas.

13. O CARÁTER

O caráter é representado pela soma de qualidades morais do indivíduo, em que se destacam as suas virtudes e o conjunto de valores espirituais conquistados de encarnação em encarnação.

Esse valioso atributo expressa o nível de espiritualidade do ser humano, que pode ser aferido pela firmeza e retidão com que procede em seus atos cotidianos.

Mais do que pela honestidade da conduta nas transações comerciais ou no exercício de qualquer função, o caráter se revela pela intransigente repulsa à pusilanimidade, à intriga, à inveja, às atitudes dúbias, à prevaricação, à deslealdade, aos movimentos traiçoeiros, enfim, a todas as ações indignas.

São poucos, na realidade, os seres possuidores de caráter verdadeiramente lapidado. Isto porque somente nas últimas encarnações terrenas essa lapidação poderá ser considerada perfeita.

Nem sempre o indivíduo culto possui o melhor caráter, pois um grande número deles faz da cultura um instrumento de esperteza.

Não se pode negar, entretanto, a vantagem, e mais do que a vantagem, a necessidade da instrução e da cultura, por oferecerem uma larga contribuição ao desenvolvimento da inteligência e da capacidade de raciocinar – meio pelo qual o espírito analisa, confronta, deduz e conclui, para poder chegar ao conhecimento da verdade da vida.

É o caráter um dos mais ricos e preciosos bens do espírito. A sua aquisição, porém, não é nada fácil. Ao contrário, exige prolongados períodos de meditação em numerosas encarnações, ao longo das quais as conclusões vão amadurecendo sob a dura prova da experiência.

Só depois de incontáveis desenganos e de sofrer muitos agravos, injustiças e ingratidões é que o indivíduo mede, no íntimo da sua

natureza espiritual, a extensão das misérias humanas contra as quais se revolta, enojado dessas baixezas – fato que o leva a sentir repugnância por elas.

Assim, de repugnância em repugnância às mazelas reconhecidas e experimentadas, o espírito vai-se libertando das ações inferiores para colocar-se, por convicção haurida do esclarecimento, nas linhas rígidas de uma conduta modelar.

Em qualquer setor da atividade – e não apenas nas lides literárias e científicas – pode o ser humano exercitar-se no desenvolvimento da inteligência, nas fábricas, no comércio, na agricultura, na escola, na oficina, no lar. Qualquer ambiente de trabalho honrado lhe oferece constantes oportunidades para o aprimoramento do seu caráter, sempre obedecendo a uma progressão normal em que não cabem transformações radicais nem regenerações sumárias. Jamais, entretanto, se poderá operar sem esforço, boa-vontade e, acima de tudo, sem a consciência esclarecida aliada à noção do dever e ao interesse em cumpri-lo.

Os pais e professores que estiverem à altura de transmitir aos filhos e aos discípulos – no tocante à retidão do caráter – a linguagem viva e altissonante do exemplo, exercerão excepcional influência no espírito destes, que se traduzirá em acatamento, obediência e respeito.

Não há exagero na afirmação de que o mundo carece, cada vez mais, de pais e professores competentes e honrados. Porque os que o são realmente, possuem em suas mãos prodigiosos instrumentos de lapidação, com o quais muito contribuem para o aperfeiçoamento do caráter dos adolescentes que têm aos seus cuidados.

Há pais cujo caráter se revela inferior ao dos filhos, assim como existem professores que o são, apenas, pelos seus dotes intelectuais. Os maus exemplos, porém, não são imitados pelos que têm discernimento espiritual para senti-los e condená-los. Pais e

professores de mau caráter de um lado, e filhos e alunos mais evoluídos do outro, marcham sempre em rotas diferentes, buscando cada um satisfazer os seus anseios, sejam estes enfermiços e viciosos, ou benéficos e purificadores.

A tarefa do professor não se deve limitar à instrução pedagógica dos alunos. A escola, por complementar o lar, impõe aos mestres o irrecusável dever de levar conceitos remodeladores aos discípulos, capazes de torná-los bons cidadãos.

Se a ação dos professores é altamente meritória no aperfeiçoamento do caráter dos discentes, de maior relevo é, ainda, a dos pais, a quem impende o inescusável dever de observarem as linhas gerais do caráter dos filhos, quando pequeninos, por ser essa a fase em que a correção oferece melhores resultados.

Meio Termo

Na definição das linhas do caráter, todos deverão considerar o meio-termo, a posição eqüidistante dos extremos, em que o equilíbrio se estabelece.

O critério, a eqüidade, o bom-senso, a pontualidade, a lealdade, a harmonia, a coragem, a hombridade, o bom-humor, a dignidade, a gratidão, a polidez, a fidelidade, o comedimento, a veracidade, o respeito próprio e pelo semelhante, e o zelo, são atributos que, cultivados devidamente, constituem virtudes primaciais enobrecedoras do espírito, para as quais se volta o ser humano desejoso de conquistá-las para a moldagem e o enriquecimento do seu complexo espiritual, do qual depende o caráter aprimorado.

O medo e a temeridade são dois extremos, em cujo ponto médio está a coragem – virtude componente da fisionomia do caráter.

Todos os atributos morais estão eqüidistantes desses dois extremos. Ainda em posições extremas, situam-se o perdulário e o avarento, mas o comedido fica no centro, que representa a posição ideal para todos os seres de caráter bem formado.

Nessas mesmas posições extremas estão as qualidades negativas que inferiorizam o espírito, enquanto que no centro, ao contrário, refulgem as positivas, ideais, construtivas que o engrandecem, fazendo-o crescer na escala ascendente da evolução.

Como o perdulário e o avarento, também a malquerença e a adoração ocupam pontos extremos, mas a amizade e a virtude têm lugar destacado no centro.

Homens e mulheres se despencam pelos flancos de perigosos abismos, por não quererem compreender que entre duas forças iguais e opostas existe sempre um ponto central de equilíbrio, em que deveriam manter-se para poderem desfrutar as vantagens que ele oferece.

Tanto a malquerença como a adoração criam situações condenáveis: enquanto a malquerença desperta o sentimento de aversão, de ódio e vingança com os mais perniciosos efeitos para o agente, a adoração conduz ao temor, à humildade subserviente e subalterna, à subjugação das iniciativas, à alienação da vontade, à falta de confiança do indivíduo em si mesmo, sempre em desprestígio do espírito e em flagrante anulação do seu próprio valor.

Em ambos os sentimentos aqui apenas citados como exemplo, a evolução ou se retarda ou não se produz, o que muito prejudica o caráter. Trabalhar para aperfeiçoar, cada vez mais, esse grande, esse incomparável atributo, é acumular riqueza espiritual de inexcedível valor.

Os bens materiais, já se fez ver, ficam na Terra. Os espirituais, não. Estes nunca se separam de quem os sabe acumular. E a melhor fortuna que o ser humano pode aspirar é a que se forma através de ações nobilitantes que refletem sempre a grandeza do caráter.

14. A FAMÍLIA

As sociedades bem constituídas têm como base, como fundamento, como suporte a família.

Quando esta se distingue pelo cultivo das superiores qualidades do espírito sem se deixar contaminar pelo vírus da corrupção, a sua contribuição para elevar os índices de aprimoramento das coletividades é relevantíssima.

Assim como a força de coesão mantém unidas as células dos corpos na fase utilitária e no meio em que se encontram, também as famílias necessitam dessa força de coesão para se ligarem uma às outras como células de um todo, e compor uma sociedade homogênea, progressista e pacífica, inclinada ao desenvolvimento das mais significativas virtudes.

Essa força de coesão só poderá resultar da afinidade de sentimentos elevados, das nobres aspirações alimentadas, da solidariedade nos atos de aperfeiçoamento e na desindividualização dos esforços empregados em benefício comum.

Quanto maior for o número desses núcleos familiares a desenvolver essa força de coesão, tanto mais altos serão os índices de moralidade e honradez no meio ambiente.

O comportamento da coletividade, refletindo o estado da maioria dos seus componentes, representa o nível médio do aperfeiçoamento de um povo, revelando a sua capacidade produtiva e realizadora, tanto no campo material, como no espiritual.

Nestas condições, cresce de importância, como um grande problema social, a constituição da família, como tal entendida não a união dos seres na desunião dos espíritos, mas o verdadeiro entrelaçamento espiritual e material dos cônjuges para as responsabilidades do lar e a perpetuação da espécie.

Aos que se casam, é indispensável a compreensão dos deveres e direitos de cada cônjuge, que não são, em regra, iguais, mas complementares.

É na associação de interesses voltados para o mesmo fim, sentidos com inteligência e realizados com dedicação, que se formam e consolidam os laços espirituais que prendem o marido à mulher e esta ao marido, pondo em segundo lugar o interesse físico que, quando deturpado, tanto inferioriza a humanidade.

Ao encarnar, traz o espírito, entre outros deveres, o de constituir família, decidido a honrá-la e a dignificá-la à custa de quaisquer sacrifícios.

Cometem, pois, grave delito espiritual os que, por ação ou omissão, contribuem para a ruína do lar e o desmoronamento da família.

As coletividades, de que se formam as nações, serão grandes e respeitadas sempre que os fundamentos de sua constituição moral, representados pelos elos espirituais que ligam as famílias umas às outras, possuírem um liame suficientemente forte para repelir os efeitos das correntes malignas pelas quais passam as vibrações da corrupção, do sensualismo desenfreado, da egolatria e da imoralidade.

A família é o núcleo em que devem ser exercitadas as virtudes do afeto, da tolerância, da lealdade, do desprendimento, da renúncia, da fidelidade, do sacrifício, do respeito e da comunhão de sentimentos.

Como corolário, o lar é uma escola de aperfeiçoamento espiritual e um campo de desenvolvimento psíquico.

Como os erros são fáceis de cometer e difíceis de reparar, impõe-se, para evitá-los, a permanente vigilância do ser humano sobre si mesmo.

Livro Aberto

Embora grandes, as responsabilidades no lar que pesam sobre um casal não são maiores do que a sua capacidade de suportá-las.

Do marido para a mulher e desta para o marido, precisa haver absoluta confiança. Para isso, é necessário que a alma de um esteja sempre em condições de poder apresentar-se à do outro como um livro aberto. Nenhum ato devem praticar de que se possam envergonhar intimamente e se preocupem em esconder.

A situação de reserva, o fato de terem de ocultar faltas, de sentirem necessidade de mentir para sustentar as boas aparências é altamente prejudicial ao caráter, além de dificultar a evolução espiritual. A vida no lar será muito mais feliz se cada cônjuge fizer jus à confiança irrestrita e ao apoio moral do outro.

A infidelidade e a prevaricação são atos que além de ferirem a decência, mancham, indelevelmente, a conduta traçada no plano espiritual para uma encarnação.

Pensamentos honestos e força de vontade em ação são armas poderosas que a criatura deve usar para proteger-se das investidas das forças inferiores que tentam envolvê-la nos fluidos perniciosos de suas correntes, tão logo percebam a afinidade de um sentimento inclinado à prevaricação.

A mulher e o homem se completam no lar como duas medidas de compensação no equilíbrio de uma situação que deve e precisa ser permanente.

Assim como o espírito se liga a todo o conjunto corpóreo por cordões fluídicos, para possibilitar o equilíbrio das funções humanas, também a ação espiritual se desdobra na constituição do lar, para delegar ao homem atribuições da mais alta capacidade do pensamento e de apurado tirocínio, e à mulher funções que mais se prendem à sensibilidade e docilidade do seu sentimento, sem excluir os dotes do intelecto tantas e tantas vezes por ela demonstrados.

Dessa maneira, é necessário que cada qual se esforce por desempenhar bem o seu papel. Unidos, cumprirão a árdua e dignificante tarefa; distanciados em espírito, semearão a discórdia e o desentendimento, e a obra ficará por fazer.

Entendimento e Compreensão

Assim como o violino e o arco são dois corpos diferentes que se unem para produzir sublimes sons musicais nas mãos do artista, também os dois seres que se unem pelo casamento, embora dotados de qualidades e atribuições diferentes, têm o dever de auxiliar-se mutuamente, sob a influência das vibrações harmônicas do entendimento e da compreensão.

Homens e mulheres nunca se devem preocupar com os valores da contribuição que oferecem, por serem eles aferidos por medidas diferentes. Os líquidos são medidos por unidade de volume, enquanto que os tecidos o são por unidades lineares. Não pode, por isso, haver comparação e equivalência entre os dois corpos.

É impossível, de igual modo, estabelecer comparação equitativa entre a produção masculina e a feminina por faltar-lhe a unidade fundamental, donde se conclui que as atribuições da mulher e do homem, embora de igual valor, não podem ser invertidas sem contrariar as leis naturais e sem produzirem o desequilíbrio correspondente a essa inversão.

O espírito não tem sexo, ainda que se verifiquem na Terra tendências e ações masculinas e femininas. É ele próprio quem delibera a respeito do sexo que vai adotar, quando se decide a reencarnar.

Em regra geral, se encarna como mulher, é para ser mãe. E essa tendência é tão acentuada que manifesta (mal começa a dar os primeiros passos na vida terrena) interesse especial pelas bonecas, cujo corpo afaga como se fosse a mãe a acarinhar o filho. O mesmo

se dá com o menino, que volta a sua atenção para os cavalinhos, os automóveis ou caixas de ferramentas.

O instinto materno desperta na mulher desde os albores da infância, e ser mãe – de corpo e alma devotada a essa missão – é o mais nobre e elevado dos seus deveres na Terra.

As atenções que forem dispensadas à esposa para auxiliá-la a cumprir as suas obrigações no lar, e à filha para que se torne boa mãe, por maiores que sejam, jamais poderão ser consideradas exageradas. A mulher precisa receber desvelado tratamento para não falhar nos seus altos ideais sintetizados na grandeza do lar e da prole.

Na obra da regeneração dos costumes da humanidade desempenha ela um papel da mais alta relevância, para cumprimento do qual precisa estar em contato permanente com os filhos – que serão os pais e os dirigentes de amanhã – esforçando-se por educá-los nos moldes de uma conduta moral impregnada de virtudes.

As crianças possuem um subconsciente plasmável que as torna sensíveis a receber a influência da orientação que lhes for ministrada – educação que deve ser pautada nos princípios de honestidade e do amor ao trabalho e à verdade – para se tornarem, no futuro, bons cidadãos, excelentes maridos e mulheres e pais exemplares.

Bom-Humor

Aos componentes de um lar, jamais deverão faltar a serenidade e o bom-humor, cujo cultivo é da maior necessidade. Inconciliável com o pessimismo, de que é grande inimigo, o bom-humor abre o caminho ao triunfo, já que desarma os pensamentos derrotistas e os receios infundados, afugentando o nervosismo.

O indivíduo bem-humorado reflete alegria no semblante, confiança em si mesmo e dispõe do essencial para gozar boa saúde.

O lar exige dos seus integrantes desprendimento e tolerância para não faltarem entre eles a harmonia e o entendimento e não se enfraquecerem os laços de amizade que os devem unir cada vez mais solidamente.

Tenha-se sempre em vista que sendo todos imperfeitos, suscetíveis de incorrerem em erros, estes não devem ser encarados com indignação ou revolta, mas com calma e compreensão, para o que é necessário dominar o temperamento impulsivo, violento e intempestivo.

O temperamento do casal pode diferir do homem para a mulher como difere o dos filhos de uns para com os outros, mas essa diferença é perfeitamente compreensível desde que se levem em conta as diversas categorias espirituais existentes nos membros de uma mesma família.

Uma das grandes virtudes humanas consiste em saber respeitar o ponto-de-vista alheio e jamais perder o hábito da polidez.

O homem precisa contribuir com uma parcela de esforços tão pesada quanto a da esposa, para manter a união e a unidade da família. À sombra do seu nome honrado, todos no lar se devem sentir felizes.

A autoridade moral dos pais tem como fundamentos mais importantes, mais profundos, os atos e os exemplos da sua vida e essa autoridade será maior ou menor consoante a lisura, a sensatez e a honestidade do seu procedimento.

Os bons pais vão buscar os exemplos na indesviável retidão da sua conduta, quando precisam dar lições aos filhos, nunca admitindo que estes adquiram vícios, e não poupam esforços para que se espelhem na sua própria vida e os imitem no comportamento, na dedicação à família, na honradez e no amor ao trabalho.

Os filhos, por sua vez, precisam ouvir os ponderados conselhos paternos para se premunirem contra os riscos e perigos a que vão ficar sujeitos no curso da vida.

A remodelação da humanidade começa pela remodelação dos costumes da família. É princípio firmado que cada indivíduo é o que quer ser, dentro das possibilidades humanas. Do mesmo modo se confirma o adágio de que cada povo tem o governo que merece.

Daí, a necessidade de serem elevados, sempre e sempre, os índices de constituição da família, para que as nações possam ter uma direção à altura do seu desenvolvimento espiritual e da sua consciência moral.

O bem-estar e a felicidade de um povo facilmente se aferem pelos sentimentos que o prendem ao lar e à família. Os que se recusam, sem motivo sério, a constituí-la, faltam aos seus deveres, ofendem a sociedade e não podem ser considerados bons cidadãos.

15. EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Um velho e sábio aforismo ensina que ninguém pode dar o que não possui.

Na fase atual que o mundo atravessa, os homens e as mulheres preparados para ministrar aos filhos uma educação à altura das exigências da vida espiritual e material estão em lamentável minoria.

Os pais, verdadeiramente dignos desse nome, não são os que se limitam a procriar, irresponsavelmente, mas os que medem e pesam as responsabilidades decorrentes do matrimônio e se preparam para cumprir, com consciência, os pesados deveres que a paternidade impõe.

O ato de reproduzir é meramente instintivo, dada a natureza dos corpos dos animais em geral, mas, em se tratando de seres humanos, as conseqüências que dele resultam são as mais sérias e graves.

Os filhos, via-de-regra, são o retrato dos pais. Com o imenso poder de assimilação que possuem na infância, gravam no subconsciente, indelevelmente, o que vêem os adultos fazer, e procuram imitá-los.

Por isso, não é possível dissociar o lar da escola – que ele também é, acima de tudo – escola boa ou má, da qual os pais, que são os mestres, estão continuamente a ministrar aos alunos – os filhos – lições e exemplos de disciplina ou indisciplina, de virtude ou de vícios, de trabalho ou de ociosidade, de honradez ou de desonra, de coragem ou de pusilanimidade, de verdade ou de impostura, de dignidade ou de envilecimento, de ordem ou de desordem, de vergonha ou de desfaçatez, de lealdade ou de traição, de sinceridade ou de hipocrisia.

O trabalho de educar inicia-se no berço. Com poucos dias de nascida, começa a criança a manifestar inclinações e tendências que

precisam receber estímulos quando boas, e repressão severa e intransigente sempre que se revelarem desarrazoadas e inconvenientes.

As responsabilidades do casal, durante a infância dos filhos, são imensas, exigindo da mulher e do marido, para a educação destes, além de vigilância permanente, todo o valor, sacrifício e espírito de renúncia de que forem capazes. Essa educação deverá ocupar o primeiro plano no interesse dos pais, e de ministrá-la não deverão eles nunca prescindir.

Compreensão e Entendimento

Os pais não devem atemorizar os filhos com gritos e ameaças, mas proceder com calma, compreensão e entendimento para conquistar-lhes a confiança, a amizade e o respeito. Um bom processo educativo consiste em manterem o hábito de estabelecer com eles freqüentes palestras, das quais se aproveitem, inteligentemente, para abordar as faltas que tenham observado e auxiliá-los a corrigir-se, indicando-lhes o que devem e precisam fazer para isso.

No fundo da alma, os filhos, ainda que não o demonstrem, são sempre gratos aos pais quando sentem o interesse destes pelo seu futuro, segurança, felicidade e bem-estar.

Ao castigo físico, que dever ser aplicado em casos extremos, e moderadamente, os pais deverão preferir a supressão de regalias, por determinado espaço de tempo.

Todavia, se a gravidade da falta o exigir, esse castigo somente deverá ser ministrado se o pai ou a mãe estiverem absolutamente serenos, pois o nervosismo e a conseqüente alteração do tom usual da voz, não só lhes subtrai toda autoridade para fazê-lo, como produz na alma dos filhos, além do sentimento de revolta, um efeito contrário ao que tinham em vista os genitores.

Toda ação educativa deve ter como finalidade e fonte de inspiração o desejo sincero dos pais de fortalecerem a personalidade e o caráter dos filhos. A censura diante de estranhos é de todo inconveniente, por humilhar a criança e ferir a sua sensibilidade.

Procedimento Criminoso

O modo de proceder de muitos pais descarregando sobre os filhos a “raiva” de que se achem possuídos e fazendo deles a válvula de escape do seu nervosismo e mau-humor não é, apenas, uma atitude errada, mas profundamente criminosa, por contribuir para que eles os vejam como uns brutos, uns desalmados e se tornem falsos e dissimulados, passando a esconder as ações (que antes praticavam na presença dos pais), a fim de fugirem ao castigo.

Os conselhos do pai e da mãe precisam ser ministrados sempre que se fizerem necessários e oportunos. A vigilância atenta e permanente, com a finalidade de descobrir as falhas de caráter que forem sendo reveladas, apontará o momento adequado.

Tendências vaidosas, impontualidade, desleixo, desmazelo, mexericos, mentiras, descortesias, falta de respeito, impolidez, delação, pusilanimidade, malvadez, farsa, deslealdade e fingimento são índices denunciadores de grandes falhas no caráter, exigindo que as crianças delas tomem conhecimento e ouçam, com a atenção e o respeito devidos, as admoestações educativas dos seus pais, que deverão ser ministradas com amor e interesse, em considerações claras, objetivas e incisivas.

Na educação dos filhos precisam imperar sempre – e acima de tudo – a sinceridade, a lealdade, a justiça e a verdade. A curiosidade natural dos pequenos seres deve ser satisfeita, nunca por meio de artificiosas mentiras convencionais, sempre

desabonadoras, mas com explicações racionais e convincentes, ao alcance do intelecto infantil.

Na obra da natureza nada existe de feio ou vergonhoso, quando os limites das leis naturais são respeitados. Vergonhosos são os vícios, a licenciosidade, a ofensa aos bons costumes e a falta de respeito e de senso moral.

Aos que se dispuserem a raciocinar e a fazer bom uso da inteligência, não faltarão recursos de linguagem para transmitir aos filhos uma idéia sã, relacionada com as delicadas funções da existência terrena.

Confiança nos Pais

Os filhos precisam ser habituados a confiar nos pais para que estes possam orientá-los, esclarecê-los e ajudá-los a buscar a solução para os seus problemas. Essa confiança, porém, deixará de existir se os genitores não tiverem moralidade, decência, comedimento, sensatez, brio, coerência e conduta exemplar, numa palavra: se não procederem como desejam que os filhos procedam.

Controle e vigilância discretos são duas práticas que se devem fazer sempre presentes na ação educativa ministrada pelos pais – “Dize-me com quem andas e eu te direi quem és” – eis o que um velho brocardo previne. As más companhias são sempre prejudiciais e a tendência para o mal é uma realidade, tanto mais que para ela concorrem a influência sempre nefasta do astral inferior e os erros acumulados em encarnações passadas.

Não têm conta os desvios que se verificam por influência das más companhias, das liberdades excessivas, das contemporizações acima do razoável e das facilidades e concessões aparentemente inofensivas.

Meninos e meninas, moços e moças devem procurar no lar, e não fora dele, o aconchego conselheiro, o ambiente ameno e confortador e o refúgio contra as tentações e os perigos.

Embora as transformações radicais não sejam possíveis nem mesmo no próprio convívio do lar, nele, entretanto, podem ser alcançadas grandes conquistas para o aperfeiçoamento da personalidade. Mas quando isso não puder ser conseguido devido à rebeldia temperamental de certos espíritos encarnados, qualquer melhoramento deverá ser motivo de regozijo, porque essa conquista, por diminuta que pareça, tem sempre o seu valor.

Por corresponder a uma ação construtiva cujos resultados se multiplicam, de geração em geração, nunca serão demasiados os esforços dispendidos pelos pais na educação dos filhos, que deverá ser fundamentada, invariavelmente, nesta importante trilogia: trabalho, honradez e disciplina.

16. FENÔMENOS FÍSICOS E PSÍQUICOS

Os fenômenos físicos, apesar de diferirem, em sua classificação, dos de natureza psíquica, são ocasionados pelo mesmo poder e possuem, em essência, uma origem comum.

Como o Universo se compõe de Força e Matéria, tanto nas manifestações físicas quanto nas psíquicas o agente é sempre um – a Força Universal – a apresentar-se de múltiplas maneiras.

A exteriorização da Força, quer obedecendo às leis do plano físico, quer do psíquico, não ultrapassa os limites da fenomenologia normal enquadrada nas leis naturais, e fornece preciosos elementos, na órbita da espiritualidade, para estudos transcendentais.

Os sentidos mais comuns que se observam no organismo humano – como o olfato, a visão, o tato, a audição e o paladar – não se originam, como muitos erroneamente pensam, no corpo físico, mas no espírito, que os exterioriza por meio de órgãos adequados, que não funcionam sem as vibrações espirituais e o impulso que lhes são transmitidos, semelhantemente ao violino cujas cordas, para produzirem sons, precisam ser feridas pelo violinista.

Nem todas as suas faculdades podem ser manifestadas pelo espírito, enquanto encarnado. O sentido telepático, comum no plano astral, é uma delas. Somente quando alcançar um estado de superior evolução, terá a humanidade condições para usar essa faculdade na Terra.

Na situação atual do mundo ela seria bastante perigosa, já que se constituiria numa válvula de retenção das misérias humanas que precisam ser conscientemente combatidas e não recalcadas.

Nos mundo que lhes são próprios, os espíritos se entendem pelos pensamentos. Na Terra, por muito e muito tempo, ainda perdurará, como forma, como maneira de exteriorizá-los, a linguagem articulada.

Os fenômenos psíquicos se manifestam de acordo com o grau de evolução e as peculiaridades de cada espírito. A mediunidade, que se expressa por várias formas, traz ao conhecimento humano inequívocas demonstrações desses fenômenos. Isto porque a sensibilidade dos médiuns é mais apurada do que a dos demais seres, o que lhes permite entrar em contato com as vibrações do plano psíquico.

Vibrações harmônicas ou que se casem e ajustem, associam-se entre si.

Ligação dos dois Planos

O médium é um elemento de ligação dos dois planos – o físico e o psíquico – sendo essa a razão de quase sempre se revelarem por seu intermédio os fenômenos psíquicos.

Quanto mais sensível o indivíduo, maiores possibilidades tem de captar vibrações. Dessas vibrações, que são diferentes umas das outras, o espaço está repleto, podendo cada vibração captada produzir uma revelação ou fenômeno correspondente.

As retinas dos olhos humanos podem captar as vibrações da luz solar, mas não as da luz astral, a não ser quando intervém o médium com a sua sensibilidade, através do fenômeno, muito conhecido, da clarividência.

O médium de incorporação pode, em determinadas condições psíquicas, desdobrar-se e esse fenômeno, desde que praticado disciplinarmente, é de grande utilidade.

Entende-se por desdobramento o afastamento do espírito e do seu corpo astral do corpo físico do médium, por alguns momentos, ficando a ele ligado por cordões fluídicos.

O que se dá com todos durante o sono, ocorre com o médium de incorporação acordado, em trabalhos de desdobramento.

A segurança dos instrumentos mediúnicos, nesse caso, é assegurada pelas Forças Superiores que dirigem as operações de Limpeza Psíquica realizadas pelo Racionalismo Cristão.

O trabalho das Forças Superiores que astralmente supervisionam e dirigem a Limpeza Psíquica, constitui uma das mais notáveis realizações, no campo do espiritismo, pelos seus resultados benéficos em favor da humanidade.

Os que apenas se restringem a apreciar os fenômenos físicos fechando o raciocínio à análise da fenomenologia psíquica, possuem uma visão bem estreita das coisas espirituais. A dialética desses seres, girando dentro de um círculo de acanhadas dimensões, desaparece diante do vasto cenário ocupado pela ciência psíquica.

Dentre os fenômenos espiríticos, são as materializações, as levitações e os transportes de objetos sem contato que mais impressionam a massa humana, alheia aos poderes espirituais.

Alguns desses fenômenos são produzidos por espíritos galhofeiros do astral inferior que, agindo invisivelmente, arremessam objetos e produzem ruídos, ou por indivíduos a eles aliados que fazem mau uso da faculdade mediúnica para obter vantagens, geralmente pecuniárias.

Não são raros também os médiuns que assim procedem em condenáveis práticas com o intuito de alcançar efeitos sensacionalistas, principalmente na imprensa, e, ainda, para atrair prosélitos do meio ignorante em espiritualismo, representados por indivíduos que andam por aí mergulhados em superstições e atidos a credices entorpecentes, originárias das místicas dogmáticas.

É sabido que a matéria organizada, simples, se reduz ao átomo – uma partícula de ínfima dimensão, imperceptível à visão normal do ser humano.

Mas como, não obstante essa invisibilidade, a sua existência é real, ele aí está compondo e formando todos os corpos e passando,

invisivelmente, de um para o outro, sob a ação de uma Força de igual modo invisível.

É óbvio que a mesma Força que conduz um átomo transporta incontável número deles, sem alterar o equilíbrio universal. As leis que imperam nesta ação são dos plano astral, independentes das que se conhecem no mundo físico.

Todos podem sentir neste planeta a atuação das forças da natureza, que são parcelas da Força Total, agindo, combinada e equilibradamente, no concerto harmônico do universo.

Ao ser humano não é difícil constatar a força atômica, a força interatômica, a força intermolecular, a força de gravidade, a força de atração dos corpos, a força magnética e as diversas outras forças que mantêm a Terra em perfeito equilíbrio, num movimento conjugado de todos os corpos opacos e luminosos que giram, incessantemente, no espaço sideral.

Essas e outras forças atuam diretamente sobre o átomo, com a intensidade dosada pela Inteligência Universal para manter o universo em condições de completa estabilidade.

Isto quer dizer que quaisquer outras forças que atuam no átomo para produzir fenômenos psíquicos são impulsionadas pelo espírito, por ser este uma partícula da Força Total, da qual possui poderes congêneres, porém limitados ao estado de evolução já alcançado.

Força do Pensamento

De acordo com o seu desenvolvimento, conta o espírito com suficiente força para, pela ação do pensamento, modificar ou alterar determinadas condições físicas. Os fenômenos psíquicos – é bom que isso fique bem claro – realizam-se pela ação do pensamento de espíritos encarnados ou desencarnados, agindo isolada ou conjuntamente.

Nesse caso está a levitação, somente possível quando a força do pensamento for suficientemente intensificada para anular a força de gravidade que atua sobre os átomos de um corpo.

Quando isso acontece, o corpo, assim levitado, passa a pairar em qualquer ponto do espaço, em obediência à força que o mantém.

Uma segunda força, também oriunda do poder do pensamento, pode ser aplicada para dar movimento direcional ao corpo.

De igual modo são operadas as materializações. Para consumir-se uma materialização, há necessidade de realizar-se, simultaneamente, uma desmaterialização, verificando-se, no caso, uma remoção de átomos em forma fluídica, dirigida até mesmo através de obstáculos quase todos relativamente porosos, como paredes, assoalhos e tetos.

Na levitação e transporte não opera, apenas, a força que se contrapõe à da gravidade, mas também a que imprime movimento. Nas materializações, além dessas duas, existe mais a que interfere na força de coesão, anulando-a no ato da desmaterialização e utilizando-a, em seguida, na materialização.

Em tais fenômenos, como é evidente, nada há de sobrenatural. O que ocorre, em verdade, são simples manifestações da Força, em suas numerosas realizações.

E, note-se: tudo o que aqui está mencionado com relação aos poderes, nada mais representa que uma parcela ínfima daqueles que o espírito terá quando alcançar um alto grau de evolução e passar a desenvolver-se nos elevados domínios do Astral Superior.

Por ser Força e Poder cresce ele em potencial espiritual à medida que evolui, e na proporção dessa evolução. Seus pensamentos se traduzem em ideais tanto mais altos, quanto maior for a concentração desses poderes.

17. A MEDIUNIDADE

Uma das faculdades do espírito humano que mais reclamam atencioso e demorado estudo é a mediúcnica, da qual lamentavelmente se têm muito pouco ocupado as organizações científicas. É esta, sem dúvida, uma lacuna que terá de ser preenchida com o progressivo desenvolvimento espiritual dos seres.

A mediunidade, que se manifesta de múltiplas maneiras – de acordo com o grau de evolução de uma ou mais de suas modalidades – é faculdade inata no espírito de todos os seres encarnados que dispõem, pelo menos, da intuitiva, a qual varia, ainda assim, de indivíduo para indivíduo, de conformidade com o desenvolvimento que vai obtendo, de encarnação em encarnação.

A mediunidade é sempre útil, quando bem aproveitada, mas altamente prejudicial se colocada ao serviço do mal. Os bons ou maus pensamentos se atraem, na razão direta da sua afinidade, e o seu instrumento de captação é a faculdade mediúcnica.

O espaço ocupado pela atmosfera terrestre está repleto não só de espíritos como de pensamentos, daí resultando as vibrações de duas correntes distintas, classificadas como do bem e do mal.

Todo indivíduo de caráter bem formado que mantenha o pensamento voltado para as realizações úteis e alimente o desejo sincero de progredir espiritualmente, esforçando-se por alcançar esse alto objetivo, terá a envolvê-lo as correntes do bem, fortalecidas pela irradiação das Forças Superiores. Com essa benéfica assistência o êxito é mais fácil.

De igual modo, quando se predispõe à prática do mal, as suas vibrações espirituais estabelecem os pólos de atração das correntes afins do astral inferior, e passam então os obsessores, valendo-se da mediunidade intuitiva do infeliz, a influenciá-lo, mentalmente, para o levar a cometer desatinos.

O fato, em si, não tem nada de extraordinário: as más intenções, refletidas nos pensamentos, encontram, no espaço inferior situado na atmosfera que envolve o planeta, correntes organizadas que a tais intenções se justapõem pela identidade formada entre vibrações da mesma natureza.

Os que, grandes ou pequenos, ricos ou pobres, humildes ou poderosos vivem à margem dos bons preceitos morais; os que praticam, oculta ou ostensivamente, ações indignas; os que trazem afivelada ao rosto a máscara da bondade e escondem na alma as mais feias vilanias; os assassinos, os ladrões, os vigaristas, os salafrários, os traidores, os desleais, os falsos, os hipócritas, os mentirosos, os valentões, os desordeiros, os pusilânimes, os vadios e, em geral, todos os patifes, não passam, sem o saber, de seres escravizados a falanges obsessoras que os tornam instrumentos dóceis da sua vontade e os levam a praticar as mais abomináveis ações.

Essas falanges encontram todas as facilidades no ambiente da vida física, em virtude da mediunidade dos seres e da corrente de apoio que os maus pensamentos humanos dão aos obsessores.

Quanto mais desenvolvida tiver a mediunidade, tanto maiores são os perigos a que a criatura está exposta no seu viver cotidiano.

É da máxima importância, por isso, que cada um se esforce por conhecer o grau de desenvolvimento da sua faculdade ou faculdades mediúnicas, a fim de poder orientar-se, com acerto, no controle dos pensamentos.

Muitos loucos são médiuns desenvolvidos que chegaram à obsessão pelo desconhecimento de suas faculdades. A loucura é, via-de-regra, produto da ignorância da vida fora da matéria.

No dia em que as organizações científicas, despidas de preconceitos ou influências sectárias, se dispuserem a estudar a mediunidade, sob os seus vários aspectos e peculiaridades, compreenderão a necessidade inadiável de ser feita uma campanha

de esclarecimento da humanidade por meio da mais ampla divulgação dos resultados desses estudos, para que as criaturas se compenetrem de que precisam imprimir uma orientação sadia à sua vida, a fim de que o número de loucos se reduza aos descuidados, aos negligentes e aos desatentos.

Modalidades Mediúnicas

Não há somente a mediunidade intuitiva, que é a mais comum. Outras existem e, entre elas, a de incorporação, peculiares, apenas, a certos indivíduos.

Denomina-se mediunidade de incorporação aquela em que a ação do espírito atuante é facilmente notada sobre o corpo físico do médium. Se muitas das faculdades mediúnicas podem passar despercebidas, o mesmo não acontece com a de incorporação cuja observação a ninguém escapa, no momento da atuação.

Poderão dar-lhe outros nomes, atribuir-lhe outras causas para justificar o ignorado, mas a verdade é uma única e, mais cedo ou mais tarde, o reconhecimento da mediunidade de incorporação, como faculdade espiritual, terá de impor-se, pela sua evidência, como todas as coisas palpáveis do planeta.

As modalidades mediúnicas mais comuns, que se observam neste mundo, são a intuitiva, a olfativa, a vidente, a auditiva, a psicográfica, a clarividente e a de incorporação, com os correspondentes fenômenos de desdobramento, de materialização, de levitação e de transporte.

A faculdade mediúnica varia, em suas manifestações, de indivíduo para indivíduo, de acordo com o seu temperamento, o sistema nervoso, o sentimento que o anima, a sensibilidade e o grau de evolução.

O médium de incorporação nem mesmo se precisa concentrar para receber a influência dos espíritos do astral inferior, pois a sua sensibilidade e o sistema nervoso estão de tal forma predispostos

que lhe basta, para ser brutal ou brandamente atuado – conforme os sentimentos que animarem o obsessor atuante – a ação do pensamento.

Uma vez, entretanto, concentrado com o propósito de deixar-se atuar, a justaposição do espírito atuante ao seu corpo se fará com intensidade, sem que o instrumento mediúnico perca a consciência.

Esse espírito serve-se da mediunidade do instrumento de incorporação para exteriorizar o seu pensamento, deslocando-se, ligeiramente, o espírito do médium em concentração da posição normal para facilitar a captação dos pensamentos transmitidos.

A telepatia – conforme já se esclareceu no Capítulo 16 desta obra – é faculdade ainda não sensivelmente desenvolvida na espécie humana. Apesar disso, alguns espíritos encarnados já a possuem.

A mediunidade intuitiva está intimamente ligada à estrutura do embrionário órgão telepático, que é um reflexo da sensibilidade psíquica cujo desenvolvimento se irá, a seu tempo, denunciando.

Conseqüentemente, a mediunidade intuitiva, a de incorporação e as funções rudimentares do incipiente órgão telepático perfazem, em ações coordenadas e complementares, uma soma de três predicados espirituais cujo desenvolvimento, quando sob rigoroso controle, oferece os mais perfeitos resultados na captação de pensamentos de espíritos desencarnados ou não.

Nas correntes do Astral Superior os médiuns transmitem voluntariamente, de um modo geral, o que os espíritos lhes intuem. Como, porém, não perdem o controle de si mesmos, deixam de proferir as inconveniências acaso intuídas, quando atuados por obsessores.

O Mal da Ignorância

Em todas as camadas sociais há indivíduos que possuem, sem o saber, além da intuitiva, da qual todos os seres humanos são portadores, a mediunidade da incorporação. Por se conservarem

nessa ignorância, uns acabam praticando o suicídio, outros desaparecem em desastres, muitos superlotam os hospitais, as cadeias e penitenciárias, e grande parte desses indivíduos, com a faculdade menos desenvolvida, vive a provocar desordens, a perder-se no jogo, a deprimir-se no álcool e a arruinar-se na sensualidade desenfreada.

Os espíritos desencarnados que perambulam no astral inferior rapidamente identificam os encarnados que possuem a mediunidade de incorporação, ao notarem a facilidade com que eles recebem as suas intuições, o que não se dá com os demais.

Com isso, a criatura dotada dessa faculdade será fatalmente vítima de tais espíritos, se não estiver esclarecida e preparada para repelir o seu contato maléfico.

Contam-se aos milhões, no astral inferior, os espíritos alcoviteiros, intrigantes, desleais, facciosos e amantes de discussões que encontram, na mediunidade de incorporação dos encarnados, campo aberto para satisfazer os desejos malignos que alimentam e saciar as suas más paixões nos lares onde a disciplina preconizada pelo Racionalismo Cristão não é praticada.

É bom não se perder de vista que os afins se atraem e cada um se revela de acordo com o seu modo de pensar. Quem gosta da maledicência, da intrujice, do mexerico, produz pensamentos correspondentes e atrai, para junto de si, obsessores de igual gosto.

Quando, porém, o autor de tais pensamentos é um médium de incorporação, a situação se torna muito mais grave, por ficar ele sujeito a receber constantes cargas dos afins desencarnados que o incitam contra os seus desafetos e os inimigos dos próprios obsessores.

Disciplina do Pensamento

A disciplina do pensamento, que é prática indispensável a todos, muito mais deve ser, ainda, aos médiuns. Estes, embora muitas

vezes bem intencionados, podem tornar-se vítimas de ciladas do astral inferior e cometer desatinos de graves conseqüências.

O médium precisa saber selecionar as pessoas de suas relações e evitar conversas impróprias. As preocupações demasiadas e os trabalhos excessivos não são recomendáveis. Deve cuidar-se física e espiritualmente, para manter em boa forma a sua capacidade de reação contra o desânimo e o desalento.

O trabalho, além de constituir um forte estímulo para o corpo físico, é a mais proveitosa das distrações para o espírito, cuja atenção deve estar constantemente voltada para coisas úteis e honestas.

Não há dúvida de que todos têm necessidade de descanso, repouso e recreação nas horas próprias. Nunca, porém, deverá alguém entregar-se à ociosidade, que é sempre prejudicial, principalmente em se tratando de médiuns.

Necessidade de Esclarecimento

A discussão constitui um forte ímã de atração das forças do astral inferior. Dela nascem o desentendimento, a mágoa e o ressentimento que tanto contribuem para destruir a harmonia e a afetividade.

Os médiuns, por serem muito sensíveis e vibráteis, são facilmente empolgáveis com o que os outros dizem ou fazem que se ajuste ou choque com as emoções do seu temperamento.

Daí a necessidade que têm de esclarecimento, para se saberem defender, no ambiente em que vivem, dos golpes desferidos pelas terríveis forças maléficas que envolvem o mundo e têm, como ponto de apoio, os milhões de médiuns ignorantes, displicentes e incautos dispersos pelo planeta.

A mediunidade, como todas as faculdades espirituais, desenvolve-se, progressivamente, de encarnação em encarnação. Desde o primeiro grau de evolução nas camadas humanas mais

atrasadas, nos ritos selvagens, na prática da magia, começam certos indivíduos a desenvolvê-la sem preparo psíquico, sem conhecimento dos riscos a que se expõem pela inobservância da disciplina que deveria acompanhar tal desenvolvimento.

Isso explica o fato de encontrar-se o mundo repleto de criaturas perturbadas e anormais, de paranóicos e desequilibrados, de obsedados e dementes.

Quem desenvolve a mediunidade fora da disciplina aconselhada pelo Racionalismo Cristão – é bom repetir – corre todos os riscos, inclusive o da loucura.

A garantia do médium está precisamente em saber resguardar-se da ação das forças inferiores para não se tornar um instrumento inconsciente ao serviço da perversidade e da mistificação dessas forças do mal.

Para viver com aproveitamento, precisa o ser humano conhecer-se a si mesmo, partindo do princípio básico e fundamental de que é composto de Força e Matéria. A Força é o Espírito. A Matéria apenas o veículo, o instrumento, o meio de que ele se serve para promover a sua evolução na Terra.

A Matéria não tem faculdades. Essas, que são inumeráveis, pertencem todas ao espírito, convindo assinalar que somente pequena parte delas é revelada na vida terrena.

A faculdade mediúnica é das mais importantes, pela influência que exerce na existência de cada um.

Procurar, pois, estudá-la, para conhecê-la através de sua complexidade e múltiplas manifestações, é dever que se impõe a todos os seres humanos que querem viver conscientemente e não vegetar.

18. A OBSESSÃO

A obsessão é um dos males de que mais sofre a humanidade.

Seu perigo maior está precisamente em não ser percebida nos seus aspectos menos chocantes pelos que desconhecem as verdades espiritualistas que o Racionalismo Cristão difunde, principalmente na parte referente à vida fora da matéria.

A obsessão pode apresentar-se de forma sutil, amena, periódica, permanente, branda ou violenta.

Nas formas sutis e amenas, manifesta-se por manias, pavores, esquisitices, fobias, cacoetes, excentricidades, exotismos, extravagâncias, paixões, fanatismos, covardia, indolência e por todos os excessos, como os sexuais, os de comer, os de rir ou chorar, e muitos outros.

No Capítulo 17, que trata da mediunidade, vimos como agem os espíritos obsessores sobre os indivíduos que os atraem com pensamentos afins.

Apesar de toda a ação deletéria que as forças do astral inferior exercem sobre a humanidade, forçoso é reconhecer que a culpa da obsessão cabe, em grande parte, às próprias vítimas, por haverem, quando sãs, alimentado os pensamentos com que formaram as correntes de atração em que se apoiaram os obsessores.

Está exhaustivamente demonstrado nesta obra – e os fatos o vêm, todos os dias, confirmando – que os pensamentos de perversidade, de vingança, de ódio e outros semelhantes, vibram em todas as direções do espaço inferior, estabelecendo imediato contato entre quem os emite e os espíritos obsessores.

As baixas camadas do astral inferior estão, pois, ligadas, por estreita afinidade, às criaturas mal-humoradas, às vingativas, invejosas, irritadas e desonestas, assim como àquelas que alimentam fraquezas e vícios.

Essas criaturas, ainda mesmo quando não aparentem estar obsedadas, criam um clima profundamente danoso a si mesmas e aos membros das famílias ou pessoas com quem convivem, forçados uns e outros a participar do mesmo ambiente, sem possuírem os esclarecimentos capazes de minimizar os efeitos perniciosos da má assistência.

O resultado é, quase sempre, a perturbação ou obsessão dessas pessoas, em qualquer das formas benigna ou violenta.

Nem sempre o espírito obsessor tem consciência do mal que produz. Ele é também vítima dos erros que praticou, quando encarnado, pelo desconhecimento da vida fora da matéria.

Essa lamentável ignorância fê-lo prisioneiro do ambiente atmosférico da Terra, levado pela cegueira de falsas crenças e persuadido de que nada mais existe para os que desencarnam além do ilusório meio em que passaram a viver.

Procura, então, desenvolver qualquer atividade nesse ambiente, passando a intuir os seus ex-parentes, amigos e conhecidos, na suposição de que pratica uma boa ação ou por sentir prazer nessa atividade.

Essas intuições, se bem aceitas, fornecem estímulo para outras, estabelecendo intensa co-participação dos espíritos do astral inferior com os seres encarnados. Quando isto acontece, o caminho para a obsessão está aberto.

Os obsessores, sempre que a afinidade for intensa, não se apartam da vítima, pelo prazer que têm de permanecer onde se sentem bem. Quando a obsessão é provocada por espíritos que foram inimigos do obsedado na Terra, a ação perturbadora é exercida com maior violência contra ele, tornando-se mesmo comuns as crises furiosas.

Inexistência da Morte

A concepção da morte resulta de um conceito da vida completamente errado. Na verdade ela jamais existiu. O espírito – será necessário repeti-lo? – é um ser imperecível. Por isso, não morre nunca.

Devem, portanto, as criaturas esforçar-se por refazer-se, o mais depressa possível, do choque causado pela desencarnação de parentes e amigos, para não se enfraquecerem espiritualmente.

Diz a sabedoria popular, com justa razão, “o que não tem remédio remediado está”. É perfeitamente inútil permanecer alguém a lamentar uma situação passada. A preocupação deve estar voltada para o presente, do qual depende o futuro.

Pensar – já se tem dito muitas vezes – é atrair. Todos os que se prendem pelo pensamento a seres desencarnados estacionados no astral inferior, não só os estão atraindo e perturbando mais, como retardando a sua marcha para o mundo a que pertencem, estimulando-os a permanecer em contato com as coisas terrenas, inclusive os problemas da vida familiar, e concorrendo para torná-los obsessores.

Convém insistir: os espíritos que levaram, quando encarnados, uma vida irregular, materializada e abundante de falhas, permanecem no astral inferior, não raro por decênios, agindo perversamente contra os encarnados. Sua preocupação é a intuição para o mal. Servem-se, para isso, de criaturas de vontade fraca que usam como instrumentos passivos para a consumação dos seus crimes. Daí os homicídios, os suicídios e tantas outras calamidades sociais.

Esses espíritos atuam isoladamente ou em falanges obsessoras bem adestradas para melhor alcançar os seus objetivos. Suas organizações possuem vigias atentos escalados em vários pontos, prontos para dar o sinal no instante preciso e promoverem a convocação de outros obsessores para a ação em conjunto.

Como a união faz a força, obtêm geralmente resultados satisfatórios sobre os encarnados desprevenidos e alheios às suas tramas, ora obsedando-os, ora levando-os a cometer tresloucadas ações, com os sentidos inteiramente perturbados.

Sem este esclarecimento não há quem possa fugir à influência obsessoria, nem impedir que forças externas interfiram nos seus atos e em seu eu espiritual.

Só os esclarecidos que têm consciência do valor dessas poderosas forças que se chamam – vontade e pensamento –, são capazes de manter à distância os obsessores.

Caminhos da Obsessão

Em vários dos capítulos desta obra estão claramente indicados os caminhos que levam à obsessão – doença psíquica causada pelo mau uso do livre arbítrio, a vontade mal educada, a incontinência e desregramentos sexuais, o descontrole nos atos cotidianos, o nervosismo irrefreado, os desejos insuperáveis, a ambição desmedida e o temperamento voluntarioso.

Ao fazer mau uso do livre arbítrio, contraria o ser humano as leis naturais que estabelecem normas de vida corretas, seguras e apropriadas. Essa faculdade assegura a cada um o direito de conduzir-se por si mesmo, com liberdade e independência de ação, como convém aos seres dotados de raciocínio, mas torna-o responsável por todos os atos que pratica.

Com o raciocínio bem exercitado na solução dos problemas que constantemente se apresentam, tendo sempre presente o aspecto honrado da questão, todos podem manter-se dentro das regras de boa conduta, fazendo assim uso adequado do livre arbítrio.

Os que se afastam desse caminho fazem-no porque querem, porque se deixaram enfraquecer, e o enfraquecimento enseja a atração de espíritos do astral inferior que, em maior ou menor espaço de tempo, acabam por produzir a obsessão.

A vontade mal educada provém da indolência, da indiferença e da negligência para com as coisas sérias da vida. O indolente está sempre à espera de que os outros façam o que ele próprio deve fazer. Não gosta de horários e tem horror à disciplina. Inimigo do trabalho e da ordem, nada faz pelo progresso.

Está, por isso, situado no plano dos parasitas. Enquanto o mundo exige atividade, dinamismo e ação, o indolente observa o que se passa sem vontade de participar ativamente do movimento que reclama a sua presença.

Ninguém se pode eximir do dever de trabalhar e de procurar no trabalho a verdadeira satisfação da vida. O Universo inteiro é uma oficina de trabalho permanente, em que todos precisam ser operários ativos e diligentes.

Os que assim não procedem ficam colocados espiritualmente num plano inferior da vida, não passando de marginais, como marginais são os espíritos do astral inferior com os quais, por força da lei de atração, se associam.

Na incontinência e desregramentos sexuais, estão os germes do materialismo obsedante, cujos pilares são a luxúria e outros vícios. Subjugado a esse estado, dá o ser humano expansão aos seus instintos animalizados, proporcionando franco acolhimento aos espíritos do astral inferior, seus afins, que concorrem para obsedá-lo.

Todos os atos cotidianos precisam ser executados com o maior critério e honestidade. A organização social obedece a um esquema cujos traços principais definem a posição que os seres devem adotar no intercâmbio das relações humanas, sem perder de vista o respeito próprio e o devido ao semelhante.

Para esse fim, precisam ter controle nas suas atitudes, domínio sobre si mesmos e o raciocínio em ação. O descontrole em atos e palavras, além de gerar ofensas e, muitas vezes, arrependimentos,

dá causa a freqüentes ressentimentos que custam a passar e criam antipatias e inimizades.

Irritação, Descontrole e Ambição Desmedida

Os espíritos do astral inferior gostam de aproveitar-se dos seres descontrolados, irritadiços e irrefletidos que não pensam antes de falar, para se divertirem com os efeitos de sua atuação.

Seres descontrolados são, pois, instrumentos do astral inferior e, se não estão obsedados, caminham para a obsessão.

O nervosismo desenfreado traz a irritação, a intolerância, a irreflexão e a imprudência – males que conduzem a deplorável estado psíquico – pelo que deve ser severamente controlado, por ser o agente de perturbação que mais facilita a atuação de espíritos obsessores.

O neurótico, de um modo geral, cuida pouco da saúde e não se esforça por dominar os seus ímpetos. O resultado é estar sempre caindo nas malhas insidiosas do astral inferior, seguindo o caminho desastrado da obsessão.

Desejos insuperáveis são aspirações inatingíveis. Há indivíduos de desmedida ambição que nunca se contentam com o que possuem. Sempre queixosos, acham que merecem mais, vivendo em permanente estado de insatisfação.

É perfeitamente racional – e até elogiável – que cada um procure melhorar as condições de vida e não poupe esforços para alcançar essa melhoria. Isso não se consegue, porém, com desânimo e lamúrias que só servem para agravar as situações difíceis e debilitar as energias espirituais.

A ambição sem limites, associada à revolta íntima, produz mau-humor, do qual se aproveitam espíritos do astral inferior para atuar sobre os revoltados, incutindo-lhes na mente os mais sombrios pensamentos capazes de os levarem à obsessão e, por via dela, a outros males.

A lei da atração não falha. Ao seu império, todos estão sujeitos. O ser humano precisa compenetrar-se da transitoriedade das coisas que pertencem à Terra. A escravização aos valores materiais, tão facilmente perecíveis, além de atrasar a evolução espiritual, tem causado muitos e muitos sofrimentos.

A ambição comedida é natural. A desenfreada, uma fobia em que o egoísmo e a egolatria influem decisivamente. Os ambiciosos e descomedidos não olham os meios para obter os fins: lesam, usurpam e açambarcam. Domina-os a idéia obsessiva do ganho rápido, mesmo através de manobras extorsivas e escorchantes.

Para esses, não existem contemplanções nem meios-terminos. A determinação é avançar. Arquitetam golpes ousados, pouco lhes importando que eles firam os preceitos da moral e da honradez.

O mundo está cheio desses tipos que são, em grande parte, a causa do seu desequilíbrio econômico. Eles estão divididos em dois gigantescos blocos: um na Terra especulando e agindo com enorme desembaraço e astúcia, e outro igualmente ativo e astucioso, no astral inferior, composto de desencarnados que procediam neste mundo como procedem os seus atuais parceiros encarnados.

Os dois blocos, intimamente associados, gozam da mesma volúpia que alimenta a obsessão de um e de outro.

Temperamento Voluntarioso

O temperamento voluntarioso reflete a personalidade egocêntrica dos que entendem que a razão está exclusivamente do seu lado e querem impor aos outros as próprias idéias.

Esses indivíduos estão freqüentemente em choque com os demais, mesmo que tais choques não sejam exteriorizados, e nada é mais divertido para os espíritos do astral inferior do que assistirem aos choques humanos. Isso assanha os obsessores. Como andam sempre à espera do momento propício que lhes permita a atuação, o indivíduo voluntarioso vive marcado por eles. A cada passo

lobrigam o ensejo de armar um atrito. Na falta de outra ocupação, esta, para eles, é absorvente.

O voluntarioso irrita-se, facilmente, quando o ponto-de-vista alheio não coincide com o seu, tornando-se um fomentador de contrariedades.

Não é preciso salientar o que essa forma de obsessão – aliás comuníssima – representa para os seres humanos.

Insidiosamente, vai ela penetrando, com lentidão, no subconsciente, até tomar conta da criatura. Esta, não se apercebendo do envolvimento de que está sendo vítima, não reage, não se opõe, não dá importância ao mal que, por força do hábito, acaba por tornar-se-lhe agradável, facilitando o domínio dos obsessores que passam a ser mais atuantes, mais violentos e difíceis de afastar.

Todo cuidado é pouco, e só o conhecimento de como se processa a evolução assegura ao indivíduo as condições, os recursos, os meios de defender-se da obsessão.

As atrações apaixonantes, pelo prazer e o impulso convidativo com que impelem as vítimas para as suas cariciosas redes, são as mais perigosas. Até os esclarecidos primários rolam, às vezes, por esse despenhadeiro.

Abalos Morais e Roteiro Seguro

Ninguém se deve deixar abater. Há momentos na vida em que os abalos morais – alguns de grande intensidade – sacodem, impiedosamente, a alma humana. A esta, porém, não faltam forças para reagir e dominar a situação, principalmente quando se apóia no conhecimento da vida real e da verdade. São esses conhecimentos as suas armas e os seus escudos mais fortes porque, quando bem manejados, levam sempre ao triunfo.

Quantas e quantas vezes a simples partida de um ente querido para o além – coisa tão natural na vida – conduz ao inconformismo, à aflição e ao desespero!

Com isto o espírito desencarnado, não esclarecido, se aflige, sofre, procura intuir para acalmar e, como não o consegue, acaba por tornar-se obsessivo, perturbando e levando à obsessão o intuído.

O melhor procedimento dos que ficam para com os que partem é elevar o pensamento à Forças Superiores com firmeza e convicção, envolvendo-os na ternura e no calor da irradiação amiga para auxiliá-los a romper a camada atmosférica terrestre e a seguirem para os mundos a que pertencem.

Empenha-se o Racionalismo Cristão em oferecer aos seres humanos um roteiro seguro para uma vida sadia e evolutiva. É a finalidade desta obra.

Grande parte da humanidade é vítima da obsessão, exatamente por desconhecer os recursos, os elementos, os meios que tem ao seu alcance para evitá-la ou livrar-se dela.

Alguns sintomas do estado inicial da obsessão podem ser observados nos seguintes casos:

- 1) tendência para dar risadas sem motivo ou a pretexto de coisas fúteis;
- 2) manifestação de cacoetes;
- 3) vontade de chorar, sem razão plausível;
- 4) comer exageradamente;
- 5) estar sempre com sono;
- 6) sentir prazer na ociosidade;
- 7) exteriorização de manias;
- 8) idéias fixas;
- 9) fazer gracinhas tolas;
- 10) amofinar, persistentemente, o próximo;
- 11) repetir, mecanicamente, o mesmo dito;
- 12) deixar-se dominar por paixões;

- 13) prevenções descabidas;
- 14) casmurrices;
- 15) práticas viciosas;
- 16) atos de ostentação;
- 17) explosões temperamentais;
- 18) mistificação;
- 19) dizer mentiras;
- 20) expressar-se licenciosamente;
- 21) revelar covardia;
- 22) usar palavrões;
- 23) demonstrar fanatismo;
- 24) gesticular e falar sozinho;
- 25) ser sistematicamente importuno;
- 26) ouvir e ver coisas fantásticas;
- 27) gastar acima do que deve e pode;
- 28) manias de doença;
- 29) descuidar-se das obrigações no lar e no trabalho;
- 30) abandonar os deveres caseiros, ausentando-se do seio da família;
- 31) viver num mundo distante, sonhadoramente; e,
- 32) provocar ou alimentar discussões.

Qualquer destas atitudes, ainda mesmo quando não constitua um estado de anormalidade mental adiantada, predispõe à obsessão.

Não é demais insistir neste ponto: a linguagem dos espíritos desencarnados é o pensamento. Pelo pensamento identificam eles os sentimentos das criaturas, as suas intenções e tendências, e disso se prevalecem os obsessores para estimular, pela intuição, os vícios e as fraquezas humanas.

Por higiene mental, não se deve pensar em intrigantes, caluniadores, desafetos e, em geral, nas pessoas de maus sentimentos.

Pensar em tais seres é ligar-se à sua má assistência espiritual, receber influências malignas e correr o risco de avassalamento.

19. A DESOBSESSÃO

A desobsessão é feita, com melhores resultados, nas correntes fluídicas organizadas pelo Astral Superior nas Casas Racionalistas Cristãs. Nas Sessões Públicas de Limpeza Psíquica que se realizam no Centro Redentor e suas Filiais e Correspondentes, o obsedado fica em cadeira adequada, sentado à mesa das Sessões (um de cada lado do fecho) rodeado por três esteios. Estes, cautelosamente, o observam, aplicando-lhe a disciplina do sacudimento. De quando em vez, dão-lhe a beber um pouco de água fluídica.

O sacudimento tem por fim facilitar o arrebatamento, pelos espíritos do Astral Superior, ali presentes, do obsessor do corpo do obsedado. O obsedado freqüentemente estrebucha na cadeira, revelando a ação do obsessor, que se obstina em não deixar a vítima. Sendo necessário, atam-se à cadeira os pés, as mãos e a cintura do obsedado, para evitar que se machuque com as contorções violentas que algumas vezes faz.

Os esteios irradiam, confiantes, para melhor reforçar a corrente e facilitar a ação desobsessora. Enquanto isso, a Sessão prossegue com serenidade e segurança, não dando nenhum dos auxiliares, a partir do presidente, a menor importância às reclamações ou protestos que o obsedado faça. Depois que o obsessor é arrancado, o obsedado se acalma, sentindo profunda prostração, em virtude da perda de vida anímica que lhe foi sugada pelo obsessor.

O obsedado, porém, ainda não está bom. A desorganização celular provocada pelo obsessor foi grande, e há necessidade de retornar o equilíbrio às unidades desajustadas do organismo. Nesse estado, se não puder contar em sua casa com pessoas que o assistam, aplicando a disciplina e a correção aconselhadas pela Doutrina, está sujeito a atrair outro obsessor, dos milhões que existem na superfície da Terra e em sua atmosfera, dificultando ou impossibilitando a sua normalização.

No entanto, se as pessoas da casa ajudarem, fazendo as irradiações em torno do obsedado, duas vezes ao dia, durante cinco minutos, sacudindo-o, durante essas irradiações, rapidamente se operará a sua desobsessão, se o estado de inquietação do enfermo não tornar necessárias outras disciplinas.

Os obsedados alimentam, em regra, os desejos dos obsessores, que são de comida forte e excitante, razão pela qual lhes deve ser ministrado, durante o tratamento, um regime alimentar de convalescente, que os obsessores detestam.

Não se deve esquecer que os espíritos da camada mais baixa do astral inferior conservam os mesmos costumes e vícios que tinham, quando encarnados. Assim para alimentarem as exigências do seu “eu” materializado, que intensamente sentem, apegam-se e unem-se fortemente aos encarnados afins que os possam saciar, ainda que ilusoriamente. No tratamento da obsessão, esta particularidade não pode ser esquecida.

Os obsedados devem continuar o tratamento até ficarem normalizados, comparecendo regularmente às Sessões de Limpeza Psíquica praticadas nas Casas Racionalistas, onde se lhes aplica a disciplina já descrita.

Ali vão ouvindo as doutrinações e, não obstante o seu estado ainda de perturbação ou de desajustamento, alguma coisa do que ouvem fica gravada no seu perispírito, produzindo efeitos benéficos. Os seus acompanhantes também vão adquirindo, por esse meio, conhecimentos que os habilitam a prosseguir no tratamento da desobsessão em casa.

Os milhões de obsessores que povoam o astral inferior têm, cada qual, as suas preferências e escolhem as vítimas encarnadas de acordo com a afinidade que por elas sentem ou os sentimentos que os animam com relação a essas mesmas vítimas. Os pensamentos afins são sempre o ímã de atração.

Há os que gostam de bebidas alcoólicas, os que foram gastrônomos e continuam com o mesmo vício, e os fumantes e escravos de outros hábitos viciosos, todos empenhados em satisfazer os seus intemperados desejos. As vibrações harmônicas do obsessor e do obsedado conjugam-se, fundem-se, ajustam-se e se encaixam de tal maneira uma na outra, que se torna difícil a separação.

A desobsessão de um ser rancoroso e vingativo é sempre problemática porque, alimentando o ódio e malquerença, revela grande inferioridade espiritual, com cujo sentimento se torna um associado permanente dos espíritos inferiores. Em tais casos a enfermidade passa a ser incurável, desde que o livre arbítrio da criatura continue a ser empregado para o mal.

Depois de desobsedado, limpo psiquicamente, é preciso fortificar não só o seu espírito, mas também o corpo, danificados ambos pelos maus fluidos e grande perda de energia anímica, o que se consegue pela reeducação da vontade e disciplina de pensamento.

O bom êxito desse segundo período de desobsessão é mais difícil de ser alcançado, por depender da reeducação da vontade do normalizando e da reação contra novas obsessões. Os vícios provocados pelos obsessores ficam tão arraigados em seu espírito, que só os deixa a muito custo. Sob a influência desta disciplina, começa o normalizando a raciocinar e a dominar os vícios próprios e aqueles que foram desenvolvidos pelos obsessores, e quando se lhe tornar fácil esse domínio, não mais de deixará obsedar.

A normalização das crianças se fará desobsedando e esclarecendo os pais e as demais pessoas com quem convivem, levando-as, assiduamente, às correntes fluídicas das Casas Racionalistas.

As crianças também se normalizam com a mudança de ambiente, quando retiradas do meio onde agem os espíritos do astral inferior

(atraídos pelos vícios e maus pensamentos dos adultos), para outro em que o viver ameno seja pautado pelos Princípios que esta obra explana.

20. SÍNTESE DOS PRINCÍPIOS RACIONAIS

Todo o Universo é regido por leis comuns e naturais. Tais leis, das quais deriva o conhecido axioma – “conforme o ser pensar, assim será” – são imutáveis, e dentro delas faz-se especial menção à que regula a ação do pensamento.

Uma vez reconhecida essa verdade, isto é, a importância do pensamento como poderosa força de atração tanto do bem quanto do mal, deve a criatura, em seu benefício e no daqueles com quem convive, nortear a sua vida de modo a pôr em prática os conhecimentos adquiridos.

Para isso precisa adotar, como regras normativas de conduta, os princípios racionalistas cristãos que melhor se ajustem às ocasiões, para obter êxito em seus empreendimentos e ter boa assistência espiritual

Alguns, dos mais importantes, podem ser assim resumidos:

- 1) fortalecer a vontade para a prática do bem;
- 2) cultivar pensamentos elevados em favor do semelhante;
- 3) estender o seu auxílio a quem dele necessitar, quando os meios e a oportunidade o permitirem, mas não contribuir para sustentar a ociosidade e os vícios de quem quer que seja;
- 4) manter o equilíbrio das emoções na análise dos fatos para não afetar a serenidade necessária;
- 5) conduzir-se respeitosamente na linguagem e nas atitudes;
- 6) ter consideração pelo ponto-de-vista alheio, principalmente quando manifestado com sinceridade;
- 7) eliminar do hábito comum a discussão acalorada;
- 8) não desejar para os outros o que não quer para si;
- 9) combater a maledicência;
- 10) não se ligar pelo pensamento a pessoas maldosas, perturbadas e inconvenientes;

- 11) exercer o poder da vontade contra a irritação;
- 12) adotar, como norma disciplinar, o hábito sadio de somente tomar decisões que se inspirem no firme propósito de fazer justiça agindo, para isso, com ponderação, serenidade e valor;
- 13) repelir os maus pensamentos;
- 14) usar de comedimento no falar, vestir, trabalhar, dormir, alimentar e no recrear;
- 15) não se descuidar com a polidez e a pontualidade, por serem estas reflexos da boa educação;
- 16) impor às exigências da vida disciplina mental e física;
- 17) esquecer-se de quem tenha praticado ofensas, traições e ingratidões;
- 18) desviar do seu convívio social aqueles que não possuam envergadura moral;
- 19) reduzir ao tempo mínimo possível o contato que interesses materiais o obriguem a manter com pessoas inidôneas, esquecendo-as em seguida;
- 20) cultivar permanentemente o bom-humor, por meio do qual as células orgânicas recebem influências salutares;
- 21) promover, por todos os meios, inclusive os espirituais, a longevidade, atenta a criatura ao princípio de que a saúde do corpo depende do bom estado da alma;
- 22) dedicar-se integralmente à segurança e à estabilidade do lar;
- 23) conservar em plena forma a higiene mental e física;
- 24) apurar ao máximo o sentimento fraternal da amizade para com as pessoas de bem, com a finalidade de intensificar a corrente harmônica afim do planeta, em benefício comum.

Como duas são as correntes que envolvem o planeta – uma do bem e outra do mal – o ser humano terá que vibrar em harmonia com uma ou outra, não podendo ficar neutro. Lógico é, pois, – e

sensato – que se muna dos preciosos requisitos que o mantenham ligados à corrente do bem.

CONCLUSÃO

Terminada a leitura deste livro, impõe-se uma pergunta: como se comportará o leitor diante dos esclarecimentos que recebeu? Estará disposto a recapitular as suas partes mais importantes, pelo menos, para penetrar, para apreender, para sentir melhor ainda a vida e os princípios, as leis, os fundamentos pelos quais ela é regida?

Terá dado a esta obra a importância, o valor, o apreço que lhe são devidos? Irá mantê-la na mesa de cabeceira, para consulta diária, ou a relegará, como qualquer romance que tenha lido para passar o tempo, ao esquecimento, no fundo da estante?

O mal maior do mundo reside, precisamente, na indiferença com que os problemas sérios da vida são tratados. A mente, que tanto evolui com o exercício constante do raciocínio, é pouco solicitada pelos seres humanos, por estarem estes habituados a aceitar, sem maior exame, explicações que nada explicam a respeito dos porquês da vida, porque o obscurantismo religioso, impotente para prestar qualquer esclarecimento sério, diz aos seus adeptos serem misteriosos e impenetráveis os decretos divinos que a regulam.

Não há no Racionalismo Cristão – é bom insistir – interesses de natureza material a proteger. Dirigentes e auxiliares da Doutrina vivem do produto do seu trabalho honrado. Nela aprendem a disciplinar a atividade material e a espiritual para que uma não colida com a outra, e sentem-se felizes por poderem prestar ao semelhante uma contribuição que também receberam quando tiveram a felicidade de entrar em contato com o Racionalismo Cristão.

Estarão os seres humanos em condições de assimilar os ensinamentos desta Doutrina, para pô-los em prática no seu viver cotidiano? Claro que não. A maioria não admite, ainda, a vida sem proteção. Um Universo regido por leis naturais, que a ninguém especialmente distinguem nem concedem privilégios ou favores a

quem que seja, é difícil ser concebido por aqueles que trazem gravada na retina a imagem mental dos deuses e santos que povoaram a sua infância, levados pelas mãos dos pais ou preceptores.

Diz-se que os tempo são chegados para o despertar da humanidade. Observa-se, porém, uma acentuada prevalência dos valores materiais sobre os espirituais.

A juventude começa a repelir – e com razão – a idéia do céu e do inferno num Universo que a pesquisa científica se empenha em desvendar. E ao observar o logro multissecular de que tem sido vítima, com facilidade se deixa influenciar pelas perigosas seduções do materialismo ou das superstições místicas, correndo o risco de substituir um mal menor por outro maior.

Poderá o leitor imaginar o que seria o mundo atual se os templos de todas as religiões, ao invés de ensinarem a pedir, a rezar e a adorar, ministrassem aos seres humanos os esclarecedores princípios contidos nesta obra para uma vida sã e eficiente?

Será capaz de fazer idéia do que significaria para a humanidade a transformação desses templos em escolas de alto espiritualismo?

Aprender o ser humano a confiar em si mesmo, na ação da vontade e na força prodigiosa, imensurável do pensamento, eis o principal problema da vida!

Como se desenvolveria nele a capacidade criadora! E com que esplêndido material contaria para o aprimoramento dos atributos morais e de uma personalidade reta, conscienciosa, indobrável e viril!

* * *

Os erros do sectarismo religioso relacionados com a vida espiritual, por terem raízes muito profundas, não são fáceis de extirpar.

Atente-se para o fato de haverem eles gerado ódios tão grandes entre os homens, que os têm levado a cometer, uns contra os outros, as mais estarrecedoras violências e atrocidades.

Somente o conhecimento da vida espiritual e da origem comum de todos os seres dará ao homem forças para abrir novos horizontes na Terra, através dos quais a humanidade poderá encontrar os caminhos que a levarão às sonhadas paz e fraternidade e à construção de um mundo só.

É voltado para o mais alto interesse humano que o Racionalismo Cristão trabalha.

E esta obra foi escrita unicamente com esse objetivo. Oxalá estejam o que a lerem em condições de absorver os seus utilíssimos ensinamentos.